

## João de Barros, *Ásia*, Déc. I.iv

João de Barros (ca 1496-1570) spent his active life in the service of the Portuguese empire. Educated at King Manuel's court, he was sent to govern São Jorge da Mina in Ghana in 1522 and on his return became *tesoureiro* of the Casa da Índia (1525-28, 1532-68). In 1539 he obtained a licence to lead an armada of ten ships to explore the Maranhão coast of Brazil; the expedition ended in shipwreck and failure.

Barros's true vocation lay, however, in literature. By the age of twenty he had written *Crónica do Emperador Clarimundo* (publ. 1522), a chivalric romance on a legendary ancestor of the Portuguese monarchy. Leaving the India House in 1528, he devoted himself to humanist learning, writing the reformist dialogue *Rópica Pnefma* (1532), the most original Portuguese philosophical work of its time, and later a grammar and dialogue in praise of the Portuguese language (1540). Reappointed to the Crown service by João III as chronicler of the Indies, Barros finished the first two decades of *Ásia* by 1539 (published 1552; *Decade* III, 1563). The work is a showcase of Renaissance rhetoric, written in overt imitation of the classical histories of Rome to glorify the royal ideology of overseas expansion. Beginning with the rise of *aquele grande antecristo Mafamede* and the medieval crusade to wrest Portugal from its Muslim overlords, it makes the spread of Islam 'the logical point of departure for an understanding of how the Portuguese came to be in Asia' (Subrahmanyam, 51-54). *Decade* I, Book iv covers the first voyage of Vasco da Gama; the opening debate at the court of King Manuel sets the voyage in the framework of the Messianic sense of divine mission that inspired that monarch's imperial policy.

*Livro Quarto da Primeira Década da 'Ásia: Dos Feitos que os Portugueses Fizeram no Descobrimento e a Conquista dos Mares e Terras do Oriente', em que se contém como a Índia foi descoberta per mandado del-Rei Dom Manuel, deste nome o primeiro de Portugal.*

*Capítulo 1. Como el-Rei Dom Manuel no segundo ano do seu reinado mandou Vasco da Gama com quatro velas ao descobrimento da Índia.*

Falecido el-Rei Dom João sem legítimo filho que o sucedesse no reino, foi alevantado por rei, segundo ele leixava em seu testamento, o Duque de Beja Dom Manuel seu primo com-irmão, filho do Infante Dom Fernando, irmão del-Rei Dom Afonso, a quem per legítima sucessão era devida esta real herança; da qual recebeu posse pelo cetro dela que lhe foi entregue em Alcácer do Sal a 27 dias de Outubro do ano de nossa Redenção de 1495, sendo em idade de 26 anos, quatro meses e 25 dias (como mais particularmente escrevemos em a outra nossa parte intitulada *Europa*, e assi em sua própria *Crónica*).

E porque com estes reinos e senhorios também herdava o prosseguimento de tam alta impresa como seus antecessores tinham tomado, que era o descobrimento do Oriente per este nosso Mar Oceano, que tanta indústria, tanto trabalho e despesa per discurso de 75 anos tinha custado, quis logo no primeiro ano de seu reinado mostrar quanto desejo tinha de acrescentar à Coroa deste reino novos títulos sobre o senhorio de Guiné, que por razão deste descobrimento el-Rei Dom João seu primo tomou como posse da esperança de outros maiores estados que per esta via estavam por descobrir.

E não falando em as polícias ou molícias de *Ásia*, cuja gente é mui viciosa neste uso delas (de que Salústio já clamou, por serem causa da corrupção da modéstia e temperança do povo romano — culpa em que a maior parte da nação portuguesa ao presente jaz),<sup>1</sup> mas tratando dos fructos da natureza sem humano artifício que esta terra da Etiópia dá, bem lhe podemos chamar "paraíso de naturais delícias", porque não somente ela dá os necessários e proveitosos à vida humana, mas ainda dá almas criadas na inocência de seus primeiros padres que

---

<sup>1</sup> **polícias ou molícias de *Ásia***: learned play on *polícia* 'political constitution' (Greek πολιτεία) and *molícia* 'softness, effeminacy' (coined from Latin *mollitia*). **Salústio já clamou**: the diatribe of the historian Sallust (86-35 BC) on the decline of the Roman republic through corruption of its military virtue by contact with Asian luxury was a *locus classicus* of Latin historiography (*Catilina*, vi-xiii: 'lazing in Asia's voluptuous fleshpots soon softened [*molliverant*, cf. *molícia*] the fierce courage of the soldiers; it was there that the Roman army first learned to love, drink, and gawp at paintings or fine porcelain', &c., xi.5-6).

com mansidão e obediência metem o pescoço per fé e bautismo debaixo do jugo evangélico.<sup>2</sup> Mas parece que, por nossos pecados ou per algum juízo de Deus oculto a nós, nas entradas desta grande Etiópia que nós navegamos pôs um anjo percuciente com uma espada de fogo de mortais febres que nos impede não poder penetrar ao interior das fontes deste horto, de que procedem estes rios de ouro que per tantas partes da nossa conquista saem ao mar.<sup>3</sup>

Quanto à majestade da conquista da Índia e à fama que temos alcançado de tam ilustres vitórias como dela houvemos, e os títulos que a Coroa deste reino por isso conseguiu depois do falecimento deste rei Dom João, nos livros seguintes o escrevemos.

Sobre o qual caso, no ano seguinte de '96, estando em Montemor-o-Novo, teve alguns gerais conselhos, em que houve muitos e diferentes votos.<sup>4</sup> E os mais foram que a Índia não se devia descobrir, porque além de trazer consigo muitas obrigações, por ser estado mui remoto pera poder conquistar e conservar, debilitaria tanto as forças do reino que ficaria sem as necessárias pera sua conservação; quanto mais que, sendo descoberta, podia cobrar este reino novos competidores, do qual caso já tinham experiência no que se moveu entre el-Rei Dom João e el-Rei Dom Fernando de Castela sobre o descobrimento das Antilhas, chegando a tanto que vieram repartir o mundo em duas partes iguais pera o poder descobrir e conquistar.<sup>5</sup> E pois desejo de estados não sabidos movia já esta repartição, não tendo mais ante os olhos que esperança deles e algumas mostras do que se tirava do bárbaro Guiné, que seria, vindo a este reino quanto se dizia daquelas partes orientais?

Porém, a estas razões houve outras em contraíro que, por serem conformes ao desejo del-Rei, lhe foram mais aceitas. E as principais que o moveram foram herdar esta obrigação com a herança do reino, e o Infante Dom Fernando seu pai ter trabalhado neste descobrimento quando per seu mandado se descobriram as Ilhas do Cabo Verde, e mais por a singular afeição que tinha à memória das cousas do Infante Dom Henrique seu tio, que fora o autor do novo título do senhorio de Guiné que este reino houve, sendo propriedade mui proveitosa sem custo de armas e outras despesas que têm muito menores estados do que ele era; dando por razão final àqueles que punham os inconvenientes a se a Índia descobrir, que Deus, em cujas mãos ele punha este caso, daria os meios que convinham a bem do estado do reino.

Finalmente el-Rei assentou de prosseguir neste descobrimento; e depois, estando em Estremoz, declarou a Vasco da Gama, fidalgo de sua casa, por Capitão-mor das velas que havia de mandar a ele, assi pola confiança que tinha de sua pessoa como por ter aução nesta ida, ca, segundo se dizia, Estêvão da Gama, seu pai já defunto, estava ordenado pera fazer esta viagem em vida del-Rei Dom João. O qual, depois que Bartolomeu Dias veo do descobrimento do Cabo de Boa Esperança, tinha mandado cortar a madeira pera os navios desta

<sup>2</sup> Greater Ethiopia, the legendary kingdom of Prester John, was formerly sited in India (see Gazeteer, and *Relação*, 2 May 1498 n32). The portrayal of the Orient as earthly paradise follows biblical tradition, contrasting piquantly with its classical image of corruption (n1, above). **paraíso de naturais delícias**: in Eden – in the far Orient on medieval maps – God planted ‘every tree that is pleasant to the sight and good for food’ (Genesis 2:8-17). **obediência ~ jugo evangélico**: a reference to Ethiopian Coptic Christianity, cf. *Lus.* IV.62 ‘a Etiópia sobre Egipto, | que de Cristo lá guarda o santo rito’.

<sup>3</sup> The angel guarding the eastern paradise is from the biblical account of the Fall (‘He drove out the man, and at the east of the garden of Eden he placed the cherubim and a sword flaming and turning to guard the way to the tree of life’, Gen. 3:24); in *Lus.* v.37-60 it is transformed into the giant Adamastor. **percuciente**, Latinism, ‘smiting’. **espada ~ mortais febres**, an allegorization of the flaming sword in terms of natural obstacles (scurvy, for instance, could be thought of as an ‘inflammation’). **fontes deste horto ~ rios de ouro**: four rivers flow out of Paradise: Pishon [Lat. *Phison*] ‘that flows around the land of Havilah where there is gold’, Gihon ‘that flows around the land of Cush’, Hiddeqel [Tigris], and Euphrates (Genesis 2:10-14). Commentators identified Pishon and Havilah as Ganges and India, Gihon and Cush as Nile and Ethiopia; Camões refers to the legend often (*Lus.* III.72, IV.64, 74, etc.).

<sup>4</sup> Council of Montemor-o-Novo, 1496 (Subrahmanyam, 50-57). Barros’s literary elaboration with imagined speeches (see n6, below) inspired *Lus.* IV.68-76, which transforms the episode into the prophetic dream of Ganges (76 ‘Chama o rei os senhores a conselho, | e propõe-lhe as figuras da visão’). Neither author dwells on the motive stated baldly in *Relação*, p.1 ‘iam em busca da especiaria’.

<sup>5</sup> **repartir o mundo em duas partes**: treaty of Tordesillas between João II and Fernando & Isabel of Spain, 1494. Subrahmanyam, 52-53 notes the ‘guarded language’ of this summary of the nobles’ opposition (‘os mais foram que a Índia não se devia descobrir’); they would hardly have relied on the Tordesillas agreement, since this, underpinned by papal authority, was the act which justified expansion. Camões reworks the counter-arguments as the Old Man of Restelo’s diatribe, *Lus.* IV.94-104.

viagem; por a qual razão el-Rei Dom Manuel mandou ao mesmo Bartolomeu Dias que tivesse cuidado de os mandar acabar segundo ele sabia que convinham pera sofrer a fúria dos mares daquele grã Cabo de Boa Esperança, que na opinião dos mareantes começava criar outra fábula de perigos, como antigamente fora a do Cabo Bojador, de que no princípio falámos. E assi polo trabalho que Bartolomeu Dias levou no apercebimento destes navios, como pera ir acompanhando Vasco da Gama té o pôr na paragem que lhe era necessária à sua derrota, el-Rei lhe deu a capitania de um dos navios que ordinariamente iam à cidade de São Jorge da Mina.

E sendo já no ano de '497, em que a frota pera esta viagem estava de todo prestes, mandou el-Rei, estando em Montemor-o-Novo, chamar Vasco da Gama e aos outros capitães que haviam de ir em sua companhia, os quais eram Paulo da Gama, seu irmão, e Nicolau Coelho, ambos pessoas de quem el-Rei confiava este cargo. E posto que per algumas vezes lhe tivesse dito sua tenção acerca desta viagem e disse lhe tinha mandado fazer sua instrução, pola novidade da impresa que levava quis usar com ele da solenidade que convém a tais casos, fazendo esta fala pública a ele e aos outros capitães perante algumas pessoas notáveis que eram presentes e pera isso chamadas:<sup>6</sup>

"Depois que aprouve a Nosso Senhor que eu recebesse o cetro desta real herança de Portugal, mediante a sua graça, assi por haver a bênção de meus avós de quem a eu herdei, os quais com gloriosos feitos e vitórias que houveram de seus imigos a tem acrescentado per ajuda de tam leais vassalos e cavaleiros como foram aqueles donde vós vindes, como por causa de agalardoar a natural lealdade e amor com que todos me servis, a mais principal cousa que trago na memória depois do cuidado de vos reger e governar em paz e justiça é como poderei acrescentar o património deste meu reino, pera que mais liberalmente possa distribuir per cada um o galardão de seus serviços. E consirando eu per muitas vezes qual seria a mais proveitosa e honrada impresa e dina de maior glória que podia tomar pera conseguir esta minha tenção (pois, louvado Deus, destas partes da Europa em as de África a poder de ferro temos lançado os mouros, e lá tomado<sup>7</sup> os principais lugares dos portos do reino de Fez, que é da nossa conquista), achei que nenhuma outra é mais conveniente a este meu reino, como algumas vezes convosco tenho consultado, que o descobrimento da Índia e daquelas terras orientais; em as quais partes, però que sejam mui remotas da Igreja Romana, espero na piedade de Deus que não somente a fé de Nosso Senhor Jesu Cristo seu filho seja per nossa administração publicada e recebida, com que ganharemos galardão ante ele, fama e louvor acerca dos homens, mas ainda reinos e novos estados com muitas riquezas vendicadas per armas das mãos dos bárbaros dos quais meus avós com ajuda e serviço dos vossos e vosso têm conquistado este meu reino de Portugal e acrescentado a Coroa dele. Porque se da costa da Etiópia, que quási de caminho é descoberta, este meu reino tem adquirido novos títulos, novos proveitos e renda, que se pode esperar, indo mais adiante com este descobrimento, senão podermos conseguir aquelas orientais riquezas tam celebradas dos antigos escritores, parte das quais per comércio tem feito tamanhas potências como são Veneza, Génoa, Florença, e outras mui grandes comunidades de Itália? Assi que, consideradas todas estas cousas de que temos experiência, e também como era ingratição a Deus enjeitar o que nos tam favoravelmente oferece, e injúria àqueles príncipes de louvada memória de quem eu herdei este descobrimento, e ofensa a vós outros que nisso fostes, descuidar-me eu dele per muito tempo, mandei armar quatro velas que (como sabeis) em Lisboa estão de todo prestes pera seguir esta viagem de boa esperança. E tendo eu na memória como Vasco da Gama, que está presente, em todalas cousas que lhe de meu serviço foram entregues e encomendadas deu boa conta de si, eu o tenho escolhido pera esta ida como leal vassalo e esforçado cavaleiro, merecedor de tam honrada impresa. A qual espero que lhe Nosso Senhor leixará acabar,<sup>8</sup> e

<sup>6</sup> The following speeches are fictional inventions — a device for dramatizing motives of protagonists, sanctioned by revered models like the Roman historian Livy, that is one of Barros's hallmarks (cf. nn4, 9, 24, 36, 41, 45, 76, etc.). The technique is borrowed from epic, and was meant to lend rhetorical grandeur to the narrative, reminding us how far the ancient and Renaissance concept of history differed from ours. Here the oratory of the speeches reworks the wording of a *privilégio* (charter granting *mercês*); a modern historian would quote the document. The scene is further novelized in *Lus.* IV.77-83.

<sup>7</sup> tomado : tomando *L.* The reference to the Christian conquest of Portugal's *Algarve* 'Araby' from its Muslim kings and invasion of Ceuta in Morocco (1415) sets Gama's voyage in the frame of a Crusade.

<sup>8</sup> **que lhe Nosso Senhor leixará acabar:** cf. *Relação*, p.1 'que Deus nosso Senhor leixe acabar'.

nela a ele e a mim faça tais serviços com que o seu galardão fique por memória nele e naquelas que o ajudarem nos trabalhos desta viagem, porque com esta confiança, pela experiência que tenho de todos, eu os escolhi por seus ajudadores pera em todo o que tocar a meu serviço lhe obedecerem. E eu, Vasco da Gama, vo-los encomendo e a eles a vós, e juntamente a todos a paz e concórdia, a qual é tam poderosa que vence e passa todos os perigos e trabalhos e os maiores da vida faz leves de sofrer, quanto mais os deste caminho, que espero em Deus serem menores que os passados, e que per vós este meu reino consiga o fructo deles.”

Acabando el-Rei de propor estas palavras, Vasco da Gama e todas as notáveis pessoas lhe beijaram a mão, assi pola mercê que fazia a ele como ao reino em mandar a este descobrimento, continuado per tantos anos que já era feito herança dele. Tornada a casa ao silêncio que tinha ante deste auto de gratificação, assentou-se Vasco da Gama em giolhos ante el-Rei, e foi trazida uma bandeira de seda com uma cruz no meio das da Ordem da Cavalaria de Cristo, de que el-Rei era governador e perpétuo administrador, a qual estendendo o escrivão da pureza entre os braços, em modo de menagem disse Vasco da Gama em alta voz estas palavras:

“Eu, Vasco da Gama, que ora per mandado de vós, mui alto e muito poderoso Rei meu senhor, vou descobrir os mares e terras do Oriente da Índia, juro em o sinal desta cruz em que ponho as mãos que por serviço de Deus e vosso eu a ponha hasteada e não dobrada ante a vista de mouros, gentios, e de todo género de povo onde eu for, e que per todos os perigos de água, fogo, e ferro sempre a guarde e defenda até morte. E assi juro que na execução e obra deste descobrimento que vós meu Rei e Senhor me mandais fazer, com toda fé, lealdade, vigia, e diligência eu vos sirva, guardando e comprindo vossos regimentos que pera isso me forem dados, até tornar onde ora estou ante a presença de Vossa Real Alteza, mediante a graça de Deus, em cujo serviço me enviais.”

Feita esta menagem, foi-lhe entregue a mesma bandeira e um regimento em que se continha o que havia de fazer na viagem e algumas cartas pera os príncipes e reis a que propriamente era enviado, assi como ao Preste João das Índias, tam nomeado neste reino, e a el-Rei de Calecute com as mais informações e avisos que el-Rei Dom João tinha havido daquelas partes, segundo já dissemos. Recebidas as quais cousas, el-Rei o despediu e ele se veo a Lisboa com os outros capitães.

*Capítulo II. Como Vasco da Gama partiu de Lisboa, e do que passou té chegar ao padrão que Bartolomeu Dias pôs além do Cabo de Boa Esperança.*

Chegado Vasco da Gama com os outros capitães a Lisboa na entrada de Julho do ano de 1497, tanto que os navios foram prestes recolheu sua gente pera se partir, sem guardar a eleição dos meses de que ora usamos pera ir tomar os ventos gerais que cursam naquelas partes; porque naquele tempo tam escura era a notícia da terra que ia buscar como os ventos que serviam pera boa navegação.<sup>9</sup> Mas parece que, como a manifestação deste Novo Mundo tantas centenas de anos encoberto Deus a pôs neste termo quando el-Rei Dom Manuel houvesse a herança deste reino, assi permitiu que sem a ordem dos meses naturais desta navegação fosse a partida de Vasco da Gama, porque entendamos que as cousas que procedem do seu querer, Ele, que as ordena pera algum fim que nós não alcançamos, dá os meios pera se virem efetuar no tempo pera que as ele guarda.

E como Vasco da Gama pera poder partir não esperava mais que navios prestes e um pouco de Norte, que naqueles meses do verão é geral nesta costa de Espanha, postos os navios em Rastelo, lugar de ancoragem antiga, um dia ante da sua partida foi ter vigília com os outros capitães a casa de Nossa Senhora da vocação de Belém, situada neste lugar de Rastelo, a qual naquele tempo era uma ermida que o Infante Dom Henrique mandou fundar onde estavam alguns freires do convento de Tomar pera administrarem os sacramentos aos mareantes.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Gama set out late because he was unaware of the monsoon season (cf. *Relação* 18 May 1498 n62); Barros twists this into an example of divine Providence to give the story a Messianic flavour; cf. *Lus.* IV.66 ‘Parece que guardava o claro céu | a Manuel e seus merecimentos | esta empresa’.

<sup>10</sup> The details on the monastery of Belém are deliberate, since they prepare for the climax of the Book, Dom Manuel’s rebuilding of the chapel (I.iv.12, below). Camões picks up the hint to divinize Gama as he sets out from Bethlehem to reclaim the world for Christianity in *Lus.* IV.87 ‘Partimo-nos assi do santo templo | [...] donde Deus foi em carne ao mundo dado’ – lines now inscribed on the poet’s funeral monument in the monastery (Subrahmanyam, 157; Cirurgião).

Ao seguinte dia, que era **sábado 8 de Julho**, por ser dedicado a Nossa Senhora e a casa de muita romagem, assi por esta devoção como por se irem despedir dos que iam na armada concorreu grande número de gente a ela. E quando foi ao embarcar de Vasco da Gama, os freires da casa com alguns sacerdotes que da cidade lá eram idos dizer missa ordenaram uma devota procissão, com que o levaram ante si nesta ordem: ele e os seus com círios nas mãos, e toda a gente da cidade ficava detrás, respondendo a uma ledainha que os sacerdotes diante iam cantando, té os porem junto dos batéis em que se haviam de recolher; onde, feito silêncio e todos postos em giolhos, o vigairo da casa fez em voz alta uma confissão geral, e no fim dela os absolveu na forma das bulas que o Infante Dom Hanrique tinha havido pera aqueles que neste descobrimento e conquista falecessem (como atrás dissemos), no qual auto foi tanta a lágrima de todos, que neste dia tomou aquela praia posse das muitas que nela se derramam na partida das armadas que cada ano vão a estas partes que Vasco da Gama ia descobrir; donde com razão lhe podemos chamar “praia de lágrimas pera os que vão, e terra de prazer aos que vem”. E quando veo ao desfraldar das velas, que os mareantes segundo seu uso deram aquele alegre princípio de caminho dizendo *Boa viagem*, todolos que estavam prontos na vista deles com uma piadosa humanidade dobraram estas lágrimas e começaram de os encomendar a Deus e lançar juízos, segundo o que cada um sentia daquela partida.<sup>11</sup>

Os navegantes, dado que com o fervor da obra e alvoroço daquela impresa embarcaram contentes, também passado o termo do desferir das velas, vendo ficar em terra seus parentes e amigos e lembrando-lhe que sua viagem estava posta em esperança e não em tempo certo nem lugar sabido, assi os acompanhavam em lágrimas como em o pensamento das cousas que em tam novos casos se representam na memória dos homens; assi que uns olhando pera a terra e outros pera o mar, e juntamente todos ocupados em lágrimas e pensamento daquela incerta viagem, tanto estiveram prontos nisso té que os navios se alongaram do porto.<sup>12</sup>

Seria a companha desta bem fortunada viagem, entre mareantes e homens de armas, até 170 pessoas, e os três navios pouco mais ou menos de 100 até 120 tonéis cada um. Do primeiro chamado São Gabriel, em que ia Vasco da Gama, era piloto Pero de Alanquer, que fora no descobrimento do Cabo de Boa Esperança, e escrivão Diogo Dias, irmão de Bartolomeu Dias. Do segundo, per nome São Rafael, capitão Paulo da Gama, era piloto João de Coimbra e escrivão João de Sá. Do terceiro, a que chamavam Bérrio, capitão Nicolau Coelho, era piloto Pero Escolar, e escrivão Álvaro de Braga. E da nau era capitão um Gonçalo Nunes, criado de Vasco da Gama, a qual ia somente amarinhada pera, depois que os mantimentos dos navios se fossem gastando, tomarem os que ela levava sobressalentes e a gente se passar a eles.<sup>13</sup> Partidas estas quatro velas, e Bartolomeu Dias em sua companhia em o navio pera a Mina, como estava assentado, com bom tempo que tiveram em treze dias foram ter à Ilha de Santiago, que é a principal das do Cabo Verde, onde tomaram algum refresco. Depois da partida da qual ilha Bartolomeu Dias os acompanhou té se pôr no caminho da derrota pera a Mina, Vasco da Gama na sua.<sup>14</sup>

E a primeira terra que tomou ante de chegar ao Cabo de Boa Esperança foi a baía a que ora chamam de Santa Helena, havendo cinco meses que era partido de Lisboa; onde saiu em terra por fazer aguada e assi tomar a altura do sol (porque, como do uso do astrolábio pera aquele mister da navegação havia pouco tempo que os mareantes deste reino se aproveitavam e os navios eram pequenos, não confiava muito de a tomar dentro neles por causa do seu arfar);<sup>15</sup> principalmente com um astrolábio de pau de três palmos de diâmetro, o qual armavam em três paus à maneira de cábreia por melhor segurar a linha solar e mais verificada e distintamente poderem saber a verdadeira altura daquele lugar, posto que levassem outros

<sup>11</sup> Restelo: *Lus.* IV.84-93. **Boa viagem:** *Lus.* v.1 ‘E como é já no mar costume usado, | a vela desfraldando, o céu ferimos | dizendo, “Boa viagem”. **lançar juízos:** *Lus.* IV.94-104 (Old Man of Restelo).

<sup>12</sup> **lembrando-lhe:** for plural *lhes* see *Relação* n11. In this book *lhes* occurs only in *parecia-lhes* (vi).

<sup>13</sup> The supply ship was later scuppered at Mosselbaai (*Relação* 25 Nov 1497). On the statistics of fleet and crews cf. *Relação* n2.

<sup>14</sup> *Lus.* v.4-10. Camões includes several details of *Relação* 15-27 Jul 1497 omitted by Barros (Canaries, Cap Vert, the storm), but enlivens the Atlantic voyage with a fanciful itinerary along the West African coast from Sierra Leone to Congo – a pretext for colourful scenic description and classical imagery rather than sober history (e.g. the waterspout, v.19-23). On **Bartolomeu Dias** see *Relação* 23 Jul n5.

<sup>15</sup> St Helena Bay: cf. *Relação* 7-16 Nov 1497, *Lus.* v.24-36. **tomar a altura do sol:** this detail, not mentioned by the other sources, is included as a pretext for a digression on navigation (see next n).

de latão mais pequenos – tam rusticamente começou esta arte que tanto fructo tem dado ao navegar! E porque em este reino de Portugal se achou o primeiro uso dele em a navegação (peró que em a nossa *Geografia* largamente tratamos desta matéria em os primeiros livros dela), não será estranho deste lugar dizermos quando e per quem foi achado, pois não é de menos louvor este seu trabalho que o doutros novos inventores que acharam cousas proveitosas pera uso dos homens.<sup>16</sup>

No tempo que o Infante Dom Henrique começou o descobrimento de Guiné, toda a navegação dos mareantes era ao longo da costa, levando-a sempre por rumo; da qual tinham suas notícias per sinais de que faziam roteiros, como ainda ao presente usam em alguma maneira.<sup>17</sup> E pera aquele modo de descobrir isto bastava; peró depois que eles quiseram navegar a descoberto perdendo a vista da costa e engolfando-se no pego do mar, conheceram quantos enganamentos recebiam na estimativa e juízo das singraduras que segundo seu modo em 24 horas davam de caminho ao navio, assi por razão das correntes como doutros segredos que o mar tem.<sup>18</sup> Da qual verdade de caminho a altura é mui certa mostrador. Peró, como a necessidade é mestra de todas as artes, em tempo del-Rei Dom João II foi per ele encomendado este negócio a mestre Rodrigo e a mestre Josepe judeu, ambos seus médicos, e a um Martim de Boémia, natural daquelas partes, o qual se gloriava ser discípulo de Joane de Monte Régio, afamado astrónomo entre os professores desta ciência; os quais acharam esta maneira de navegar per altura do sol, de que fizeram suas tavoadas pera declinação dele como se ora usa entre os navegantes, já mais apuradamente do que começou, em que serviam estes grandes astrolábios de pau.<sup>19</sup>

Pois, estando Vasco da Gama com os pilotos pronto no tomar altura do sol per este modo, deram-lhe aviso que detrás de um tesouro viram andar dous negros baixos à maneira de quem apanhava algumas ervas; e como isto era o principal que ele desejava – achar quem lhe desse alguma notícia da terra – com muito prazer mansamente mandou rodear os negros per uma encoberta pera serem tomados. Os quais, como andavam curvos e prontos em apanhar mel aos pés das moutas com um tição de fogo na mão, nunca sentiram a gente que os rodeava senão quando remeteram a eles; dos quais tomaram um.<sup>20</sup> Vasco da Gama, porque não tinha

<sup>16</sup> **astrolábio de pau:** Ravenstein 26-27n4 describes a wooden astrolabe of Arab, not Portuguese invention (see n53, below). The classic astrolabe was a circle marked off in 360° with a sighting-arm pivoted at the centre, used to measure the *azimuth* or altitude of heavenly bodies (n19, below); the instrument described appears to be a modification mounted on a three-piece frame (*cábrea*) for stability and accuracy in measuring solar declination. **a nossa Geografia:** Barros mentions to this uncompleted work several times (nn51, 54, 59 below).

<sup>17</sup> Navigation by **rumos** (compass bearings), known as *pilotage*, plots the ship's position by a *fix*, i.e. the intersection of two lines of position from separate *sinais*, landmarks. Pilotage manuals known as *roteiros* or *rutters* were used with portolan charts showing coastal landmarks and lines of position.

<sup>18</sup> Navigation by **singradura** (day's run), known as *dead-reckoning* (*estimativa*), plots the ship's position from its course and speed, using log, compass, and clock to calculate the distance and direction from a previous position. Dead reckoning can be used in open sea (*a descoberto*), but even in good conditions is subject to errors due to currents, wind, magnetic variation in compass bearing, etc.

<sup>19</sup> **navegar per altura do sol:** *celestial navigation* plots position by coordinates provided by *declinações* or altitudes of the sun and constellations for latitude, and the hour angle – i.e. westward progression of sun, moon, and planets across the sphere of the fixed stars at 15° per hour – for longitude. Calculation was performed using *tavoadas*, almanacs that tabulated the coordinates of celestial bodies at any given time; a line of position was obtained from the triangle of the observer's position, the altitude of the celestial body, and the pole. In Gama's day there were no chronometers for fixing longitude, but astrolabes could give accurate latitudes. **José Vizinho** translated the almanac of the Spanish Jew Abraham Zacuto (1496); the German **Martin Behaim**, whose globe of 1492 incorporated Portuguese discoveries in West Africa, claimed – perhaps falsely – to be a pupil of **Regiomontanus** (see Gazeteer s.vv. *Josepe judeu, Martim de Boémia, Joane de Monte Régio*).

<sup>20</sup> Cf. *Relação* 9 Nov 1497; *Lus.* v.27 'um estranho [...] de pele preta | que tomaram por força enquanto apanha | de mel os doces favos na montanha.' The **tição** was to smoke out the bees. Barros clearly uses *Relação* (verbal echoes of 'andava apanhando mel na charneca, porque as abelhas naquela terra o fazem ao pé das moutas'; 'pequeno de corpo', and perhaps 'homens baços' misread as *baixos*), but deliberately contradicts it in one detail ('o pôs consigo à mesa' – no cabin-boys). Camões omits the dinner altogether, in favour of a Virgilian allusion connecting the man's incomprehension of Portuguese with Aeneas's encounter with Cyclops: 'selvagem mais que o bruto Polifemo' (v.28).

língua que o entendesse, e ele de assombrado daquela novidade não acudia aos acenos que a natureza fez comuns a todos os homens, mandou vir dous grumetes, um dos quais era negro, que se assentaram junto dele a comer e beber, apartando-se deles por o desassombrar. O qual modo aproveitou muito, porque os grumetes o provocaram a comer, com que, quando Vasco da Gama tornou a ele, já estava desassombrado, e per acenos mostrou umas serras que seriam dali duas léguas, dando a entender que ao pé delas estava a povoação da sua gente. Vasco da Gama, porque não podia enviar melhor descobridor pera apelidar os outros, com alguns brincos de cascavéis e contas de cristalino e um barrete mandou que o soltassem, acenando-lhe que fosse e tornasse com seus companheiros pera lhe darem outro tanto. O que ele fez logo, trazendo aquela tarde dez ou doze que vinham buscar o que ele levou, que também lhe foi dado; e de quantas mostras de ouro, prata, especearia lhe apresentaram, de nenhuma deram notícia.

Quando veu a outro dia, já com estes vieram mais de 40, tam familiares que pediu um homem de armas chamado Fernão Veloso a Vasco da Gama que o leixasse ir com eles ver a povoação que tinham, pera trazer alguma mais notícia da terra do que eles davam; o que lhe Vasco da Gama concedeu quási a rogo de Paulo da Gama seu irmão.<sup>21</sup>

*Capítulo III. Como Vasco da Gama foi ferido em uma revolta que os negros da Baía de Santa Helena fizeram, e seguindo sua viagem descobriu alguns rios notáveis té chegar a Moçambique.*

Partido Fernão Veloso com os negros e Vasco da Gama recolhido ao seu navio, ficou Nicolau Coelho em terra a dar guarda à gente enquanto apanhava lenha e outros mariscavam lagostas, por haver ali muitas. Paulo da Gama, por não estar ocioso, vendo que entre os navios andavam muitos baleatos trás o cardume do peixe meúdo, ajuntou dous batéis pera andar com fisga e arpões a eles; o qual passatempo lhe houvera de custar a vida, porque foram os marinheiros do batel em que ele andava amarrar duas arpoeiras das fisgas com que tiravam nas tostas do batel que estavam atochadas, e acertando de ferir um baleato, assi barafustou com a fúria da dor que houvera de trebucar o batel se a arpoeira não fora comprida e o mar de pouco fundo, que causou dar o baleato em seco sem mais poder nadar; o qual lhe serviu de refresco.<sup>22</sup>

E sendo já sobre a tarde, querendo-se todos recolher aos navios, viram vir Fernão Veloso per um teso abaixo mui apressado. Vasco da Gama, como tinha os olhos em sua tornada, quando o viu com aquela pressa mandou bradar ao batel de Nicolau Coelho, que vinha da terra, que tornassem a ele a o recolher. Os marinheiros do batel, porque Fernão Veloso nunca leixava de falar em valentias, quando o viram sobre a praia decer com passos a meio chouto, acinte deteveram-se em o recolher; a qual detenção deu suspeita aos negros que estavam em cilada esperando a saída deles em terra, que o mesmo Fernão Veloso fizera algum sinal que não saíssem. E em querendo entrar ao batel, meteram dous negros a ele polo entreter, da qual ousadia saíram com os focinhos lavados em sangue; a que acudiram os outros, e foi tanta a pedrada e frechada sobre o batel que quando Vasco da Gama chegou polos apaziguar, foi frechado per uma perna; e Gonçalo Álvares, mestre do navio São Gabriel, e dous marinheiros levaram cada um sua.<sup>23</sup> Vendo Vasco da Gama que com eles não havia meio de paz, mandou remar pera os navios; e porém à espedida alguns besteiros dos nossos empregaram neles seu

<sup>21</sup> **Veloso:** *Relação* 12 Nov 1497 ('hum Fernam Veloso que ia com o Capitam-moor'), *Lus.* v.30-36. The chroniclers' interest in this otherwise unremarked man-at-arms was solely due to Gama's wounding (see chapter-heading); Camões, however, took a hint from Barros ('nunca leixava de falar em valentias', below) to make him into a memorable character (*arrogante, aventureiro*, able to turn his mates' mockery into a decent joke, v.35; in the doldrums, spurning tales of love to narrate the inspiring story of the Peers of England, vi.41-69, first to chase the nymphs on the Isle of Love, ix.68-69).

<sup>22</sup> Whales were plentiful in the area; the local Khoikhoi hunted them by trapping them in shallow bays (*Relação* 8 Nov 1497 & n10). **arpoeiras ~ que estavam atochadas:** 'lashed two of the harpoon-lines on which they were hauling to the rowing-benches [*tostas* in *Relação* 28 Aug 1498 is masc.] so they were tied fast'; *comprida*, 'long, full length'. The last phrase is awkward; *lhe* appears to refer to Paulo da Gama, not the whale.

<sup>23</sup> **suspeita ~ que estavam em cilada:** Barros's account of the misunderstanding cannot be based on evidence; it is speculation – less circumstantial than *Relação*'s account – designed to give a verisimilar explanation, an accepted technique in ancient historiography (cf. n6, above). **focinhos**, 'snouts, muzzles' is derogatory applied to humans. **cada um sua**, i.e. *frecha* (loosely, for *frechada*).

almazém, por não ficarem sem castigo.<sup>24</sup> E di a dous dias, com tempo feito, mandou Vasco da Gama dar à vela sem levar alguma informação da terra como desejava; porque Fernão Veloso não viu cousa que contar senão o perigo que ele dizia passar entre aqueles negros, os quais, tanto que se apartaram da praia, o fizeram tornar, quási como que o queriam ter nela por anagaça, pera quando o fossem recolher cometerem alguma maldade, da maneira que mostraram.

Seguindo Vasco da Gama seu caminho na volta do mar por se desabrigar da terra, quando veo ao terceiro dia, que eram **20 de Novembro**, passou aquele grã Cabo de Boa Esperança, com menos tormenta e perigo do que os marinheiros esperavam pela opinião que entre eles andava, donde lhe chamavam o Cabo das Tormentas; e **dia de Santa Caterina** chegaram onde se ora chama Aguada de São Brás, que é além dele 60 léguas.<sup>25</sup> E posto que ali acharam negros de cabelo revoltos como os passados, estes sem receo chegaram aos batéis a receber qualquer cousa que lhe lançavam na praia e per acenos começaram logo de se entender com os nossos, de maneira que houve entre eles comutação de darem carneiros a troco de cousas que lhe os nossos davam. Porém, de quanto gado vacuum traziam nunca poderam haver deles uma só cabeça; parece que o estimavam, porque alguns bois mochos que os nossos viram andavam gordos e limpos, e vinham as mulheres sobre eles com umas albardas da tabua. E em três dias que Vasco da Gama se deteve aqui, tiveram os nossos muito prazer com eles por ser gente prazenteira, dada a tanger e bailar; entre os quais havia alguns que tangiam com uma maneira de frutas pastoris que em seu modo pareciam bem.<sup>26</sup> Do qual lugar Vasco da Gama se mudou pera outro porto perto daquele, porque entre os negros e os nossos começou haver alguma perfia sobre resgate de gado. Indo eles sempre a vista dos navios ao longo da praia té ancorarem, e porque quando chegaram ia já grande número deles mais em modo de guerra que de paz, mandou-lhe tirar com alguns berços somente por os assombrar sem lhe fazer dano, e foi tomar outro pouso di duas léguas, onde recolheu todolos mantimentos que levava em a nau e ela ficou queimada.

Partido deste lugar **dia de Nossa Senhora da Conceição**, quando veo ao quarto, que era **béspora de Santa Luzia**, saltou com ele tam grande temporal, que per outros tantos dias o fez correr árvore seca. E como esta era a primeira tormenta em que os mareantes se tinham visto em mares e climas não sabidos, andavam tam fora de si que não havia mais acordo entre eles que clamar por Deus, curando mais na penitência de seus pecados que na mareagem das velas, porque tudo era sombra da morte. Mas aprouve à piedade de Deus, que nestes casos consola com bonança, que os tirou de tanta tribulação e os levou onde ora chamam os Ilhéus Chãos, cinco léguas avante do da Cruz, onde Bartolomeu Dias pôs o seu derradeiro padrão, passando per ele polo tempo lhe não dar lugar té irem tomar os outros ilhéus.<sup>27</sup> Na qual paragem por causa das grandes correntes andaram ora ganhando, ora perdendo caminho, até que **dia de Natal** passaram pela costa do Natal, a que eles deram este nome; e **dia dos Reis** entraram no rio deles, e alguns lhe chamam do Cobre, por o resgate dele em manilhas, e assi marfim e mantimentos que os negros da terra com ele resgataram, tendo com os nossos tanta comunicação por Vasco da Gama os satisfazer com dádivas, que foi um Martim Afonso, marinheiro, à aldeia deles per licença do capitão; o qual veo mais contente do gasalhado que

<sup>24</sup> **almazém** (mod. *armazém*), 'store', here equivalent to 'magazine (of shots, bolts)'.

<sup>25</sup> Cape of Good Hope to Mosselbaai: *Relação* 16-26 Nov 1497; *Lus.* v.37-61. **menos tormenta ~ opinião**: Barros has already written with irony of the Cape's *fábula de perigos* (iv.1, above). To scholars voyages seem more significant for dispelling vulgar superstition than as feats of navigation – Barros had yet to learn, from his own shipwreck off Maranhão, a due respect for the sea. Camões, by contrast, made Gama's rounding of the Cape the pivotal climax of the first half of his epic (Adamastor).

<sup>26</sup> Mosselbaai: *Relação* 1-7 Dec 1497; *Lus.* v.62-64. Barros follows the eye-witness account but disdains all ethnographic detail; note circumlocutions such as *comutação*, Latinism for 'barter' (legal in tone, as if by contract ... but *per acenos*, without a common language!) and *frutas pastoris* (an allusion to classical and Renaissance pastoral which Barros ironically undermines with *em seu modo*). Camões is more sympathetic (*cantigas pastoris* compared without irony to Virgil; omission of hostilities, especially Gama's shelling of the Africans).

<sup>27</sup> Bird Islands to Kwaaihoek: *Relação* 8-16 Dec 1497; *Lus.* v.65-67. Barros's account of the storm is a rhetorical exaggeration of *Relação* 12-13 Dec 1497 (*tudo era sombra da morte* and the gratuitous reference to divine providence are melodrama, not history); Camões contrives to be more heroic without forcing the record. **árvore seca**, with all sails lowered (in the gale).



lhe fizeram do que Fernão Veloso veu dos outros, porque não somente o senhor da aldeia o recebeu com grande festa, mas ainda, quando tornou ao navio, polo honrar mandou com ele mais de 200 homens. Depois este mesmo senhor com outros mui acompanhados vieram ver os navios, e em seu tratamento mostravam habitar em terra fria, por virem alguns vestidos de peles, e que tinham comunicação com gente de boa razão. E por causa da muita familiaridade que os nossos tiveram com eles, em cinco dias que Vasco da Gama se deteve neste lugar, lhe pôs nome Aguada da Boa Paz.<sup>28</sup>

E daqui por diante, começou de se afastar algum tanto da terra com que de noite passou o cabo a que ora chamamos das Correntes, porque começa a costa encurvar-se tanto pera dentro, passado ele, que, sentindo Vasco da Gama que as águas o apanhavam pera dentro, temeu ser alguma enseada penetrante donde não pudesse sair; o qual temor lhe fez dar tanto resguardo por fugir a terra que passou sem haver vista da povoação de Sofala, tam celebrada naquelas partes por causa do muito ouro que os mouros ali hão dos negros da terra per via do comércio (segundo ele adiante soube), e foi entrar em um rio mui grande abaixo dela cinquenta léguas, vendo entrar per ele uns barcos com velas de palma.<sup>29</sup> A entrada do qual rio, depois que viram o gentio que habitava à borda dele, deu grande ânimo a toda a gente, pera quam quebrado o levava, tendo tanto navegado sem achar mais que negros bárbaros como os de Guiné vezinhos de Portugal. E a gente deste rio, però que também fosse da cor e cabelo como eles eram, havia entre eles homens fulos que pareciam mestiços de negros e mouros, e alguns entendiam palavras do arávigio que lhe falava um marinheiro per nome Fernão Martins, mas a outra língua própria nenhum dos nossos a entendia, donde Vasco da Gama suspeitava que estes negros, assi na cor como nas palavras do arábico, podiam ter comunicação com os mouros, da maneira que os negros de Jalofe têm com os azenegues.<sup>30</sup> E os mais deles traziam derredor de si uns panos de algodão tintos de azul, e os outros toucas e panos de seda, até carapuças de chamalote de cores. Com os quais sinais e outros que eles deram, dizendo que contra o nascimento do sol havia gente branca que navegava em naus como aquelas suas, as quais eles viam passar pera baixo e pera cima daquela costa, pôs Vasco da Gama nome a este rio dos Bons Sinais.

Finalmente, com estas novas e segurança da gente na comunicação que tinham com os nossos per modo de comércio de mantimentos da terra, quis ele dar pendor aos navios, por virem já mui sujos; no qual tempo com ajuda dos da terra pôs um padrão, per nome São Rafael, dos que levava lavrados pera este descobrimento da maneira dos outros que ficaram postos do tempo del-Rei Dom João. E però que neste Rio dos Bons Sinais foi o maior sinal que té ali tinham visto e que lhe deu grande esperança do que iam descobrir, por este prazer não ir puro sem algum desconto de trabalho, per espaço de um mês que ali estiveram no corregimento dos navios adoeceu muita gente, de que morreu alguma. A maior parte foi de herisípolas e de lhe crescer tanto a carne das gengivas que quási não cabia na boca aos homens, e assi como crecia apodrecia e cortavam nela como em carne morta, cousa mui piadosa de ver; a qual doença vieram depois conhecer que procedia das carnes, pescado salgado, e biscoito corrompido de tanto tempo.<sup>31</sup>

Teveram mais sobre este trabalho, até saírem deste Rio dos Bons Sinais, dous grandes perigos: um foi, que, estando Vasco da Gama a bordo do navio de seu irmão Paulo da Gama em uma bateira pequena somente com dous marinheiros que a remavam, e tendo as mãos pegadas nas cadeas da enxárcea enquanto falava com ele, decia água tam tesa que lhe furtou

<sup>28</sup> Natal to Inharrime: *Relação* 25 Dec 1497-12 Jan 1498; *Lus.* v.68-69. Again, Barros omits details about the people, though adding an ethnic note of his own to the effect that inhabitants of colder climes are more rational (*Relação* mentions no *vestidos de peles*, only linen and cotton).

<sup>29</sup> Inhambane to Quelimane: *Relação* 22 Jan 1498; *Lus.* v.69-78 **um rio mui grande**: Rio dos Bons Sinais, a branch of the Zambezi. On palm-leaf sailed boats see *Relação* 11 Mar 1498 & n35.

<sup>30</sup> **os negros de Jalofe**: Barros considered the Senegalese Wolof who traded with the Berbers and Touareg of the Sahara (Gazeteer, s.v. *azenegues, Jalofe*) more civilized than 'negros bárbaros como os de Guiné vezinhos de Portugal', i.e. the Mandinka and other Africans around the Portuguese colony of São Jorge da Mina on the Gold Coast. On **Fernão Martins** see *Relação* 30 May 1498 & n84.

<sup>31</sup> For this description of scurvy cf. *Relação* 24 Jan & n26; *Lus.* v.80-83. Barros's confident diagnosis was incorrect (the disease is caused by prolonged deficiency of vitamin C due to lack of fresh vegetables; scurvy was to remain fatal to sailors until the discovery by James Lind in 1795 of an effective prevention by use of antiscorbutic agents in the diet such as limes, or later oranges and lemons).

a bateira per baixo, e ele e os marinheiros não tiveram mais salvação que ficarem dependurados nas cadeas té que lhe acudiram.<sup>32</sup> O outro perigo aconteceu a este mesmo navio o dia de sua partida, que foi a **24 de Fevereiro**: saindo pela barra do rio, foi dar em seco em um banco de area onde esteve em termo de ficar pera sempre; mas, vindo a maré, saiu do perigo, com que fez seu caminho sempre a vista da costa té que di a cinco dias chegou a uma povoação chamada Moçambique e foi pousar em uns ilhéus apartados dela pouco mais de légua ao mar.<sup>33</sup>

Surto nestes ilhéus, os quais ora se chamam de São Jorge por causa de um padrão deste nome que Vasco da Gama neles pôs, viram vir três ou quatro barcos a que os da terra chamam *zambucos*, com suas velas de palma e a remo; a gente dos quais vinha tangendo e cantando, a mais dela bem tratada, e entre eles homens brancos com toucas na cabeça e vestido de algodão a modo dos mouros de África, que foi pera os nossos muito grande prazer. Chegados estes barcos ao navio de Vasco da Gama, levantou-se um daqueles homens bem vestidos e começou per arávido perguntar que gente era e o que buscavam. Ao que Vasco da Gama mandou responder per Fernão Martins, língua, que eram portugueses, vassallos del-Rei de Portugal; e quanto ao que buscavam, depois que soubessem cuja aquela povoação era, então responderiam a isso. O mouro que falava, segundo se depois soube, era natural do reino de Fez; e vendo que o trajo dos nossos não era de turcos, como eles cuidavam, creu que diziam verdade, e como homem sagaz, simulando contentamento de sua vinda, respondeu que aquela povoação se chamava Moçambique, da qual era xeque um senhor chamado Sacoeja, cujo costume era, tanto que ali chegavam navios estrangeiros, mandar saber deles o que queriam; e se fossem mercadores, tratariam na terra, e sendo navegantes que passavam pera outra parte, provê-los do que houvesse nela.<sup>34</sup>

Vasco da Gama a estas palavras respondeu que sua vinda àquele porto era passagem pera a Índia, fazer alguns negócios a que el-Rei seu senhor o enviava, principalmente com el-Rei de Calecute; e porquanto ele não tinha feito aquele caminho, lhe pedia que dissesse ao xeque que lhe mandasse dar algum piloto daquelas partes, que ele o pagaria mui bem. E quanto ao negócio do tratar, ele não trazia mercadorias pera isso, somente algumas pera a troca delas haver o que houvesse mister, e tudo o mais eram cousas pera dar aos reis e senhores de que recebesse bom gasalhado. E porque ele esperava de o achar ali, segundo trazia por notícia, apresentasse ao xeque alguma fructa que lhe queria mandar, pera saber o que havia na terra donde ele vinha.

O mouro, como homem esperto, respondeu atentadamente, dizendo que todas aquelas cousas ele as diria a seu senhor, e que se alguma queria mandar, ele lha presentaria da sua parte; e quanto ao piloto, que descansasse, porque ali havia muitos que sabiam a navegação da Índia. Vasco da Gama, com esta facilidade que o mouro mostrou e nova que deu, mandou logo tirar algumas conservas da Ilha da Madeira pera o xeque, e a ele deu um capelhar de grã e outras cousas desta sorte, com que se partiu contente.

*Capítulo IV. Como, depois que Vasco da Gama assentou paz com o xeque de Moçambique e ele lhe prometer piloto pera o levar à Índia, se rompeu a paz, e do que sobre isso sucedeu.*

Partido o mouro mui alegre das peças que levava, mais que por ver os nossos naquelas partes, começaram eles festejar a nova que deu, dando louvores a Deus, pois já tinham visto gente que lhe falava na Índia, e sobre isso prometia piloto pera os levar a ela. Vasco da Gama, però que sem comparação alguma dava estes louvores a Deus e mostrava maior prazer, assi polo haver nele como por animar a companha dos trabalhos que tinham passado, todavia como quem esguardava as cousas com mais atenção, não ficou mui satisfeito dos modos e cautelas que sintiu no mouro, falando com ele, porque entendeu não ficar tam contente como

<sup>32</sup> This event is not recorded in *Relação*, nor reproduced by Camões.

<sup>33</sup> Ilha de Moçambique: *Relação* 2-25 Mar 1498; *Lus.* v.84, l.42-72, Subrahmanyam 93-94.

<sup>34</sup> **Sacoeja**: *Relação* calls him merely *Çolyytam* 'sultan'. The following account is imaginary, expanding in a favourable light the oddly evasive *Relação* (11 Mar 'lhe parecia que nós éramos turcos [...] E depois que souberam que nós éramos christãos, ordenaram de nos tomarem e matarem'; Subrahmanyam 112-15 opines that the 'curious behaviour' of the Portuguese only makes sense if, contrary to Barros's claim, they were trying to conceal their identity and religion). Camões dramatizes the whole episode as a plot by Bacchus (l.73-82), rendering Gama's reply here in the well-known lines: "Os Portugueses somos do Ocidente, | imos buscando as terras do Oriente" (l.50).

mostrou, quando soube que eram portugueses. E sem saber que era do reino de Fez, escola militar deles, do ferro dos quais podia ele ou cousa sua andar assinado, atribuiu que a tristeza que lhe viu seria por saber que eram cristãos;<sup>35</sup> e por não desconsolar a gente em tanto prazer como tinha, não quis comunicar isso que entendeu nele com pessoa alguma.

O mouro também, porque na diligência de sua tornada mostrasse que lhe tinha boa vontade, veo logo, dizendo quam contente o xeque estava com as novas que lhe deu de quem eram e quanto estimara seu presente, trazendo em retorno algum fresco da terra. E assi lhe disse da parte do xeque tais palavras sobre a estância que tinha mui longe da povoação pera se comunicarem de mais perto, que moveu Vasco da Gama a entrar dentro no porto. E posto que nisso houve resguardo dos pilotos do lugar, quando foi a entrada, levando diante o navio de Nicolau Coelho, por ser mais pequeno, e ele a sonda na mão, deu em parte que lhe lançou o leme fora.

E contudo, salvo o barco, surgiram diante da povoação, um pouco afastados dela; a qual estava assentada em um pedaço de terra torneado de água salgada, com que fica em ilha, tudo terra baixa e alagadiça, donde se causa ser ela mui doentia; cujas casas eram palhaças, somente uma mesquita e as do xeque, que eram de taipa com eirados per cima.<sup>36</sup> Os povoadores da qual eram mouros vindos de fora, os quais fizeram aquela povoação como escala da cidade Quíloa, que estava diante, e da Mina Sofala, que ficava atrás; porque a terra em si era de pouco trato, e os naturais, que eram negros de cabelo revoltado como de Guiné, habitavam na terra firme. A qual povoação Moçambique daquele dia tomou tanta posse de nós que em nome é hoje a mais nomeada escala de todo o mundo, e per frequentação a maior que tem os portugueses, e tanto que poucas cidades há no reino que, de 50 anos a esta parte, enterrasse em si tanto defunto como ela tem dos nossos. Ca, depois que nesta viagem à Índia foi descoberta té ora, poucos anos passaram que à ida ou à vinda não invernassem ali as nossas naus; e alguns invernou quási toda uma armada, onde ficou sepultada a maior parte da gente por causa da terra ser mui doentia, porque como o sítio dela é um cotovelo à maneira de cabo que está em altura de catorze graus e meio,<sup>37</sup> do qual convém que as naus que pera aquelas partes navegam hajam vista pera irem bem navegadas, quando os ventos lhe não servem pera passar adiante à ida ou vinda tomam aquele remédio de invernar ali; e desta necessidade e doutras (como adiante veremos na descrição de toda esta costa) procedeu eleger-se pera escala de nossas naus um lugar tam doentio e bárbaro, leixando na mesma costa outros mais célebres e nobres.

Vasco da Gama, depois que tomou o pouso diante desta povoação Moçambique, ao seguinte dia, em companhia do mouro do recado que o veo visitar, mandou o escrivão do seu navio com algumas cousas ao xeque. O qual presente obrou tanto, depois que o ele recebeu, que começaram logo de vir barcos aos navios a trazer mantimento da terra, como gente que começava ter sabor no retorno que haviam destas cousas. E per espaço de dez dias em que se deteveram esperando tempo, assentou Vasco da Gama paz com o xeque, e em sinal dela meteu na ilha São Jorge o padrão deste nome que dissemos, e ao pé dele se pôs um altar onde se disse missa e tomaram todos o sacramento, porque aqui fizeram o primeiro termo e de maior esperança do seu descobrimento, pera que convinha desporem-se com as consciências em estado que suas preces fossem aceitas a Deus, e mais por ser tempo de quaresma, em que a Igreja obriga a isso.<sup>38</sup>

Neste tempo, entre alguns mouros que vinham vender aos navios mantimentos, vieram três abexis da terra do Preste João. Os quais, posto que seguissem o error dos mouros, como foram criados naquela maneira de religião e fé de Cristo que seus padres tinham, ainda que não conforme a Igreja Romana, em vendo a imagem do anjo Gabriel pintada em o navio do

<sup>35</sup> **Fez, escola militar deles:** there is no hint in *Relação* that this 'Moor' (who provides traits for Camões's Bacchus) was from Fès, the North African *escola* of Portugal's enemies (Barros was perhaps thinking of the medieval *Almoravids*, a fundamentalist Moroccan dynasty whose name *al-Murabiṭūn* derives from *ribāṭ*, barracks or training school for mujahidin).

<sup>36</sup> The following description of Moçambique is anachronistic, reflecting intervening conquests by the Portuguese; nevertheless, several details appear in Camões's dramatization, placed in the mouth of a Moçambican (*Lus.* l.54 'É em toda esta terra certa escala [...] De Quíloa, de Mombaça e de Sofala', etc.).

<sup>37</sup> By the 'elbow like a cape' Barros must mean promontories of Maaia north of Ilha de Moçambique (which is at 15°1' S) that were difficult to round against northerly winter winds.

<sup>38</sup> Cf. *Relação* 25 Mar 1498 & n46 mentions no padrão (cf. n95 below, *Relação* 15 Sep 1498 & n111).

seu nome, que era o de Vasco da Gama, como cousa nota a eles por em sua pátria haver muitas igrejas que tem estas imagens dos anjos, e algumas do próprio nome, assentaram-se em giolhos e fizeram sua adoração.<sup>39</sup> Quando o capitão soube de eles serem de nação abexi, cujo rei nestas partes era celebrado por Preste João das Índias, cousa a ele tam encomendada, começou de os enquerir per Fernão Martins, língua; os quais, posto que intendiam o arábigo, a muitas palavras não respondiam ao propósito, como que diferiam na língua, e doutras não davam razão, dizendo saírem de sua terra de tam pequena idade que não eram já lembrados.

Os mouros, como intenderam que o capitão folgava de falar com eles polo sinal que lhe via da Cristandade, fizeram-se mui apressados pera se tornar a terra, e quási por força levaram os abexis; e assi os esconderam que, por muito que Vasco da Gama trabalhou por tornar a falar com eles, nunca mais os pôde haver. Assi que per estes sinais e outras cautelas que usavam com ele quis saber se tinha certo os pilotos que lhe prometeram, e mandou-os pedir ao Xequé. O qual, como tinha assentado o que esperava fazer, levemente lhe mandou dous mouros que acerca da navegação a seu modo praticaram bem, dos quais o capitão ficou contente e assentou com eles que, por prémio de seu trabalho, havia de dar a cada um valia de 30 meticais de ouro, peso da terra que poderam ser até 14,000 reais dos nossos, e mais uma marlota de grã, as quais cousas eles quiseram logo levar na mão, dizendo que não podiam doutra maneira partir, por quanto as haviam de deixar a suas mulheres pera sua manança. Vasco da Gama, però que se não fiava deles polos sinais que já tinha visto, levemente o fez, assentando que, quando um fosse em terra, ficasse outro em o navio, polo haver mister pera a prática da navegação. Passados dous dias que Vasco da Gama tinha feito este concerto com eles, acertou mandar a menhã seguinte dous batéis buscar lenha e água, que os negros da terra soíam a pôr na praia com prémio que lhe davam; no recolher da qual de súbito saíram a eles sete zambucos cheos de gente armada a seu modo, e com uma grande grita começaram de os frechar, de que houveram seu retorno com bestas e espingardas que os nossos levavam por resguardo; com o qual rompimento de paz ficaram em tal estado, que nunca mais apareceu barco, e tudo se recolheu diante da vista dos nossos pera detrás da ilha.<sup>40</sup>

Vasco da Gama, temendo que per algum modo lhe empedissem seu caminho, havido conselho com os capitães e pilotos, um domingo **11 de Março** saiu de ante a povoação e foi tomar o pouso na Ilha de São Jorge; e depois que ouviu uma missa, se fez à vela caminho da Índia, levando consigo um dos pilotos, porque ao tempo do rompimento estava o outro em terra. E parece que os trabalhos que ali haviam de passar ainda não se acabavam com sua partida, porque como ela foi mais por evitar outro maior desastre que polo tempo ser bom pera navegação, aos quatro dias da sua partida acharam-se quatro ou cinco léguas aquém do Cabo de Moçambique polas águas correrem tam tesas a ele que lhe abateram todô aquele caminho. E vendo Vasco da Gama que lhe convinha esperar vento de mais força pera romper esta das correntes, a qual mudança seria com a luma nova (segundo o mouro piloto lhe dizia), foi surgir à Ilha de São Jorge donde partira, sem querer ter comunicação com os de Moçambique.<sup>41</sup>

Porém, porque a água se lhe ia gastando e havia já seis ou sete dias que era chegado, per conselho do mouro piloto, que prometeu levar de noite a gente a lugar onde fizesse aguada, mandou com ele dous batéis armados a isso. E ou que o mouro queria dar muitas voltas pela terra per onde os levou porque nelas tevesse algum modo de escapulir da mão de quem o levava, ou que verdadeiramente se embarçou por ser de noite entre um grande arvoredo de mangues, nunca pôde dar com os poços que ele dizia, com que obrigou a Vasco da Gama mandar de dia a isso dous batéis mui bem armados que, apesar dos negros que a vinham defender, tomaram água. E porque nesta ida fugiu a nado o mouro piloto e um negro grumete,<sup>42</sup> ao seguinte dia com mão armada foi demandar a povoação, onde os mouros em

<sup>39</sup> Cf. 'huns dous christãoos ímdeos cativos', *Relação* 2 Mar 1498 & n32. Ravenstein 24n3 comments, 'Abyssinian Christians, whatever their shortcomings, do not worship images, as is the practice of the Roman Church; these captives, therefore, must have been Indians'. The argument is dubious in point of fact; besides, Barros specifically states that the Ethiopian slaves were converts to Islam (*mouros*), so their behaviour had to do with homesickness, not religion – an entirely convincing scenario.

<sup>40</sup> *Lus.* 1.82-95 turns this sordid skirmish into the most memorable battle scene in the poem.

<sup>41</sup> *Relação* 13 Mar 1498.

<sup>42</sup> The fugitive *grumete*, mentioned several times below, is specified as 'hum negro [*i.e.* slave] do piloto Joham de Coinbra' in *Relação* 22 Mar 1498.

um grande escampado que estava ante ela e a praia, lhe deram mostra de até 2,000 homens, recolhendo-se logo detrás dum repairo de madeira entulhado de terra, que fizeram naqueles dias. Vasco da Gama, vendo seu mau propósito, mandou fazer sinal de paz como que queria estar à fala por saber o que tinha neles, e acudindo a isso o mouro dos recados, começou ele de se queixar do que lhe era feito e da pouca verdade que lhe trataram, tomando por conclusão, que não queria proceder no mais que mereciam as tais obras, que lhe mandasse entregar um negro que lhe fugira e mais os pilotos que tinha pagos pera aquela navegação, e com isto ficaria satisfeito.

O mouro, sem outra palavra, disse que ele tornaria logo com resposta; a qual foi que o xeque estava muito mais escandalizado da sua gente, porque, querendo os seus folgar com ela em modo de festa segundo uso da terra ao tempo que iam buscar água, saltaram com eles, matando e ferindo alguns, e mais meteram um zambuco no fundo com muita fazenda, das quais cousas lhe havia de fazer emenda; e quanto aos pilotos, ele não sabia parte deles, por serem homens estrangeiros; que se lhe alguma cousa deviam, bem podia mandar a terra homens que os fossem buscar, que a ele bastava-lhe tê-los já enviado, e isto em tempo que lhe parecia ser ele capitão e os seus gente segura e que falava verdade; mas ao presente o que tinha entendido era serem homens vadios que andavam roubando os portos do mar.<sup>43</sup> No fim das quais palavras, sem mais esperar resposta, se recolheu pera o xeque, donde saiu uma grita, e trás ela começaram de chover setas, chegando-se aos batéis por fazerem melhor emprego, como quem ainda não tinha experimentado a fúria da nossa artelharia. A qual, dos primeiros tiros que lhe Vasco da Gama mandou tirar, assi os castigou que por detrás da ilha onde tinham os zambucos se passaram à terra firme; na qual passagem, rodeando um dos nossos batéis a ilha pera lhe defender o passo, tomou um zambuco carregado de fato; e de quanta gente ia nele, somente houveram a mão um mouro velho e dous negros da terra, porque toda a mais se salvou a nado. Desemperado o lugar per esta maneira, posto que Vasco da Gama lho podera queimar, como sua tenção era assombrá-los pera haver os pilotos e grumete que fugiu, não quis por aquela vez fazer mais dano que ficarem ante os pés do Xeque quatro ou cinco homens mortos de artelharia, que foi a causa de todos se porem em salvo. Tornado aos navios, fez logo per tormento perguntas ao mouro, do qual soube a causa daquela fugida e o trato da terra — ouro de Sofala, especeria da Índia, e que dali a Calecute, segundo ouvira dizer, seria caminho de um mês; e quanto aos poços pera fazerem aguada, aqueles dous negros, que eram naturais da terra, podiam mui bem encaminhar a gente que lá houvesse de ir.

Sabidas estas cousas, que foram pera Vasco da Gama grande contentamento, por serem as mais certas que té então tinha sabido, ante que o xeque mandasse pôr guarda nos poços mandou logo aquela noite os batéis apercebidos de todo o necessário, levando consigo este mouro pera falar aos negros e eles pera encaminhar a gente ao lugar dos poços, onde chegaram com assaz trabalho por ser de noite e per muitos alagadiços, de maneira que quando tornaram era já alto dia.

*Capítulo V. Como o Xeque veo em concerto com Vasco da Gama e lhe deu um piloto que o levou té a cidade Mombaça, donde fugiu a tempo que os mouros da mesma cidade lhe tinham ordenado uma traição de que escapou, e di foi ter a Melinde.*

O xeque, temendo que se negasse o que lhe pediam indinaria os nossos a virem queimar a povoação e navios, com que além da perda ficava ele entre os negros da terra firme que o podiam vir roubar, aconselhado deste temor logo ao seguinte dia com algumas desculpas mandou pedir a Vasco da Gama paz e concórdia; e quanto aos pilotos que este fogo acenderam, um deles era ausentado e metido pelo sertão, temendo o castigo que por isso lhe poderiam dar, e o outro estava já castigado pera sempre, por ser morto com artelharia; que as marlotas e o mais que houveram tudo fora tomado a suas mulheres, e ali o mandava; e em lugar deles outro piloto, homem que o havia de servir melhor, por ser mais exercitado naquele caminho da Índia; e assi o negro fugido.

Vasco da Gama, vendo que o tempo não era pera muitas réplicas e mais lhe convinha o piloto que outra alguma emenda deles, com palavras conformes ao caso aceitou o piloto; e as marlotas com o mais mandou que se tornassem ao xeque pera as dar a quem quisesse, e

<sup>43</sup> Barros reports — or imagines (see nn6, 23, 34, 75, etc.) — this accusation of piracy without any sense of irony regarding the following account of how the Portuguese bombard and capture a dhow.

soltou o mouro e negros da terra, vestidos a seu prazer.

Acabando estas cousas, ao seguinte dia recolheu-se à Ilha de São Jorge, onde ainda esteve três dias, esperando tempo té **o primeiro de Abril**, que partiu, levando consigo mais verdadeiramente um mortal imigo que piloto, porque aquele que lhe foi dado, ou pelo ódio que nos tinha ou porque assi lho mandava o xeque, deu com os navios entre umas ilhas, afirmando-se que era uma ponta de terra firme. Por causa da qual mentira foi mui bem açoutado, donde ficou às ilhas nome do Açoutado que hoje tem entre os nossos, que serão adiante de Moçambique 60 léguas. O mouro, como sobre um ódio natural se lhe acrescentou este outro do castigo, determinou meter os navios no porto da cidade Quíloa, por ser povo grosso que poderia per força de armas desbaratar os nossos navios; pera fazer a qual maldade mais a seu salvo, disse a Vasco da Gama em modo de o querer comprazer que adiante estava uma cidade per nome Quíloa, a qual era mea povoada de cristãos abexis e doutros da Índia; que, se mandasse, ele o levaria a ela. Mas aprouve a Deus que, posto que Vasco da Gama lhe disse que o levasse a esta cidade, não sucedeu o negócio como o mouro desejava, porque, com as grandes correntes, uma noite escorreu o porto; e contudo ainda os meteu em outro perigo, que foi dar com o navio São Rafael em seco em uns baixos de que saiu com a maré, donde aquele lugar se chama os Baixos de São Rafael, não tanto por esta vez quanto porque à vinda se veo ali perder.<sup>44</sup>

Tornando a sua viagem aos **sete dias de Abril**, béspera do Domingo de Ramos, chegaram ao porto de uma cidade chamada Mombaça, em a qual o mouro disse que havia cristãos abexis e da Índia, por causa de ser mui abastada de totalas mercadorias. A situação da qual cidade estava metida per um esteiro que torneava a terra, fazendo duas bocas, com que ficava em modo de ilha tam encoberta aos nossos, que não houveram vista dela, senão quando ampararam com a garganta do porto. Descoberta a cidade, como os seus edifícios eram de pedra e cal com janelas e eirados à maneira de Espanha, e ela ficava em uma chapa que dava grã vista ao mar, estava tam ferrosa que houveram os nossos que entravam em algum porto deste reino.<sup>45</sup> E posto que a vista dela namorasse a todos, não consentiu Vasco da Gama ao piloto que metesse os navios dentro como ele quisera, por vir já suspeito contra ele, e surgiu de fora.

Os da cidade, tanto que houveram vista dos navios, mandaram logo a eles em um barco quatro homens que pareciam dos principais, segundo vinham bem tratados. Chegando a bordo, perguntaram que gente era e o que buscavam, ao que Vasco da Gama mandou responder dizendo quem eram e o caminho que faziam e a necessidade que tinham dalguns mantimentos.<sup>46</sup> Os mouros, depois que mostraram em palavras o prazer que tinham e teria el-Rei de Mombaça de sua chegada e fazerem ofertas de todo o necessário pera sua viagem, espediram-se dele. Os quais não tardaram muito com a resposta, dizendo que eles foram notificar a el-Rei quem era, de que recebeu muito prazer com sua vinda; e que, quanto às cousas que haviam mister, de boa vontade lhas mandaria dar, e assi carga de espeçaria, pola muita que tinha. Porém convinha, pera estas cousas lhe serem dadas, entrarem dentro no porto, como era costume das naus que ali chegavam, por ordenança da cidade, quando alguma cousa queriam dela; e os que o não faziam eram havidos por gente suspeitosa e de mau trato, como alguns que havia per aquela costa, aos quais muitas vezes os seus com mão armada vinham lançar dali, o que podiam também fazer a eles, não entrando pera dentro; que lhe mandava este aviso como a gente estrangeira, que escolhessem ou entrar no porto pera lhe ser dado o que pediam, ou passassem avante.

Vasco da Gama, por segurar a suspeita que se dele podia ter, aceitou a entrada pera dentro ao seguinte dia; e pediu àqueles que traziam este recado que, quando fosse tempo, lhe mandassem algum piloto pera o meterem dentro. E posto que se teve muito resguardo que o

<sup>44</sup> *Relação* 1-4 Apr 1498 & nn47-48. Camões, who dispenses with the return to Moçambique, transforms the narrative by making this pilot take over the role of 'o malévolo Baco' while Venus protects Gama's fleet by sending winds to keep him out of harm (*Lus.* 1.93-100) — a striking interpretation of the phrase 'Mas aprouve a Deus que [...] não sucedeu'.

<sup>45</sup> Mombasa: *Relação* 7 Apr 1498. *Lus.* 1.101-04, II.1-32, 59-67 makes the Mombasa sultan a stereotype of Muslim treachery, but transforms the episode by making it a battle between Bacchus and Venus, East and West, the action being conducted at the divine level and modelled in part on the story of Dido and Aeneas. **houveram**, 'held, considered' (*haver* used as a full verb).

<sup>46</sup> *Relação* 7 Apr 1498 & n51.

piloto de Moçambique não falasse à parte com eles senão perante Fernão Martins, língua, per qualquer modo que foi, ele lhe disse o que tinha passado com os nossos; a qual nova os mouros dissimularam, e como gente contente do gasalhado que lhe Vasco da Gama mandou fazer e dádivas que receberam, se espediram dele.

Ao seguinte dia, tornando um batel a bordo com alguns mouros honrados em modo de o visitar, mandou com eles dous homens que levassem um presente a el-Rei, desculpando-se de não poder entrar aqueles dous dias, porque acerca dos cristãos eram solenes, em que não faziam obra alguma por serem da sua Páscoa; mas a tenção sua era mandar per estes homens espiar o estado da cidade e povo dela e que navios havia dentro. Os mouros, ou que entenderam o artefício ou porque sempre usam de cautelas, posto que levaram os homens mostrando contentamento de o fazer, sempre foram trazidos per mão, e de passada notaram somente o que se lhe ofereceu à vista: que tudo foi a multidão do povo que concorreu polas ver, e a nobreza dos paços del-Rei, e a maneira de como os recebeu.<sup>47</sup>

Vasco da Gama, passados dous dias, por não dar má suspeita de si, quando veo ao terceiro em que assentou sua entrada, vieram da cidade muitos barcos com gente vestida de festa e tangeres, mostrando que pelo honrar vinham naquele auto de prazer, repartindo-se pelos navios. E porque entre Vasco da Gama e os outros capitães estava assentado que não consentissem entrar em os navios mais que dez ou doze pessoas, cometendo eles esta entrada, foram a mão aos muitos, dizendo que pejavam a mareagem, que depois na cidade tempo lhe ficava pera os verem. No qual tempo, feito um sinal, mandou Vasco da Gama desferir a vela, com grande prazer de todos: dos mouros, parecendo-lhe levar a presa que desejavam, e dos nossos, cuidando que em achar tam luzida gente e as novas que lhe davam da Índia tinham acabado o fim de seus trabalhos — estando eles àquela hora em perigo de perderem as vidas, segundo a tenção com que eram levados. Mas Deus, em cujo poder estava a guarda deles neste caminho tanto de seu serviço, não permitiu que a vontade dos mouros fosse posta em obra; porque quási milagrosamente os livrou, descobrindo suas tenções per este modo: não querendo o navio de Vasco da Gama fazer cabeça pera a vela tomar vento, começou de ir descaindo sobre um baixo, e vendo ele o perigo, a grandes brados mandou soltar uma âncora; e com isto, segundo costume dos mareantes nos tais tempos não se pode fazer sem per todo o navio correr de uma parte a outra aos aparelhos, tanto que os mouros que estavam per os outros navios viram esta revolta, parecendo-lhe que a traição que eles levavam no peito era descoberta, todos uns per cima dos outros lançaram-se aos barcos. Os que estavam em o navio de Vasco da Gama, vendo o que estes faziam, fizeram outro tanto; até o piloto de Moçambique, que se lançou dos castelos de popa ao mar, tamanho foi o temor em todos. Quando Vasco da Gama e os outros capitães viram tam súbita novidade, abriu-lhe Deus o juízo pera entenderem a causa dela; e sem mais demora assentaram logo de se partir ao longo daquela costa, por terem já sabido ser mui povoada, e que podiam achar per ela navios de mouros de que houvessem algum piloto. Os mouros, porque entenderam o que eles haviam de fazer, logo aquela noite vieram a remo surdo pera cortar as amarras dos navios; mas não houve efeito sua maldade, por serem sentidos.<sup>48</sup>

Partido Vasco da Gama daquele lugar de perigo, ao seguinte dia achou dous zambucos que vinham pera aquela cidade, de que tomaram um com treze mouros, porque os mais se lançaram ao mar, e deles soube como adiante estava uma vila chamada Melinde, cujo rei era homem humano, per meio do qual podia haver piloto pera a Índia. Vendo ele que perguntado cada um destes à parte, todos concorriam na bondade del-Rei de Melinde, e que no seu porto ficavam três ou quatro navios de mercadores da Índia, per a pilotagem destes seguiu a costa com tenção de chegar a Melinde pera haver um piloto, pois em todos aqueles treze mouros não havia algum que se atrevesse de o levar à Índia. Porque se o achara, sem mais experimentar os mouros daquela costa, rota batida houvera de atravessar a outra da Índia, que, segundo lhe eles diziam, podia ser dali até 700 léguas per sua conta.

<sup>47</sup> Easter fell on 8 April in 1498. The story of the two *degredados* is told in *Relação* 8 Apr & nn52-53, but Barros omits a significant detail, the merchants with their ‘carta em [...] a qual estava debuxado o Esprito Santo’, which inspired Camões’s narrative of Bacchus’s trick (*Lus.* II.9-12).

<sup>48</sup> The suggestion that the escape from Mombasa was a miracle (‘Deus em cujo poder estava a guarda deles [...] não permitiu [...] quási milagrosamente os livrou [...] abriu-lhe Deus o juízo’) is translated by Camões into Venus and the Nereids holding back the Portuguese caravels (*Lus.* II.18-22).

*Capítulo VI. Como Vasco da Gama chegou à vila de Melinde, onde assentou paz com o rei dela e pôs um padrão; e havido piloto se partiu pera a Índia, onde chegou.*

Seguindo Vasco da Gama seu caminho com esta presa de mouros, ao outro dia, que era de **Páscoa da Ressurreição**, indo com todolos navios embandeirados e a companhia deles com grandes folias por solenidade da festa, chegou a Melinde.<sup>49</sup> Aonde logo per um degredado em companhia de um dos mouros mandou dizer a el-Rei quem era e o caminho que fazia e a necessidade que tinha de piloto, e que esta fora a causa de tomar aqueles homens, pedindo que lhe mandasse dar um. El-Rei, havido este recado, posto que ao nome cristão tivesse aquele natural ódio que lhe têm todolos mouros, como era homem bem inclinado e sesudo, sabendo per este mouro o modo de como os nossos se houveram com eles e que lhe pareciam homens de grande ânimo no feito da guerra e na conversação brandos e caridosos, segundo o bom tratamento que lhe fizeram, depois de os tomarem, não querendo perder amizade de tal gente com más obras, como perderam os outros príncipes per cujos portos passaram, assentou de levar outro modo com eles enquanto não visse sinal contrairo do que lhe este mouro contava. E logo per ele e pelo degredado mandou dous homens ao capitão, mostrando em palavras o contentamento que tinha de sua vinda: que descansasse, porque pilotos e amizade tudo acharia naquele seu porto, e que em sinal de seguridade lhe mandava aquele anel de ouro e lhe pedia houvesse por bem de sair em terra pera se ver com ele. Ao que Vasco da Gama respondeu conforme à vontade del-Rei, però quanto ao sair em terra a se ver com ele, ao presente não o podia fazer, por el-Rei seu senhor lho defender té levar seu recado a el-Rei de Calecute e a outros príncipes da Índia; que pera eles ambos assentarem paz e amizade, por ser a cousa que lhe el-Rei seu senhor mais encomendava, nenhum outro modo lhe parecia melhor, por não sair do seu regimento, que ir ele em seus batéis té junto da praia e sua real senhoria meterse naqueles zambucos, com que ambos se poderiam ver no mar; porque pera ele ganhar por amigo tam poderoso príncipe como era el-Rei de Portugal, cujo capitão ele era, maiores cousas devia fazer.

Espedidos estes dous mouros contentes do que lhe Vasco da Gama disse e deu, com algumas peças que também levaram pera el-Rei, assi aproveitou ante ele o recado e presente que concedeu nas vistas da maneira que Vasco da Gama pedia. A qual facilidade os nossos atribuíram mais a obra de Deus que a outra cousa, porque, segundo achavam os mouros daquelas partes ciosos de suas terras, não podiam dar outra causa; pois um rei sem ter deles mais notícia que a que lhe dera o mouro, e sem alguma necessidade, se vinha meter no mar tam confiadamente. E praticando todos sobre este caso e do modo que teriam nestas vistas, assentou Vasco da Gama que seu irmão e Nicolau Coelho ficassem em os navios a bom recado, e tanto a pique que podesse acudir a qualquer necessidade; e ele com todolos batéis e a mais limpa gente da frota, vestidos de festa per fora e armas secretas, com grande aparato de bandeiras e toldo no batel, foi-se ao lugar das vistas. A qual ordem se teve quando veo ao dia delas, partindo Vasco da Gama dos navios com grande estrondo de trombetas, o que tudo respondia com as vozes de gente, animando-se uns aos outros em prazer daquela festa; porque, como era na terceira oitava da Páscoa, tempo em que eles cá no reino eram costumados a festas e prazer, parecia-lhes que estavam entre os seus.

Vasco da Gama, indo assi neste auto, a meio caminho mandou suspender o remo, por el-Rei não ser ainda recolhido ao seu zambuco; o qual vinha ao longo da praia metido em um esparavel de seda com as cortinas da parte do mar alevantadas, e ele lançado em um andor sobre os ombros de quatro homens, cercado de muita gente nobre, e a do povo diante e detrás bem afastada pera darem vista aos nossos, todos com grande aparato de festa e tangeres a seu modo. Entrando el-Rei no zambuco com algumas pessoas principais e menestréis que tangiam, toda a mais gente que pôde se embarcou per outros barcos, cercando el-Rei per todalas partes; somente leixaram uma aberta que tinha a vista pera os nossos, em modo de cortesia. E o primeiro sinal de paz que lhe Vasco da Gama mandou fazer, calando-se os estromentos de festa, foi mandar tirar os da guerra, que eram alguns berços espingardas, e no fim deles uma grande grita, ao que responderam os nossos navios com

<sup>49</sup> Malindi: *Relação* 15 April 1498; *Lus.* II.70-108, VI.1-5. Barros, with his technique of imagining motives, paints the sultan in more ambiguous colours than either *Relação* or Camões ('posto que ao nome cristão tivesse aquele natural ódio que lhe têm todolos mouros'); this allows him to attribute his friendly behaviour to providence ('mais a obra de Deus que a outra cousa', below).



outra tal obra, até tirarem as câmaras da artelharia. A qual trovoadas, como era cousa nova nas orelhas daquela gente, foi para eles tam grande espanto que houve entre todos rumor de se colher a terra. Però, sentindo Vasco da Gama a torvoação deles, mandou fazer sinal com que cessou aquele tom que os assombrava, e de si chegou-se ao zambuco del-Rei, o qual o recebeu como homem em cujo peito não havia má tenção; e em toda a prática que ambos tiveram, que durou um bom pedaço, tudo foi com tanta segurança de ambas partes como se entre eles houvera conhecimento de mais dias. E desta prática e modo que Vasco da Gama teve com el-Rei ficou ele tam seguro e contente de sua amizade que logo quis ir ver os nossos navios, rodeando a todos; e por honra de sua ida lhe mandou Vasco da Gama entregar todolos mouros que tomou no zambuco, os quais guardou pera lhe dar naquele dia das vistas. O que el-Rei muito estimou, e muito mais dizer-lhe Vasco da Gama como el-Rei seu senhor tinha tanta artelharia e tantas maiores naus que aquelas que poderiam cobrir os mares da Índia, com as quais o poderia ajudar contra seus imigos; porque fazia el-Rei conta que a pouco custo per aquela via tinha ganhado um Rei poderoso pera suas necessidades.

Espedido Vasco da Gama dele, depois que o leixou desembarcado tornou-se aos navios; e os dias que ali esteve sempre foi visitado dele com muitos refrescos, que deu causa a ser também visitado de uns mouros que ali estavam do reino de Cambaia, em as naus que lhe tinham dito os mouros que tomou no zambuco. Entre os quais vieram certos homens a que chamam *baneanes*, do mesmo gentio do reino de Cambaia, gente tam religiosa na seita de Pitágoras que até a imundícia que criam em si não matam, nem comem cousa viva, dos quais copiosamente tratamos em a nossa *Geografia*.<sup>50</sup> Estes, entrando em o navio de Vasco da Gama e vendo na sua câmara uma imagem de nossa Senhora em um retávol de pincel, e que os nossos lhe faziam reverência, fizeram eles adoração com muito maior acatamento; e como gente que se deleitava na vista daquela imagem, logo ao outro dia tornaram a ela, oferecendo-lhe cravo, pimenta e outras mostras de especeria das que vieram ali vender.

E se foram contentes dos nossos pelo gasalhado que receberam e maneira de sua adoração, também eles ficaram satisfeitos do seu modo, parecendo-lhe ser aquela gente mostra dalguma cristandade que haveria na Índia do tempo de São Tomé. Entre os quais vinha um mouro, guzarate de nação, chamado Malemo Caná, o qual assi pelo contentamento que teve da conversação dos nossos como por comprazer a el-Rei que buscava piloto pera lhe dar, aceitou querer ir com eles.<sup>51</sup> Do saber do qual Vasco da Gama, depois que praticou com ele, ficou muito contente: principalmente quando lhe mostrou uma carta de toda a costa da Índia, arrumada ao modo dos mouros, que era em meridianos e paralelos mui meúdos, sem outro rumo dos ventos, porque como o quadrado daqueles meridianos e paralelos era mui pequeno, ficava a costa per aqueles dous rumos de Norte-Sul e Leste-Oeste mui certa, sem ter aquela multiplicação de ventos de agulha comum da nossa carta, que serve de raiz das outras. E amostrando-lhe Vasco da Gama o grande astrolábio de pau que levava, e outros de metal com que tomava a altura do sol, não se espantou o mouro disso, dizendo que alguns pilotos do Mar Roxo usavam de instrumentos de latão de figura triangular e quadrantes com que tomavam a altura do sol, e principalmente da estrela de que se mais serviam em a navegação; mas que ele e os mareantes de Cambaia e de toda a Índia, però que a sua navegação era per certas estrelas assi do Norte como do Sul e outras notáveis que cursavam per meio do céu de Oriente a Ponente, não tomavam a sua distância per instrumentos semelháveis àqueles, mas per outro de que se ele servia, o qual instrumento lhe trouxe logo a mostrar, que era de três távoas.<sup>52</sup> E porque da figura e uso delas tratámos em a nossa *Geografia* em o capítulo dos instrumentos da navegação, baste aqui saber que servem a eles naquela operação que ora acerca de nós serve o instrumento que os mareantes chamam

<sup>50</sup> **baneanes**, i.e. Gujarati Banyans (see *Gazeteer*, s.v.); cf. *Relação* 15 & 19 Apr 1498 n58 'quatro nãoos de christãos da Índia' —Barros is at pains to play down Gama's assumption that they were Christians. **seita de Pitágoras**, Hinduism, identified with Pythagoreanism because of their common belief in reincarnation or transmigration of souls (*samsara*, metempsychosis). On Barros's *Geografia* see n16, above.

<sup>51</sup> **Malemo Caná**: on the identity of this pilot see *Relação* 22 Apr 1498 n59. Góis and Castanheda name him 'Malemo Canaca', perh. Arab. *mu'allim* 'teacher, master', *Kanaka* 'the name of his caste, [...] also used for sailing master' (Ravenstein 45-46n3). In Camões, simply 'o piloto Melindano' (*Lus.* VI.92).

<sup>52</sup> Barros's awareness of details about Muslim cartography and Indian navigational instruments is an impressive sign of scientific curiosity, compensating for his chauvinistic earlier attempt to attribute all advances in this science to Portuguese geographers (I.iv.2 & nn16-19, above).

*balhestilha*, de que também no capítulo que dissemos se dará razão dele e dos seus inventores.<sup>53</sup>

Vasco da Gama, com esta e outras práticas que per vezes teve com este piloto, parecia-lhe ter nele um gram tesouro; e por o não perder, o mais em breve que pôde, depois que meteu por consentimento del-Rei um padrão per nome Santo Espírito na povoação, dizendo ser em testemunho da paz e amizade que com ele assentara, se fez à vela caminho da Índia, a **24 dias de Abril**. E atravessando aquele grande golfão de 700 léguas que há de uma à outra costa per espaço de 22 dias sem achar cousa que o empedisse, a primeira terra que tomou foi abaixo da cidade Calecute obra de duas léguas, e daqui per pescadores da terra que logo acudiram aos navios foi levado a ela.<sup>54</sup> A qual como era o termo de sua navegação, e na instrução que levava nenhuma outra cousa lhe era mais encomendada, e pera o rei dela nomeadamente levava cartas e embaixada como ao mais poderoso príncipe daquelas partes e senhor de totalas especearias segundo a notícia que naquele tempo neste reino de Portugal tínhamos dele, pareceu aos nossos, vendo-se diante dela, que tinham acabado o fim de seus trabalhos. E posto que adiante particularmente descrevemos o sítio desta cidade Calecute e da região Malabar em que ela está, a qual região é uma parte da província da Índia, aqui, por ser a primeira entrada em que os nossos tomaram posse deste descobrimento per tantos anos continuado e requerido, faremos uma universal relação da província da Índia, pera melhor intendimento desta chegada de Vasco da Gama.

*Capítulo VII. Em que se descreve o sítio da terra a que propriamente chamamos Índia dentro do Gange, na qual se contém a província chamada Malabar, um dos reinos da qual é o em que está a cidade Calecute, onde Vasco da Gama aportou.*<sup>55</sup>

A região a que os geógrafos propriamente chamam Índia é a terra que jaz entre os dous ilustres e celebrados rios Indo e Gange, do qual Indo ela tomou o nome; e os povos do antiquíssimo reino de Eli, cabeça per sítio e poder de toda esta região, e assi a gente pársa a ela vezinha, ao presente per nome próprio lhe chamam Indostão.<sup>56</sup> E segundo a diliniação da távoa que Ptolomeu faz dela, e mais verdadeiramente pela notícia que ora com o nosso descobrimento temos, per excelência bem lhe podemos chamar a Grã Mesopotâmia, porque se os gregos deram este nome, que quere dizer ‘entre os rios’, àquela pequena parte da região babilónica que abraçam os dous rios Eufrates e Tigres, assi pela situação desta entre as correntes dos notáveis Indo e Gange, que descarregam e vasam suas águas em o grande Oceano Oriental, por fazermos diferença dela mais notável do que se faz em dizer ‘Índia dentro do Gange’ e ‘Índia além do Gange’ bem lhe podemos chamar a Grã Mesopotâmia ou Indostão, que é o próprio nome que lhe dão os povos que a habitam e vezinham, por nos conformarmos com eles.<sup>57</sup>

<sup>53</sup> On Barros’s *Geografia* see n16, above; ‘se dará razão’ shows that it was as yet unwritten.

<sup>54</sup> The historical sources give short shrift to the crossing of the Indian Ocean since it was marked by no incident. Camões, by contrast, fills it out with the inventions of Bacchus’s convocation of the council of sea gods in the palace of Neptune, Veloso’s tale of medieval chivalry to pass the time of fair winds, and a mighty storm calmed by nymphs (VI.6-37, 38-69, & 70-91) –heroic and romantic motifs which subtly communicate the historic significance of the voyage.

<sup>55</sup> Topographical diversions were prescribed in classical historiography (Cicero, *De orat.* II.xv.63 ‘rerum ratio [...] desiderat regionum descriptionem’); this one provided Camões with a rich quarry for epic digressions on the exotic geography of India, notably the author’s overview in *Lus.* VII.17-22, Monçaide’s account of Malabar VII.32-41, the nymph’s prophecy and Tethys’s Ptolemaic cosmography X.10-73, 92-143 (105-22), but also incidental passages such as Gama’s account of Pêro da Covilhã’s travels and the dream of Ganges IV.60-65, 69-75.

<sup>56</sup> **propriamente chamam Índia**: ‘properly’, because medieval geographers located various Indies in Asia and Africa (see *Gazeteer s.v.*) and this led Columbus to identify his discoveries as *las Indias* (by Barros’s day, the official designation of the West Indies and Spanish America). **Indostão**, Islamic northern India, mostly ruled in Gama’s time by the Lodi dynasty of Agra, 1451-1526, last successors of the Delhi sultanate (*reino de Eli*); Barros uses the name below in a broader sense to mean the whole of India including the Deccan. **a gente pársa**: ‘Parsees’, here for all non-Muslim peoples of Hindustan.

<sup>57</sup> The world-map of **Ptolemy** (see *Gazeteer*) played a vital part in the discoveries – Columbus relied on it for his attempt to reach India westwards – but Gama’s trip proved a significant shock to it, since it disproved Ptolemy’s contention that the Indian Ocean was landlocked on all sides. Barros’s proposal to rename the Ganges Plain as ‘Mesopotamia’ to prevent confusion with other Indies (n56, above) enshri-

A qual região as correntes destes dous rios per uma parte e o grande Oceano Índico per outra a cercam de maneira que quási fica uma quersoneso entre terras de figura de lijonja, a que os geómetras chamam *rombos*, que é de iguais lados e não de ângulos rectos. Cujos ângulos opósitos em maior distância jazem Norte-Sul; o ângulo desta parte do Sul faz o Cabo Comori, e o da parte do Norte as fontes dos mesmos rios, as quais, però que sobre a terra arrebentem distintas em os montes a que Ptolomeu chama Imao e os habitadores deles Dalanguer e Nangracot, são estes tam conjuntos uns aos outros que quási querem esconder as fontes destes dous rios, e segundo fama do gentio comarcão parece que ambos nadem de uma vea comum, donde nasceu a fábula dos dous irmãos que anda entre eles, a qual recitamos em a nossa *Geografia*.<sup>58</sup> A distância destas fontes ao Cabo Comori a elas opósito será pouco mais ou menos per linha directa 400 léguas; e os outros dous ângulos, que per contraira linha jazem de Levante a Ponente per distância de 300 léguas, fazem as bocas dos mesmos rios Indo e Gange, ambos mui soberbos com as águas do grande número dos outros que se neles metem. E quási tanta é a parte da terra que eles abraçam, quanta a que per os outros dous lados cerca o Mar Oceano, que ambos se ajuntam no Cabo Comori a fazer aquele agudo canto que ele tem; com que fica a figura da lijonja que dissemos.<sup>59</sup>

E posto que toda esta província Indostão seja povoada de dous géneros de povo em crença, um idólatra e outro mahometa, é mui vária em ritos e costumes, e todos entre si a têm repartida em muitos reinos e estados, assi como em os reinos de Moltão, Deli, Cospetir, Bengala em parte, Orixá, Mando, Chitor, Guzarate (a que comumente chamamos Cambaia), e no reino Dacão, dividido em muitos senhorios que tem estado de reis com o de Pale que jaz entre um e o outro, e no grande reino de Bisnagá, que tem debaixo de si alguns régulos com toda a província do Malabar repartida entre muitos reis e príncipes de mui pequenos estados em comparação dos outros maiores que calamos, parte dos quais são isentos e outros súbditos destes nomeados.<sup>60</sup> E segundo estes povos entre si são belicosos e de pouca fé, já toda esta grande região fora súbdita ao mais poderoso se a natureza não atalhara à cobiça dos homens com grandes e notáveis rios, montes, lagos, matas e desertos, habitação de muitas e diversas alimárias, que empedem passar de um reino a outro; principalmente alguns notáveis

---

nes a typical Renaissance paradox, present also in Camões: reverence for classical learning *v.* ambition to outdo the ancients. **Índia dentro do Gange e Índia além do Gange:** this looks like a misprint for 'além do Indo' (cf. *Lus.* VII.17 'Além do Indo jaz, e aquém do Gange'), but on Renaissance maps *India intra Gangem* often appeared as the caption for India, *India extra Gangem* for Burma and Indochina.

<sup>58</sup> On Barros's *Geografia* see n16, above. The description of India as a lozenge derives from Ptolemy, as does the location of the sources of Indus and Ganges in the Imaus or Himalaya — Camões preferred another classical name, *Hemodus* from the Roman geographer Pliny, 'Emódio cavernoso' *Lus.* VII.17—; Barros contributes the Indian toponyms (Gazeteer, s.v. *Imao, Dalanguer, Nangracot*). **arrebentem**, 'gush'. **uma vea comum:** *Lus.* X.105 'vês o feroso Indo, que daquela | altura nace, junto à qual também | doutra altura correndo o Gange vem'. In Ganges's prophecy in *Lus.* IV, Camões alludes to the alternative tradition that the river was one of the four streams of Paradise (n3, above): 'Viu de antigos, longincos e altos montes | nacerem duas claras e altas fontes' 69, but 'Eu sou o ilustre Ganges, que na terra | celeste [i.e. earthly Paradise, cf. VII.1 'o Ganges, que no céu terreno mora'] tenho o berço verdadeiro; | estoutro é o Indo, rei que nesta serra | que vês seu nascimento tem primeiro' 74.

<sup>59</sup> Barros's figures make India measure ca 2368 × 1776 km (see Glossary s.v. *légua*), the true distances being closer to 560 × 500 (modern) leagues, ca 3,100 × 2800 km; the error was in part due to Ptolemy, who flattened the subcontinent by placing Cape Comorin much too far north.

<sup>60</sup> The first part of this sentence is imitated in *Lus.* VII.17:

Além do Indo jaz e aquém do Gange  
um terreno mui grande e assaz famoso  
que pela parte austral o mar abrange  
e pera o norte o Emódio cavernoso.  
Jugo de reis diversos o constringe  
a várias leis: alguns o vicioso  
Mahoma, alguns os ídolos adoram,  
alguns os animais que entre eles moram,

and also in X.108 'As províncias que entre um e o outro rio | vês, com várias nações são infinitas: | um reino Mahometa, outro gentio'. The list of states (cf. *Deliis, Decanis, Oriás, Bengala*, and *Cambaia* in *Lus.* VII.20-21) includes Multan, Delhi, the kingdom of the Gajpati, Bengal, Orissa, *Mando* (?), perh. misprint), Chittaurgarh, and Gujarat with its port Khambat in Hindustan; and, in the Deccan, *Pale* (uncertain) and Vijayanagar with its client-kings in Malabar, including Calicut (see Gazeteer, s.vv.).

rios, parte dos quais, não entrando na madre do Indo e Gange mas regando as terras que estes dous abraçam com muitas voltas, vem sair ao grande Oceano, e assi muitos esteiros de água salgada tão penetrantes a terra que retalham a marítima de maneira que se navega per dentro. E a mais notável divisão que a natureza pôs nesta terra é uma corda de montes a que os naturais per nome comum, por o não terem próprio, chamam Gate, que quere dizer serra; os quais montes, tendo seu nascimento na parte do norte, vem correndo contra o sul, assi como a costa do mar vai a vista dele, leixando entre as suas praias e o sertão da terra uma faixa dela chã e alagadiça, retalhada de água em modo de leziras em algumas partes, té irem fenecer no Cabo Comori, o qual curso de montes se estende perto de 200 léguas.<sup>61</sup> Però começando no rio chamado Carnate vezinho ao cabo e monte de Li, mui notável aos navegantes daquela costa e altura de doze graus e meio da parte do Norte, entra uma faixa de terra que jaz entre este Gate e o mar, de largura de dez té seis léguas segundo as enseadas e cotovelos se encolhem ou bojam, a qual faixa de terra se chama Malabar, que terá de comprimento obra de 80 léguas, onde está situada a cidade Calecute.<sup>62</sup>

Neste tempo que Vasco da Gama chegou a ela, posto que geralmente toda esta terra Malabar fosse habitada de gentios, nos portos do mar viviam alguns mouros, mais por razão da mercadoria e trato que por ter algum estado na terra, porque todolos reis e príncipes dela eram do género gentio e da linhagem dos brâmanes, gente a mais douta e religiosa em seu mode de crença de todas aquelas partes. E o mais poderoso príncipe daquele Malabar era el-Rei de Calecute, o qual por excelência se chamava *Samori*, que acerca deles é como entre nós o título de emperador; cuja metrópoli de seu estado, da qual o reino tomou o nome, é a cidade Calecute, situada em uma costa brava, não com grandes e altos edifícios — somente tinha algumas casas nobres de mercadores mouros da terra e doutros do Cairo e Meca ali residentes por causa do trato da especearia, onde recolhiam sua fazenda com temor do fogo —, toda a mais povoação era de madeira coberta de um género de folha de palma a que eles chamam *ola*. E como nesta cidade havia grande concurso de várias nações, e o gentio dela mui supersticioso em se tocar com gente fora de seu sangue, principalmente os que se chamavam brâmanes e naires, destes dous géneros de gente, sendo a mais nobre da terra, viviam nela mui poucos; toda a outra povoação era de mouros e gentio mecânico; pola qual causa também el-Rei estava fora da cidade, em uns paços que seriam dela quási meia légua, entre palmares, e a gente nobre apousentada per derredor, ao modo que cá temos as quintãs.<sup>63</sup> E porque (segundo dissemos) adiante particularmente escrevemos as cousas deste reino Calecute, não procedemos aqui mais na relação delas.

<sup>61</sup> **Gate**, the Western Ghats; cf. *Lus.* VII.21-22 'um monte alto, que corre longamente | servindo ao Malabar de forte muro | com que do Canará [*i.e.* Kanara Coast, N of Malabar] vive seguro; | Da terra os naturais lhe chamam *Gate*, | do pé do qual [...] se estende ãa fralda estreita'.

<sup>62</sup> **monte de Li**, Mount Eli/Ezhimala (see Gazetteer, s.v. *Li*), situated by Barros at 12°50' N, is prob. the *terra alta* mentioned as a visible landmark for sea-going vessels in *Relação* 18 May 1498 & n62); the identity of the nearby 'rio chamado Carnate' is unclear.

<sup>63</sup> **supersticioso em se tocar com gente fora de seu sangue**: the Hindu religious system of five castes (< Port. *casta* 'breed, race', Sanskrit *jati*) and taboos about personal contact, intermarriage, etc. was well known in classical times (Pliny, *Nat. Hist.* VI.xxii.66 'vita mitioribus populis Indorum multipertita degitur: tellurem exercent [*i.e.* *Sudyas*, labourers], militiam alii capessunt [*Kshatriyas*, warriors], merces alii [*Vaiśyas*, merchants and farmers] ... , res publicas optumi ditissimique temperant [*Brahmans*, priests], ... quintum genus celebratae illis et prope in religionem versae sapientiae deditum [prob. *Sadhus* and yogis, holy men, rather than a caste] ... Unum super haec est semiferum ac plenum laboris [*Harijans*, untouchables, or *pariahs*, outcasts]'). **nares**: Nairs were the military aristocracy of Kerala, who practised distinctive systems of polyandry, matriliney, etc.. Camões noted this term, and another south Indian word, *pulayam* 'peasants', in Monçaide's portrayal of Calicut (*Lus.* VII.37):

Dous modos há de gente, porque a nobre  
Naires chamados são, e a menos dina  
Poleás tem por nome, a quem obriga  
a lei não mesturar a casta antiga.

Despite going on to use the word *casta* and describe taboos (compared to the Jewish aversion for Samaritans) and the abstinence from animal food of 'Brâmenes [...] seus religiosos', Camões shows little understanding of the caste system when he states that there were only two 'sorts' of people. **gentio mecânico**, *i.e.* Hindus of craftsman or labouring castes. **fora da cidade**: the Samudri was in fact at Ponnani (*Relação* 21 May 1498 & n68).

*Capítulo VIII. Como Vasco da Gama mandou recado a el-Rei de Calecute que era chegado ao porto de sua cidade, e depois per sua licença se viu com ele duas vezes.*

Ao tempo que Vasco da Gama chegou a esta cidade Calecute, que era a **20 de Maio**, princípio do inverno naquela costa, não havia no porto o grã tráfico e número de naus que nele estão à carga nos meses do verão, porque as estrangeiras que ali costumavam vir eram tornadas a suas terras, e as do mesmo reino de Calecute per os rios e esteiros estavam metidas em fossas cobertas com folha de palma, segundo costumam per toda aquela costa; e por esta chegada ser fora do tempo da sua navegação, tanto espanto fez aos da terra como a feição e mareagem dos navios, e logo lhe pareceu gente nova e não costumada navegar aqueles mares. Vasco da Gama, tanto que ancorou um pouco largo do porto por causa de um recife em que o mar quebrava, mandou em terra o mouro piloto e um degredado, notificando per eles a el-Rei sua chegada e o recado que lhe trazia, pedindo que lhe mandasse dizer quando havia por bem que fosse a ele, porque sem sua licença não sairia dos navios.<sup>64</sup>

O mouro Malemo Caná, como quem sabia a terra, foi-se logo aos paços del-Rei, e, porque achou nova que era um lugar que seria dali cinco léguas, sem tornar aos navios com recado se foi a ele. Vasco da Gama, por lhe este Caná ter dito quão pequena distância havia da cidade aos paços del-Rei, vendo que não vinha aquele dia e que era passado a maior parte do outro, começou tomar má suspeita dele, e principalmente porque, de quantos barcos saíam a pescar, todos se afastavam dos navios, como gente temerosa ou per qualquer outra causa que fosse. Porém, quando veu ao outro dia à tarde tirou toda esta suspeita com a vinda deles e de um piloto do Samori, per o qual ele lhe fazia saber o contentamento que tinha de sua vinda, e que, postos os navios em um porto seguro onde lhe ele mandava que os levassem por causa do inverno, depois lhe mandaria dizer quando havia por bem que fosse a ele. Com o qual recado Vasco da Gama ficou mui satisfeito, principalmente na mudança dos navios daquela costa a lugar mais seguro, porque nisto mostrava el-Rei per obra o que lhe mandava dizer per palavra acerca do contentamento que tinha de sua vinda, e que de tal acolhimento do primeiro recado que lhe mandava podia esperar ser bem despachado. E por mostrar maior confiança a este piloto que lhe el-Rei mandou, disse que ele podia mandar naqueles navios o que quisesse, porque todos lhe obedeceriam, e assi se fez, ca pela ordenança do piloto se passaram a um porto chamado Capocate perto dali,<sup>65</sup> onde Vasco da Gama esteve esperando dous dias recado del-Rei sem da terra virem aos navios nem deles irem a ela.

Ante que ele viesse com os navios a este porto, o dia que o piloto del-Rei lhe trouxesse seu recado pera se mudar aqui, entre alguns oficiais da arrecadação dos direitos del-Rei que vieram com ele foi um mouro per nome Monsaide, cujo officio era corrector de mercadorias; o qual, por ser conhecente do piloto Malemo Caná, ele o agasalhou em sua casa, e assi o degredado, a noite que dormiram em terra. Este Monçaide (segundo ele depois contou) era natural do reino de Tunes, e tivera já comunicação com os portugueses em a cidade Ourão quando ali iam as naus deste reino per mandado del-Rei Dom João o Segundo buscar lambéis pera o resgate do ouro da Mina; e, ou que a lembrança destas partes do Ocidente onde nacera ou qualquer outra boa disposição assi o demoveram, vendo e praticando com os nossos per língua castelhana, que ele sabia, da hora que entrou em os navios assi se fez familiar a Vasco da Gama que se veu com ele pera este reino, onde morreu cristão. O qual, como esperava acabar neste estado, era tam fiel a nossas cousas que per meio dele foi Vasco da Gama avisado de muitas; e parece que Deus o trouxe àquelas partes pera proveito nosso, segundo o que passou, como veremos.<sup>66</sup>

<sup>64</sup> Arrival in Calicut: *Relação* 21 May 1498, *Lus.* VI.92-93, VII.1, 16-23.

<sup>65</sup> **um porto chamado Capocate:** Kappatt. The anchorage was more prob. at Pantalayini-Kollam, the fleet having waited off Kappatt before landing (*Relação* 21 May 'Mandou-nos [...] hum piloto que nos levasse a hum lugar que se chama Pandarani', cf. 20 May 'fomos pousar abaixo desta cidade de Calecut duas légoas [...] por hũa vila que ali estava a que chamam Cápua').

<sup>66</sup> **Monçaide:** *Relação* 21 May & n65 'dous mouros de Túnez que sabiam falar castelhano e januês'. Unnamed in the eye-witness account, the *morisco* is called in other chronicles *Bontaibo*, prob. Ibn Ṭayyib; his post, *corrector de mercadorias*, is perhaps a misprint for *corredor*, 'trader'. Monçaide returned with Gama and converted to Christianity (*Relação* 28 Aug 1498 & n101), and so figures in heroic colours in Barros's messianic account. Camões subtly dramatizes three phrases here: 'per meio dele foi Vasco da Gama avisado' (*Lus.* VII.26-41, 46, and conversely as Gama's mouthpiece to the *kot-wāl* 67-72), 'Deus o trouxe àquelas partes pera proveito nosso' (IX.5), and 'morreu cristão' (IX.15).

E logo em dous dias que Vasco da Gama esteve esperando por recado do Samori, este Monçaide o avisou dalgumas cousas, por razão das quais ele teve conselho com os capitães do modo que teria em ir ao Samori, quando o mandasse chamar; e assentou que seu irmão e Nicolau Coelho ficassem em os navios, dando-lhe regimento do que haviam de fazer. Vindo o recado do Samori que fosse, saiu Vasco da Gama com doze pessoas em terra, onde o recebeu um homem nobre a que eles chamam *catual*, acompanhado de 200 homens a pé, deles pera levarem o fato dos nossos e deles que serviam de espada e adargas como guarda de sua pessoa, e outros de o trazer aos ombros em um andor, porque em toda aquela terra Malabar não se serve de bestas; um dos quais andores foi também apresentado a Vasco da Gama pera ir nele.<sup>67</sup> Posto o *catual* e ele em caminho pera Calecute, que seria dali cinco léguas, começaram os doze que levava ficar de dous em dous, porque além de o caminho ser de area e eles desacostumados de caminhar, era tam grande o curso dos que levavam o andor que em todo o caminho foi Vasco da Gama sem eles té a noite se ajuntarem em um lugar onde o *catual* dormiu.

Quando veio ao outro dia, que tornaram caminhar, chegaram a um grande templo de gentio da terra, mui bem lavrado de cantaria, com um coruchéu coberto de tijolo, à porta do qual estava um padrão grande de latão e encima, por remate, um galo. E dentro no corpo do templo estava um portal cujas portas eram de metal, per que entravam a uma escada que subia ao coruchéu, ao pé do qual, onde ficava o redondo dele em modo de charola, estavam algumas imagens da sua adoração. Os nossos, como iam crentes ser aquela gente dos convertidos pelo apóstolo São Tomé segundo a fama que cá nestas partes havia e eles achavam per dito dos mouros, alguns se assentaram em giolhos a fazer oração àquelas imagens, cuidando serem dignas de adoração. Do qual auto o gentio da terra houve muito prazer, parecendo-lhe sermos dados ao culto de adorar imagens, o que eles não viam fazer aos mouros.<sup>68</sup>

Partidos deste templo, chegaram a outro junto de uma povoação onde estava apousentado outro *catual*, pessoa mais notável que vinha per mandado do Samori receber Vasco da Gama.<sup>69</sup> O qual, quando saiu a ele, era com muita gente de guerra, todos adargados a seu modo, tam postos em ordem com seus instrumentos de tanger pera os animar que folgaram os nossos em os ver naquela ordenança, e mais sendo feita por honra de sua vinda. Chegado o *catual* a Vasco da Gama, depois que, segundo seu uso, o recebeu com muita cortesia, mandou-lhe dar outro andor que trazia adestro, melhor concertado que aquele em que vinha, e sem fazer mais detença seguiram seu caminho aos paços del-Rei, onde Vasco da Gama esperou polos seus, que não podiam aturar o curso daqueles que levavam o andor, e o maior dano que recebiam era do grande povo, que quási os levava afogados polos ver. E ainda sobre isso, à entrada de um grande terreiro cercado, era tanta pressa por entrarem na volta deles que veio o negócio às punhadas e di ao ferro, em que houve feridos e um morto primeiro que os oficiais del-Rei apagassem o arruído; e porém sempre tiveram tanto resguardo em as pessoas dos nossos, que em toda a revolta não lhe foi feito algum desacatamento.

Passado aquele terreiro, entraram em um pátio de alpendres, onde acharam Vasco da Gama e o *catual* com alguma gente mais limpa esperando por eles; e sem tomar algum repouso daquela afronta em que vinham, entraram todos em uma grã casa térrea, em que estava aquele grande Samori da província Malabar, per eles tam desejado de ver.<sup>70</sup> De junto do qual se alevantou um homem de grande idade, que era o seu brãmane maior, vestindo umas vestiduras brancas, representando nelas e em sua idade e continência ser homem

<sup>67</sup> Meeting with the *kot-wāl*: *Relação* 21 May 1498 & n68, *Lus.* VII.44. (Barros follows the eye-witness account closely, even adopting the viewpoint of the companions; differences are noted below.)

<sup>68</sup> Visit to the temple: *Relação* 28 May 1498 & n72-73 ('uma igreja'); *Lus.* VII.46-49 'segundo o Demónio lhe fingia [...] abomináveis esculturas [...] supersticiosa adoração'. Barros omits all details of Hindu ritual, perhaps to avoid highlighting the credulity (or duplicity) of Gama's devotions, whereas Camões uses a *tour-de-force* of classical allusions to adumbrate the eternal paganism of the East *v.* the civilizing mission of the Roman/Portuguese empire.

<sup>69</sup> **outro *catual***: *Relação* 28 May 'hum irmão do Baile, o qual era grande senhor nesta terra'.

<sup>70</sup> First meeting with Samudri Raja: *Relação* 28 May & n74-79; *Lus.* VII.50-65 disposes of much humdrum description, inventing instead spice gardens and magically prophetic palace carvings representing Alexander's defeat of the East at the River Hydaspes (Jhelum) 50-56

religioso. E chegando ao meio da casa, tomou Vasco da Gama pela mão e o foi apresentar ao Samori, o qual estava no cabo da casa lançado em uma camilha coberta de panos de seda, posto em um leito a que eles chamam *câtel*, e ele vestido com um pano de algodão burnido com algumas rosas de ouro batido semeadas per ele, e na cabeça uma carapuça de brocado alta a maneira de mitra cerrada, chea de perlas e pedraria; e per os braços e pernas, que estavam descobertos, tinha braceletes de ouro e pedraria. E a uma ilarga deste leito, em que jazia com a cabeça posta sobre uma almofada de seda rasa com lavores de ouro a maneira de broslado, estava um homem que parecia em traje e ofício dos mais principais da terra, o qual tinha na mão um prato de ouro com folhas de bétel, e que eles usam remoer por lhe confortar o estômago.<sup>71</sup>

O Samori, posto que no ar do rosto recebeu Vasco da Gama com graça, tinha tamanha majestade e assi estava grave naquele seu *câtel* que não fez mais movimento para ele quando lhe falou que levantar a cabeça da almofada, e des i acenou ao brâmane que o fizesse assentar em uns degraus do estrado em que tinha o *câtel*, e aos de sua companhia em outra parte um pedaço afastados, por ver que havia mister tomar algum repouso segundo vinham afrontados do caminho. E depois que per um espaço grande esteve notando as pessoas, trajos e autos deles, e praticando em palavras gerais com Vasco da Gama, recebidas dele duas cartas que lhe mandava el-Rei Dom Manuel, uma escrita em arábigo e outra em língua português, que era da mesma substância, disse-lhe que ele as veria, e depois mais de vagar ouveria a ele; que por então se fosse a repousar; que, quanto ao seu gasalhado, visse com quem queria que fosse, se com mouros ou com os naturais da terra, pois ali não havia gente da sua nação, segundo tinha sabido. Ao que Vasco da Gama respondeu que entre os mouros e cristãos havia diferença acerca da lei que tinham, e outras paixões particulares, e que com os seus vassalos, por ele e os de sua companhia não saberem seus costumes e temiam de os poder enojar, pedia a sua real senhoria que os mandasse apousentar sem companhia alguma; o que aprouve ao Samori, mandando ao catual que o contentasse.<sup>72</sup> E louvou Vasco da Gama de homem prudente e cauteloso nas cousas da paz, segundo o mouro Monçaide lhe veio contando pelo caminho, até chegarem à cidade Calecute, já bem noite.

E entre algumas cousas que o catual fez de que Vasco da Gama teve dele boa esperança pera seus negócios, foi mandar a este Monçaide que se não apartasse dele, pera poder requerer o que houvesse mister, vendo que lhe era aceito por se entender em alguma maneira com ele; o que Monçaide aceitou de boa vontade, e quási ele se ofereceu a isso. Parece que o chamava Deus por alguma boa disposição que nele havia pera se salvar, segundo logo mostrou na verdade que tratava e fiéis conselhos que deu, um dos quais foi este:<sup>73</sup> Querendo Vasco da Gama, ao seguinte dia, ir ao Samori a lhe dar a embaixada que levava, o catual o entreteve, dizendo que os embaixadores que vinham ao Samori e a todos os príncipes daquelas partes da Índia tinham per costume não irem ante o príncipe senão quando ele os mandava chamar; e mais, que primeiro repousavam alguns dias. No qual caso, aconselhou Monçaide, pera esta ida ser mais prestes, dizendo que o mais certo costume dos príncipes daquelas partes era não ouvirem alguém sem lhe primeiro levar alguma cousa, e quanto o embaixador era mais estranho, tanto maior presente esperavam, e que dele não ter isto feito el-Rei o não ouviu logo; portanto, se queria ser bem aviado, começasse de usar do costume da terra, porque ante o Rei não pode ir alguém com as mãos vazias; e também os seus oficiais, per cuja mão os negócios corriam, convinha per este modo serem contentes, ca doutra

<sup>71</sup> **folhas de bétel:** *Relação* 28 May & n76 'hüas ervas que [...] chamam *atanbor*; *Lus.* VII.58 'a verde folha da erva ardente'. The Moroccan traveller Ibn Baṭṭūṭa, who visited India in the 1340s, noted: 'the Indians attach immense importance to betel [...] A gift of it is for them a far greater matter and more indicative of esteem than the gift of silver and gold. It is eaten by first crushing an areca nut, which is like a nutmeg, and chewing the pieces in the mouth, then putting a little on the betel leaves and chewing them together. [...] This gives a sense of exhilaration and promotes sexual intercourse, and a man will put some by his pillow at night so that if he is woken up by his wife or his slave girl he may take a few [...] I have been told, indeed, that the slave girls of the sultan and of the amirs in India eat nothing else', 92-93). Apparently no betel was offered to the Portuguese.

<sup>72</sup> Compare this brutally brief encounter with *Relação* (private interview with interpreters for four hours, from sunset to lamp-lighting 'quatro oras da noute'), and with Camões grandiloquent epic speech (VII.60-63) – Barros chooses only the highlight the 'paixões' between Muslims and Christians.

<sup>73</sup> For this providential interpretation of Monçaide's actions cf. n66, above.

maneira seria tarde ouvido e, sobre isso, mal despachado.<sup>74</sup>

Vasco da Gama, posto que não lhe esquecia ser esta a entrada e saída com que se acabam os negócios em toda parte, não lhe pareceu que tardava em um dia; mas, sabendo per Monçaide quanto lhe importava, mandou logo a el-Rei algumas cousas, as quais foram com este recado de desculpa: que quando partira de Portugal, por não ter certo que podia passar à Índia e ver sua real pessoa, não fora apercebido como devia; que aquelas cousas eram das que trazia pera seu uso, que lhas enviava não tanto por sua valia quanto por mostra das que havia em Portugal, e ainda aquelas escaparam da humidade do mar, por haver muito tempo que andava nele.

Tanto que o Samori teve este presente, e os seus oficiais foram satisfeitos segundo o conselho de Monçaide, foi Vasco da Gama levado ante ele, ao qual recebeu já com mais honra em outra casa; e mandando-o assentar, lhe disse que ele tinha visto uma das cartas que lhe dera escrita em arábigo e nela se continha a boa vontade e amor que el-Rei de Portugal seu senhor lhe mostrava ter, e assi enviá-lo a ele pera algumas cousas que faziam a bem de paz e comércio de entre ambos que lhe ele diria; portanto podia falar nisso. Vasco da Gama, havida esta licença, como já estava amoestado per Monçaide do uso daqueles príncipes —que é serem mui taxados em ouvir e responder e terem as orelhas mais prontas no seu proveito que na eloquência da embaixada, e mais quando é relatada per terceiro, os quais intérpretes geralmente dizem a substância da cousa e não as vivas razões dela— por se conformar com o modo da terra, nestas palavras resumiu o que lhe era mandado:<sup>75</sup>

Que a causa principal que movera a el-Rei seu senhor enviá-lo àquelas partes orientais, tam remotas do seu estado, fora ser ante ele mui celebrada a fama da real pessoa dele, Samori, e da grandeza do seu senhoria, e estarem em seu poder a maior parte das especearias que per mãos dos mouros se navegavam pera as partes da Cristandade; e porque ele tinha descoberto per seus capitães novo caminho pera entre eles haver amor, prestança, e comunicação de comércio, com que o reino dele, Samori, fosse mais rico por causa do muito ouro, prata, sedas, e outra muita sorte de preciosas mercadorias de que o seu reino de Portugal era tão abastado quanto o de Calecute de pimenta, ele, senhor Rei, o enviava com aqueles três navios a lhe notificar esta sua tenção; e sendo-lhe aceita, armaria mui grossas naus carregadas desta fazenda, e a ordem e modo do comércio e preço das cousas seria aquele que fosse em proveito de ambos. O Samori a estas palavras respondeu com outras muito mais breves, em que mostrou ter contentamento da causa da vinda dele, Vasco da Gama; e acabou dizendo que ele o despacharia mui cedo, e com isto o espediu.

*Capítulo IX. Da consulta que os principais mouros de Calecute tiveram sobre a ida de Vasco da Gama àquelas partes, e como o Samori por causa deles o espediu.*

Os mouros, assi naturais da terra como alguns estrangeiros que estavam naquela cidade Calecute por razão do trato da especearia, do qual negócio eles eram senhores, navegando-a per o Mar Roixo, quando viram que a embaixada de Vasco da Gama era a fim do comércio destas especearias, ficaram mui tristes, principalmente sabendo o contentamento que o Samori tinha de um Rei de tam longe terra como era o Ponente lhe enviar embaixada, e que louvava os nossos, dizendo que lhe parecia gente de boa razão e que seria proveitosa, vindo àquele seu reino, pois eram senhores de tantas mercadorias como diziam.<sup>76</sup>

<sup>74</sup> Trouble with the *serviço*: *Relação* 29 May 1498 & n80 (with no mention of Monçaide). Barros excises all unflattering details (mockery of Muslim traders, Gama's juvenile fits of temper).

<sup>75</sup> Second interview with the Samudri: cf. *Relação* 30 May, which records that Gama was thoroughly humiliated. The reason for the Samudri's displeasure over the next month was the non-payment of harbour dues (*Relação* ca 9 Aug & n94). No hint of this appears in Barros, who from here onwards rewrites history in a light favourable to Portuguese self-esteem, laying the blame on the 'treason' of Muslim merchants and the venality of Indian officials. This necessitated slashing details in *Relação* and replacing them with a series of invented discourses (see n6, above); these are presented in reported speech (*oratio obliqua*, introduced by *que* and subj. verbs), an elegant variation approved by Livy and other ancient historians, which often signalled a more speculative reconstruction than direct dialogue.

<sup>76</sup> Barros here begins his long circumlocution (see previous note) for the squalid tale of unpaid taxes which fills the following month in *Relação* (ca 9 Aug & n94). Camões dispenses loftily with the whole topic, concentrating instead on the *kot-wāl's* visit to Paulo da Gama's ship to be entertained by an epic ecphrasis on the glorious tale of the Portuguese banners (*Lus.* VII.73-78, VIII.1-44; see n81, below).



Sobre o qual caso os principais a que isto mais tocava tiveram consulta, e entre muitas razões que foram trazidas do grande dano que todos receberiam se entrássemos na Índia foi o que contou um deles, dizendo que o ano passado, sobre duas naus de Meca que tardavam, em que lhe vinha fazendo, fizera pergunta a algumas pessoas que usam do ofício de astrologia e doutras artes que daqui dependem, uma das quais pessoas (que ele daria por testemunha, como autor da obra) em um vaso de água lhe mostrara as naus perdidas, e mais outras a vela que dezia partirem de mui longe pera vir à Índia, que a gente delas seria total destruição dos mouros daquelas partes; e porque em verdade elas eram perdidas, como todos sabiam, pois a todos tocara esta perda, podia-se tomar suspeita do mais na vinda daqueles navios ali chegados, pois a gente deles era cristã, capital imiga de mouros. Finalmente com esta história, ora fosse fingida pera induzir os outros (posto que sem ela eles estavam bem movidos contra os nossos), ora que o Demónio lhe quis representar aquele seu futuro mal, a conclusão da consulta acabou que buscassem todos os modos possíveis pera sumir os nossos navios no fundo do mar, e que as pessoas, como ficassem em terra, um e um os iriam gastando, com que não houvesse memória deles nem do que tinham descoberto.<sup>77</sup> Porém, temendo que o Samori se podia escandalizar se publicamente nisso fizessem alguma cousa, pareceu-lhe mais seguro modo ser este caso cometido pelo executor de todas as más sentenças, que é o dinheiro, subornando com ele ao catual que tinha cargo dos nossos pera que indinasse a el-Rei contra eles com algumas razões aparentes que lhe deram pera o caso, afirmando serem verdadeiras e que convinham ao bem e paz da terra.<sup>78</sup>

O catual, como lhe encheram as mãos e as orelhas, começou logo fazer seu ofício, e a primeira obra foi não consentir que os nossos saíssem da casa em que estavam, por não verem a cidade nem o trato dela, dando entender a Vasco da Gama que, enquanto não fosse despachado, não tinham licença pera andar soltamente pela cidade, e mais convinha a ele ser isto assi por evitar algum escândalo que podiam receber dos mouros, pois entre todos havia paixões por razão do que cada um cria acerca das cousas de Deus. Com as quais palavras, per que ele mostrava ordenar tudo a bem de paz, em obras negava-lhe o necessário que haviam mister; em que Vasco da Gama intendia parte da sua tenção, e começou logo requerer seu despacho sem outra carga de especearia, porque, tornando ele a este reino com nova do que tinha descoberto, tempo ficava pera el-Rei mandar frota com que haveria quanta quisesse, sem temer as naus de Meca, com a vinda das quais o asombrava o mouro Monsaide, dizendo serem grandes e poderosas, de que poderia receber dano; portanto trabalhasse por se despedir daquela terra, ante que eles viessem.

Vasco da Gama, como per estes e outros avisos que lhe tinha dado entendeu ser homem fiel, per ele escreveu a seu irmão Paulo da Gama fazendo-lhe saber o que passava e sentia dos mouros, encomendando-lhe resguardo na comunicação da gente da terra que fossem a bordo dos navios, porque os mouros tudo haviam de tentar pera os meter em ódio com o gentio da terra.<sup>79</sup> O catual, tanto que viu tempo pera isso, disse ao Samori que geralmente todos os homens do Ponente que estavam naquela cidade diziam que aqueles que ali eram vindos na

<sup>77</sup> One of Barros's most daring inventions – what source could reveal the discussions of Calicut Muslims? –, this speech is a romance cloaked in verisimilar details (becalmed Meccan dhows – two of them –, an oriental necromancer 'who could be called as witness', dark operations with a tea-cup, the Sibylline oracle of lost ships, a whiff of the Devil), capped by a sleight-of-hand in *ora fosse fingida* ('whether or not the Muslim fabricated the story' ... which Barros fabricated). The tale dramatizes hints in *Relação* (e.g. 6 Jun 1498, spitting at the Portuguese in the street 'pela máa informaçam que já de nós tinha que éramos huns ladrões'; 13 Aug & n97 'mercadores de Meca [...] diziam a El-Rei [...] que *nom viriam mais* à sua terra [...] podia sua terra ser *destroída*'; 'hum mouro da terra [...] lhe descobriu o que estava hordenado, dizendo aos capitães que *nom saíssem fora* dos navios'; 5 Oct 'disse o mouro que [...] lhe vieram dizer como nós andávamos *perdidos*'). Equally interesting is Camões treatment, which draws on the novelesque features of Barros's account (necromancy, the Devil) for Bacchus's climactic attempt to stir up the *astutos traições* of the East through the *sacerdote da lei de Mafamede* (*Lus.* VIII.45-53 'os arúspices [...] por sinais diabólicos', etc.).

<sup>78</sup> *Relação* 13 Aug 1498 (cf. n98 *ad loc.*) 'peitavam mui muito que nos tomasse e matasse'. *Lus.* VIII.52-56 follows Barros's account of the bribery, developing a particular rhetorical phrase ('executor de todas as más sentenças, que é o dinheiro') into an diatribe on corruption. Both Barros and Camões make the *kot-wāl* chief culprit (*Lus.* VIII.56, 81) rather than the Samudri (*Relação*, 'a El-Rei').

<sup>79</sup> In deference to the Captain-Major's powerful family, Barros apparently substitutes the name of Paulo de Gama for that of Nicolau Coelho (*Relação* 1 June).

sua própria terra viviam mais deste ofício de cossairos que de trato e mercadoria; e como homens perseguidos na terra de seus naturais se desterravam pera parte onde não fossem conhecidos; que as cartas que lhe deram em nome de embaixadores que traziam, tudo era artefício pera encobrir a infâmia de vagabundos, ca não estava em razão um rei de tam longe como era o Ocidente da terra da Franquia mandar-lhe embaixada que não trazia mais fundamento que desejo de sua amizade, e que a mesma cousa per si mostrava não poder ser, porque uma das razões da amizade era a comunicação das pessoas e prestança nas obras, e que estas entre eles eram mui contrairas, assi por razão da crença diferente que cada um tinha como por a grande distância de seus estados; e mais, que um rei tam poderoso e rico como eles diziam ser o seu mal mostrava este poder no presente que lhe mandara, pois eram peças que qualquer mercador que vinha do Estreito as dava melhores. Quanto a dizerem ser enviados por razão de especearia, eles não traziam mercadoria que dessem sinal disso; e ainda que tudo fosse como eles diziam, não devia querer perder proveito tam certo como tinha nos mouros pelo que prometiam homens que habitavam nos fins da terra, os quais haviam mister dous anos de navegação; quanto mais que, vendo os mouros como sua real senhoria favorecia homens novos e de que se tanto mal dizia, e sobre tudo seus imigos, era causa de grande escândalo para eles, e não seria muito perdê-los; cousa que ele devia muito temer, pois perdendo a eles, perdia vassallos, e não virem mais a seu porto naus de Meca, Juda, Adem, Ormuz e doutras muitas partes, no comércio das quais estava todo seu estado. Que ele em dizer isto compria com a obrigação que lhe devia, que era representar-lhe as cousas de seu serviço; que, além do seu, devia tomar parecer doutras pessoas, apontando-lhe logo em alguns seus oficiais que ele, catual, sabia já estarem da parte dos mouros, ca pelo testemunho destes ficavam suas palavras com maior fé.<sup>80</sup>

El-Rei, ainda que era homem prudente e tinha tenteado quanto proveito podia receber neste novo caminho que os nossos abriram pera dar maior saída às suas especearias, tanto poder tiveram nele estas palavras do catual, que, sem mais examinar a verdade, com os outros testemunhos que lhe o mesmo catual nomeou depois que lhe pediu seu parecer, ficou assi transtornado que teve os nossos na conta que lhe eles pintaram; de maneira que faleceu pouco de lhe ordenarem cousa com que nunca cá vieram.

Mas como as que Deus ordena não se podem contrairar pelos homens, ainda que em alguma maneira pareça que as empedem, o modo que estes mouros buscaram de os destruir, essa foi a causa de serem mais cedo despachados, ante que viessem as naus de Meca; porque tanto que o Samori concebeu o que lhe deziam, mandou chamar Vasco da Gama e disse que lhe descobrisse uma verdade, que ele lhe prometia de lha perdoar, por ser cousa natural aos homens buscarem cautelas e modos de sua abonação pera fazerem seu proveito; e que se andavam desterrados por algum caso, ele os ajudaria em tudo, ca segundo tinha sabido dalguns homens das partes da Franquia, donde diziam ser, eles não tinham rei, ou, se o havia na sua pátria, o seu ofício mais era andar pelo mar de armada a maneira de cossairos que por razão do comércio.<sup>81</sup>

Vasco da Gama, quando ouviu tais palavras, sem leixar ir el-Rei mais avante com elas, disse que verdadeiramente ele não punha culpa cuidarem deles muitas cousas, porque grã novidade devia ser a todolos seus vassallos verem naquelas partes nova gente em religião e

<sup>80</sup> The *kot-wāl* suborns the Samudri: there is, of course, no parallel for this scene in *Relação*. Barros lavishes much care on verisimilitude, imagining the speech in *oratio obliqua* (cf. n75, above) from the viewpoint of its Indian speaker even in small details of language — e.g. *o Ponente* ‘the West’ meaning west of India, i.e. our East (*mouros* of Arabia and Persia); *Franquia* for ‘Europe’ (see *Gazeteer*); *o Estreito* meaning the straits of Hormuz, not Gibraltar, etc.

<sup>81</sup> Third interview with the Samudri: *Relação* mentions no such meeting, all communication after 30 May being by intermediaries. In fact, this interview is merely a reprise of the second, which appeared to end at the close of Chap. viii before the intervening description of the ‘Moorish’ plot; it picks up *Relação* 30 May ‘disse entam El-Rei: que era o que ele vinha descobrir, pedras ou homens? [...] que mercadarias avia em sua terra? Disse o Capitam que avia muito trigo, muitos panos, muito ferro’, etc.). Camões, having substituted the second interview and its aftermath with the parade of banners (n.76, above), follows Barros here, giving Gama a mighty epic speech (*Lus.* VIII.60-77). Barros’s duplicated narration may have been muddle, but more likely the arrangement was deliberate; its purpose was to use Gama’s reply as a pretext to rehearse the glories of Portuguese exploration (‘1,600 léguas de costa que ele e seus antecessores mandaram descobrir’, etc.) and to reaffirm the crusading ideology with which the Book began (council of Montemor-o-Novo, chap. 1).

costumes, e mais vindos per caminho nunca navegado,<sup>82</sup> com embaixada de um poderoso rei que não pretendia mais interesse que sua amizade e comunicação de comércio pera dar nova saída às especearias daquele seu reino Calecute; porque homens, armas, cavalos, ouro, prata, seda, e outras cousas à humana vida necessárias no seu reino as havia tam abastadamente que não tinha necessidade de as ir buscar aos alheos, e mais tam remotos como eram os da Índia. Porém sabendo ele, Samori, o que el-Rei seu senhor quis de 1,600 léguas de costa que ele e seus antecessores mandaram descobrir, haveria não ser nova cousa enviar mais avante per esta mesma costa té chegar a sua real senhoria, cuja fama era mui celebrada nas partes da Cristandade. E nestas 1,600 léguas que mandou descobrir, achando-se muitos reis e príncipes do género gentio, nenhuma cousa quis deles, somente doutriná-los em a fé de Cristo Jesu, Redentor do Mundo, senhor do Céu e da Terra, que ele confessava e adorava por seu Deus, por louvor e serviço do qual ele tomava esta impresa de novos descobrimentos da terra. E com este benefício da salvação das almas que el-Rei Dom Manuel procurava àqueles reis e povos que novamente descobria, também lhe enviava navios carregados de cousas de que eles careciam, assi como cavalos, prata, seda, panos e outras mercadorias, em retorno das quais os seus capitães traziam outras que havia na terra, que era marfim, ouro, malagueta, pimenta –dous géneros de especearia de tanto proveito e tam estimada nas partes da Cristandade como a pimenta daquele seu reino de Calecute.<sup>83</sup> Com as quais comutações os reinos que sua amizade aceitavam de bárbaros eram feitos políticos, de fracos poderosos, e ricos de pobres, tudo à custa dos trabalhos e indústria dos portugueses; nas quais obras el-Rei, seu senhor, não buscava mais que a glória de acabar grandes cousas por serviço de seu Deus e fama dos portugueses.<sup>84</sup> Porém, com os mouros, por serem seus contrairos, contrariamente se havia, ca per força de armas nas partes de África que eles habitam lhe tinha tomado quatro principais forças e portos de mar do reino de Fez; por isso, onde quer que se achavam, não somente infamavam de boca o nome português, mas ainda maliciosamente lhe procuravam a morte, e não rosto a rosto, por terem experimentado o seu ferro; o testemunho da qual verdade se viu no que lhe fizeram em Moçambique e Mombaça, como sua real pessoa já teria sabido do piloto Caná; o qual engano e traição nunca achara per quantas terras de gentios tinha descoberto, porque estes naturalmente eram amigos do povo cristão, por todos virem de uma geração e serem mui conformes em alguns costumes e no modo dos seus templos, segundo tinha visto naquele seu reino de Calecute –até os seus brâmanes na religião que tinham da Trindade de três pessoas e um só Deus, que acerca dos cristãos era o fundamento de toda sua fé, se conformavam com eles, (peró que per outro modo mui diferente), a qual cousa os mouros contradizem.<sup>85</sup> E de eles saberem esta conformidade de antre o povo gentio e cristão, trabalhavam que os portugueses ante ele, Samori, fossem infamados e avorrecidos, sendo-lhe já tam obrigado aos defender, pois não precedendo mais causas pera el-Rei seu senhor desejar sua amizade que uma fama da grandeza dele, Samori, folgara de o enviar a ele polas causas que lhe tinha dito. E isto não cometera somente aquele ano, mas era já tam continuado per tantos, e el-Rei tam desejoso de ter descoberto este caminho de Portugal pera a Índia, que ainda que ele, Vasco da Gama, per qualquer desastre não tornasse a Portugal, sou-

<sup>82</sup> Cf. *Lus.* I.1 ‘por mares nunca dantes navegados’.

<sup>83</sup> *Malagueta* and *pimenta* refer to African substitutes for true Indian pepper, *pimenta de Calecute* (see Glossary). Before the discovery of the *carreira das Índias* the spice trade was in the hands of Muslims who controlled the overland routes in the Middle East, and of Venetians who imported from them; the monopoly was immensely valuable, spices being essential in economies which had no other means of preserving and flavouring food.

<sup>84</sup> A resounding –and no doubt sincere– statement of the ideological argument for imperialism: in return for material goods, the Portuguese offered civilization, this being ‘the White Man’s Burden’ (*à custa dos trabalhos*). *políticos*, ‘civilized, possessed of *polícia* (cf. n1, above)’, the antonym of *bárbaro*.

<sup>85</sup> It is hard to tell whether this parallel between Hinduism and Christianity was supposed to be an opinion held by Gama, or was shared by Barros. The idea that Brahmins believe in a Trinity perhaps dimly reflected the Hindu Triad or *Trimurti* (‘having three forms’) of Brahma, Shiva, and Vishnu, depicted as a three-headed man, or their multiple vehicles and *avatars* (‘descents’ or earthly forms, e.g. Vishnu as Rama, Krishna, etc.). At a deeper level the parallel might allude to the Vedantic reconciliation of polytheism with monism, which sees gods with attributes (*saguna*) as subsumed under a single god-head without attributes (*nirguna*) from which they emanate as playful material illusions. However, the latter parallel, besides depending on a knowledge of Hinduism rarely evinced in Western texts at that time, implied a heretical concept of the *pessoas* of the Trinity punishable by the Inquisition.

besse certo que el-Rei havia de continuar tanto este descobrimento té lhe levarem recado dele, Samori. Portanto lhe pedia, como a emperador de toda aquela região Malabar, pois Deus a ele, Vasco da Gama, e aos seus companheiros tinha feito tanta mercê que fossem os primeiros que vieram ante ele, quisesse meter a mão de seu poder neste ódio que lhe os mouros tinham, e não consentisse serem eles causa dalgum grande incêndio de guerra naquelas partes, porque a gente português não dissimulava injúrias, e principalmente a mouros, dos quais tinha havido grandes vitórias.

Mui atento esteve o Samori a todas estas palavras de Vasco da Gama, olhando muito a continência com que as dezia, como homem que do fervor e constância que lhe visse queria conjecturar a verdade delas. E que<sup>86</sup> de seu natural fosse homem prudente e nos sinais que esguardou julgasse a verdade do caso, quis comprazer em parte à tenção dos mouros, que foi despedir Vasco da Gama, mandando-lhe que se tornasse aos navios e que ali lhe mandaria o despacho de sua embaixada, dizendo que por então isto lhe parecia convir a ele, Vasco da Gama, pois confessava que entre eles e os mouros havia aqueles ódios, porque, ficando mais tempo na cidade, per ventura uns com os outros travariam em palavras, que fosse causa dele receber contra sua vontade algum dano, de que ele, Samori, teria desprazer. E com isto o espediu.<sup>87</sup>

*Capítulo X. Como per indústria dos mouros Vasco da Gama e os que com ele estavam foram reteúdos, e depois de recolhido aos navios e postos em terras Diogo Dias e Álvaro de Braga também foram presos, té que o Samori mandou prover nisso e os espediu de todo.*

Os mouros, quando souberam o que el-Rei mandava a Vasco da Gama, não ficaram mui satisfeitos, porque todo seu trabalho era ordenar que os seus navios fossem metidos no fundo, com fundamento que, ficando a gente em terra, poucos e poucos os iriam gastando. E pera executar este propósito fizeram com o catual que os retevesse e obrigasse a tirar os navios em terra, pera de noite lhe porem fogo. O catual, como em tudo queria comprazer aos mouros, levou Vasco da Gama fora de Calecute, mostrando que o acompanhava té o meio caminho de sua embarcação, e secretamente tinha mandado aos oficiais del-Rei que estavam em Capocate, onde se espediu dele, que o retivessem como homens que faziam aquilo por razão de seus ofícios.<sup>88</sup>

Quando ele viu que o retinham, bem lhe pareceu ser mais indústria dos mouros que mandado pelo Samori; e porque pudesse ir ter a sua notícia, começou de se queixar gravemente com os ministros do caso; os quais responderam que ele se queixava mais sem causa do que a eles tinham em o reter como oficiais que eram del-Rei, obrigados a olhar o bem e segurança da terra, porque a ele não o retinham com tenção de o querer anoiar, mas com receo de ele fazer algum nojo à gente da terra depois que se visse em os navios, segundo se dezia que eles fizeram nos portos per onde vinham; que se ele e os seus eram gente pacífica, deviam usar o costume daquelas partes, principalmente naquele tempo do inverno, varando seus navios em terra, e não estar sempre com a verga de alto, como gente que tinha ânimo de cometer algum mal. Ao que Vasco da Gama respondeu que os seus navios eram de quilha e não de feição dos da terra, e por isso era cousa impossível poderem ser varados, por não haver ali os aparelhos que no reino de Portugal havia pera aquela necessidade.<sup>89</sup> Finalmente, tanto aperfiaram sobre o varar dos navios, ou que leixasse em terra alguns

<sup>86</sup> The conjunction governing *que fosse* is missing; perh. *peró que, posto que, ainda que*.

<sup>87</sup> Cf. end of preceding chapter, *com isto o espediu*; the repetition strengthens the suspicion that this dialogue is a repetition, deliberate or otherwise, of the second meeting (see n81, above).

<sup>88</sup> The following paragraphs give a sanitized summary – with the addition of imaginary speeches – of the worsening relations with the local population recounted in *Relação* 31 May-24 June. Camões tells the story with adjustments (more characterization of the *infame catual*, divine intervention, epic similes, classical allusions) to give it greater suspense and excitement, *Lus.* VIII.83-IX.15.

<sup>89</sup> **com a verga de alto**, without stowing or lowering the masts, i.e. ready to hoist sail immediately. **navios de quilha**, keeled ocean-going ships, could not be beached; they had to be careened in a dry dock from which they could then be floated off (see Glossary, s.v. *pendor*). *Relação* 28 May 1498 noted the beached ships in the estuary of Kappatt and the lack of a port for ships of European build, needing *barcas* ‘lighters’ to get ashore (‘vimos muitas nãoos grossas e grandes, as quaees estavam varadas em seco por respeito do porto que ali nom há’); the recycling of such a casual remark in Gama’s speech is an excellent example of Barros’s opportunistic gift for reworking sources.

homens com mercadoria, e isto em modo de reféns enquanto o Samori o não despachava, dizendo que a gente do mar lho queria pera poderem ir pescar seguramente deles, que conveo a Vasco da Gama leixar em terra, com alguma pouquidade disso que levavam pera compra de mantimentos, a Diogo Dias por feitor, Álvaro de Braga por escrivão, Fernão Martins, língua, e quatro homens do seu serviço, até ver em que parava o despacho do Samori.

Os ministros desta obra, tanto que por ela ficaram seguros, consentiram que Vasco da Gama se embarcasse; mas quanto a dar modo pera que Diogo Dias comprasse alguma cousa, tudo eram artifícios pera o não poderem fazer; de maneira que per espaço de seis ou sete dias eles se haviam por presos e não por feitores, té que, a força de queixumes de Vasco da Gama, acudiu o catual, que era o autor destas cousas, e mandou-se desculpar ante ele, fingindo não ser disso sabedor, e porém que os oficiais tinham razão, por quanto o Samori o não tinha de todo despachado; e que por haver pouco que comprar ou vender naquele lugar, ele mandava levar os seus feitores a Calecute, onde havia cópia de tudo; portanto lhe parecia bom conselho que ele com os seus navios se fosse ao porto da cidade, por ser mais perto donde estava o Samori, pera seus negócios serem mais em breve despachados.

Vasco da Gama, posto que sentisse que todos estes artifícios eram dilações pera o deter té a vinda das naus de Meca, segundo lhe tinha dito o mouro Monçaide (o qual já neste tempo escondidamente vinha comunicar com ele), todavia, porque estando mais perto del-Rei per meio do mesmo Monçaide lhe poderia mandar algum recado e mais saber o que se fazia com Diogo Dias e Álvaro de Braga, foi-se com os navios poer ante a cidade de Calecute, onde soube per Monçaide que, se os mouros não temeram poder com isso indinar o Samori, já os tiveram mortos.

Vasco da Gama, vendo este negócio tam danado, e que o Samori era mudado dos paços donde lhe falara pera mais longe sem haver comemoração de seu despacho, e que eles não tinham outro meio pera o requerer senão Monçaide, que já não ousava comunicar com eles senão dando a entender aos mouros que era sua espia, ajuntou-se com Paulo da Gama, Nicolau Coelho, e os principais da companhia dos navios, e teve conselho sobre o que deviam fazer. E determinaram-se que não devia esperar mais resposta del-Rei que os desenganos que lhe tinha dado em palavras e no modo de os despedir, leixando-os em poder de seus imigos tanto tempo sem lhe mandar resposta.

Assentado este conselho, escreveu Vasco da Gama per Monçaide a Diogo Dias que, o mais secreto que pudessem, pera tal dia ante menhã se viessem à praia, porque ali achariam batéis pera os recolher; però, como os mouros tinham vigia sobre eles, tanto que os sentiram, saltaram com eles e os prenderam, tomando-lhe quanta fazenda levavam. Vasco da Gama, vendo que a maldade dos mouros não se podia remedear com a paciência e sofrimento que com eles teve, nem tinha esperança dalgum despacho del-Rei, houve a mão obra de vinte tantos pescadores que vinham pescar ao mar, e com eles se fez à vela, que foi pera os mouros grande prazer, vendo alvoroçado todo o gentio com a grita e brados das mulheres destes pescadores.<sup>90</sup>

A nova do qual caso, tanto que foi ao Samori, posto que os mouros per seus meios o queriam indinar contra os nossos dizendo que per ali veria quem eles eram, todavia, por ter sentido o ódio que lhe tinham, ante de se determinar em outra cousa mandou dous homens principais dos gentios sem suspeita que lhe viessem saber como aquele negócio passava; per os quais sendo informado como aquilo parecia ser mais represália por os seus homens que lhe os mouros prenderam que por outra causa, e mais que ele, capitão, andava a vela uma volta ao mar e outra a terra, como quem queria fazer razão de si se a fizessem com ele, tornou logo a enviar estes mesmos homens que levassem ante ele Diogo Dias e os outros que com ele estavam, com os quais teve prática sobre o modo de seu despacho.<sup>91</sup> E mandou-lhe que escrevessem a Vasco da Gama que tratasse bem os homens que tomara, porque ele e seus companheiros estavam mui bem tratados em poder dele, Samori, e per eles lhe queria mandar o despacho. Vasco da Gama com esta carta ficou mui contente, però, temendo alguma malícia dos mouros, duas ou três vezes se fez na volta do mar e outras tantas surgiu diante da cidade, porque as partes a que tocava a liberdade da gente que tinha tomado

<sup>90</sup> Taking of Indian hostages: *Relação* 19 Aug 1498, *Lus.* IX.9. These sources both describe the hostages as jewelers, wealthy men of merchant class rather than 'pecadores'.

<sup>91</sup> Diogo Diaz negotiates with the Samudri: *Relação* ca 9-13 August 1498.

clamassem ao Samori sua liberdade a troco dos nossos.<sup>92</sup>

Finalmente, pela informação que teve da verdade, despachou Diogo Dias, mandando per ele a Vasco da Gama uma carta que escreveu a el-Rei Dom Manuel em que lhe dizia como recebera outra sua e ouvira seu embaixador e lhe respondera, e que a causa de sua partida per aquele modo foram diferenças antigas de antre cristãos e mouros; que ele teria muito contentamento de sua amizade e do comércio das cousas do seu reino, podendo ser sem aqueles escândalos, porque os mouros ele os havia por naturais do seu reino, por ser gente mui antiga naquele auto do comércio.<sup>93</sup>

Com a qual carta e algumas cousas que deu a Diogo Dias, o espediu, mandando àqueles dous senhores gentios que o entregassem a Vasco da Gama com a fazenda que lhe era tomada e houvessem dele os pescadores que tinha em represália; o que eles fizeram com algumas cautelas no modo da entrega, querendo ainda os mouros usar de suas maldades. Mas contudo, recolhidos todos os nossos, por causa dalguma fazenda que lhe não quiseram entregar, Vasco da Gama reteve certos índios que trouxe consigo, e assi o fiel Monçaide, partindo logo aquele dia, que eram **29 de Agosto**, havendo 74 dias que chegara àquela cidade Calecute.

*Capítulo XI. Como Vasco da Gama se partiu do porto de Calecute, e foi ter à Ilha Anchediva, onde veu um judeu, o qual Vasco da Gama prendeu, e ele se fez cristão. E do mais que passou na sua viagem té chegar a este reino.*

Partido Vasco da Gama não mui contente da espedida que houve em seu despacho, quando veu ao seguinte dia, andando em calma pouco mais de légua e meia de Calecute, vieram a ele obra de 60 *tonés*, que são barcos pequenos, atulhados de gente, parecendo-lhe que por ser muita tinham pouco que fazer com a nossa; però como sentiram seu dano com a artelharia que ao longe os foi receber, e principalmente com uma trovoadas que os derramou, eles tomaram por acolhita a terra e os nossos o mar, seguindo seu caminho a vista da costa.<sup>94</sup> E desejando Vasco da Gama meter nela um dos padrões que levava, porque outro que mandou ao Samori per Diogo Dias pera se poer na cidade, segundo ficava na vontade dos mouros, era certo que não havia de estar muitas horas em pé, tanto se chegou à terra pera escolher lugar notável onde o pusesse que veu dar com ele um toné de pescadores; per o qual escreveu ao Samori per mão de Monçaide, em que se queixou dos enganos que com ele usaram na entrega da gente e fazenda que tinha em terra, onde lhe ficava boa parte, e que não houvesse por mal levar ele consigo alguns dos seus naturais, porque não era a fim de represália da fazenda, mas pera el-Rei seu senhor, per eles se poder informar de seu estado e das cousas do seu reino, e ele, Samori, per o mesmo modo saber as de Portugal, quando ele, Vasco da Gama, ou outro capitão tornasse àquela sua cidade, que seria o ano seguinte, como ele esperava em Deus, pera confusão dos mouros.

Espedido este barco, tornou seguir seu caminho com desejo de meter o padrão que dissemos; e por não achar lugar mais à sua vontade, em uns ilhéus pegados com terra meteu um, per nome Santa Maria, donde os ilhéus se chamam ora de Santa Maria, os quais estão entre Bacanor e Batalá, dous lugares notáveis daquela costa; e no arvorar dele se achou algum gentio da terra que o fizeram com muito prazer, por o bom tratamento que lhe Vasco da Gama fazia e cousas que dava.<sup>95</sup> Assi que com este padrão, que foi o derradeiro em tempo,

<sup>92</sup> *Relação* 23-25 Aug 1498 mentions Gama's dithering in the roadstead off Calicut until Diogo Dias smuggled a message to him (26 Aug); Barros rationalizes the manoeuvres as a cunning plan to force an exchange of hostages. Camões prefers a brief but emotive climax, cramming the capture (*represália*, Barros's word), a snapshot of Portuguese sailors swarming over rigging and women and children crying on the shore, and the Samudri's capitulation into 30 lines (*Lus.* IX.9-12); he may, however, have been thinking of the captain's indecision in the Virgilian epic simile comparing Gama's mental turmoil to the flicker of sunlight on a wall when a child plays with a mirror (*Lus.* VIII.86-88, cf. *Aen.* VIII.22-25).

<sup>93</sup> In the interests of a neat ending Barros greatly abbreviates *Relação* 26 Aug 1498 & n100; note the rendering in *oratio obliqua* of the text of the message written on the traditional *olai* or palm-leaf.

<sup>94</sup> *Relação* 30 Aug 1498 ('70 barcas'). Camões, as is well known, tells the return voyage in four short lines (*Lus.* x.144), replacing the rest of the narrative with the visit to the Isle of Love (*Lus.* IX.18-x.143).

<sup>95</sup> *Padrão* on Netrani Island: *Relação* 15 Sep 1498 & n111 (which specifies only three *padrões*). Barkur and Bhatkal are mentioned in *Lus.* x.59, 66 as scenes of Portuguese naval victories in the early decades of the sixteenth century, which is what Barros meant by *notáveis*.

leixou Vasco da Gama nesta viagem postos cinco padrões: São Rafael no Rio dos Bons Sinais, São Jorge, em Moçambique, Santo Espírito em Melinde, Santa Maria nestes ilhéus, e o último per sítio em Calecute, chamado São Gabriel. Os quais, però que não sejam postos per nação tão gloriosa de escrever como foi a gente grega, nem o nosso estilo possa alevantar a glória deste feito no grau que ele merece, ao menos será recompensado com a pureza da verdade que em si contém,<sup>96</sup> não contando os fabulosos trabalhos de Hércules em poer suas colunas, nem pintando alguma *Argonáutica* de capitães gregos em tam curta e segura navegação como é de Grécia ao Rio Faso, sempre a vista da terra, jantando em um porto e ceando em outro, nem escrevendo os errores de Ulisses sem sair de um clima,<sup>97</sup> nem os vários casos de Eneas em tam breve caminho, nem outras fábulas da gentilidade grega e romana, que com grande engenho na sua escritura assi decantaram e celebraram a impresa que cada um tomou, que não se contentaram com dar nome de ilustres capitães na terra aos autores destas obras, mas ainda com nome de deuses os quiseram colocar no céu. E a gente português, católica per fé e verdadeira adoração do culto que se deve a Deus, arvorando aquela divina bandeira de Cristo, sinal de nossa Redenção de que a Igreja canta *Vexilla regis prodeunt*,<sup>98</sup> não somente à vista dos mouros de África, Pérsia, e Índia pérfidos a ela, mas diante de todo o pagaismo destas partes que dela nunca tiveram notícia, e isto navegando per tantas mil léguas que vêm a ser antípodas de sua própria pátria (cousa tam nova e maravilhosa na opinião das gentes que até doutos e mui graves barões em suas escrituras puseram em dúvida de os haver), nas quais partes eles houveram vitórias de todas estas nações, contendendo com os perigos do mar, trabalhos de fome e sede, dores de novas enfermidades, e finalmente com as malícias, traições, e enganos dos homens, que é mais duro de sofrer — assi são próprias todas estas cousas em a nação português, e as têm por tam natural mantimento depois que nacam, que os faz fastientos no trabalho de as querer contar e escrever, como se tevesse a seus próprios feitos ódio pera os ouvir depois que os faz, como são apetitosos pera os cometer e apressados no auto de os fazer e constantes em os segurar. Certo, grave e piadosa cousa de ouvir, ver uma nação a que Deus deu tanto ânimo que, se tevera criado outros mundos, já lá tevera metido outros padrões de vitórias, assi é descuidada na posteridade do seu nome como se não fosse tam grande louvor dilatá-lo per pena como ganhá-lo pela lança!

E tornando a Vasco da Gama, autor de tão ilustre feito (que na distância da terra em que pôs estes cinco padrões per linha direita de Ponente a Levante descobriu 1,200 léguas, começando no Rio do Infante, onde acabou Bartolomeu Dias, té o porto da cidade Calecute), tanto que leixou posto este padrão Santa Maria, foi ter per enculca do gentio da terra, desejando de espalmar os navios, em outros ilhéus pegados com terra firme aos quais nós agora chamamos Angedivida e os canaris *Anchediva* (*anche* quere dizer cinco, *diva* ilhas, por eles serem cinco) posto que o notável é um de que ao diante faremos maior relação, por causa de uma fortaleza que el-Rei Dom Manuel nele mandou fazer.

Na qual parte, estando Vasco da Gama em trabalho de espalmar seus navios e fazendo aguada, por ser a melhor de toda aquela costa, onde geralmente todas as naus que per ali navegam a vem fazer, e o gentio dali mui satisfeito pelas cousas que lhe mandava dar, veu a ele um cossairo, per nome Timoja, que depois, como adiante se verá, foi grande nosso amigo.<sup>99</sup>

<sup>96</sup> Barros steps out of the historical frame to deliver a peroration on the glory of Portugal's navigators. Such authorial exhortations were considered fitting in Renaissance historiography, underlining the moral aims of the genre. The assertion that the Roman and Greeks owed their preeminent fame to the superiority of their writers, a commonplace of Renaissance rhetoric handy for accounts of exploration in lands not reached by Hercules, the Argonauts (see *Gazeteer*, s.v. *Hércules*, *Argonáutica*), Ulysses, or Aeneas, made a deep impression on Camões (*Lus.* I.1-5, 24-26, v.91-100, etc.), as did Barros's sarcasm towards the fantasy of pagan myths, in contrast to the *verdade* of Portuguese feats (*Lus.* I.11, etc.).

<sup>97</sup> **errores**, Latinism, 'wanderings', i.e. the *Odyssey*. **sem sair de um clima**: the ancients divided the earth into five *climes*, N and S temperate zones dividing the equatorial desert from Arctic and Antarctic.

<sup>98</sup> *Vexilla regis* ('Abroad the royal banners fly | And bear the gleaming Cross on high'), the great hymn in honour of the Cross, figures in the Roman Breviary for Vespers in Holy Week.

<sup>99</sup> Cf. *Relação* 26-27 Sep 1498 & n115. In 1510 Timojo of Honavar (*Onor*) helped Afonso de Albuquerque to defeat the *Sabaio* of Goa in 1510 ('nosso amigo'). Lodovico de Varthema described him in 1505 as 'a pagan prince [...] a good fellow and a great friend of the Portuguese. He went around naked except a cloth around his waist; he had eight ships which were always cruising about' (*Itinerario nello Egipto, nella Surria, nella Arabia deserta & felice, nella Persia, nella India, & nella Ethiopia*, Bologna 1510). Ibn Battūta

Este, tanto que teve notícia dos nossos navios e que a gente deles era estrangeira, saiu de um lugar onde ele vivia chamado Onor, perto dali, e como homem sagaz quis cometer os nossos per este artifício, ajuntando oito navios de remo pegados uns em outros, todos cobertos de rama que pareciam uma grande balsa dela. Vasco da Gama, quando viu que de terra esta balsa vinha contra ele, perguntou aos índios que ali andavam familiares, que visão era aquela? Ao que eles responderam que não se espantasse dela, que eram invenções de um fraco cossairo que costumava cometer alguns navios que per ali passavam. Todavia Vasco da Gama, ante que Timoja se chegasse mais a ele, mandou a seu irmão Paulo da Gama e a Nicolau Coelho que o fossem salvar com artelharia, como eles fizeram, e foi a salva de maneira que os barcos enramados se derramaram logo, acolhendo-se a terra. Na qual fugida Nicolau Coelho tomou um deles, em que acharam arroz e outro mantimento da terra com alguma pobreza de suas provisões.

Passado o dia deste cossairo Timoja, que per aquele modo quisera cometer os nossos navios, como a terra era já chea da estância que eles ali faziam, sobreveo outro caso que, se fora avante, lhe houvera de dar muito trabalho, e foi este: um senhor mouro chamado *Sabaio*, cuja era uma cidade per nome Goa, que ora é a metrópoli que este reino tem naquelas partes, daquela ilha de Anchediva até doze léguas, como era homem que tinha consigo arábios, párses, turcos, e alguns levantiscos arrenegados, com ajuda e indústria dos quais tinha naquelas partes adquirido grande estado, tanto que soube como os nossos navios eram de gente destas partes da Cristandade, desejando haver informação dela, chamou um judeu natural de Polónia que lhe servia de *xabandar*, e perguntou-lhe se tinha sabido de que nação era a gente que vinha naqueles navios.<sup>100</sup> Ao que este judeu respondeu ter sabido que se chamavam portugueses, que habitavam nos fins da terra da Cristandade, a qual gente sempre ouvira nomear por guerreira, sofredor de trabalho, e mui leal ao senhor que serviam; que se ela era a que lhe diziam, devia trabalhar pola haver a seu serviço, porque com os tais homens se podiam fazer grandes conquistas.

O Sabaio, ouvindo este louvor dos nossos, como procurava haver em seu serviço gente de guerra, mandou a este judeu que fosse a eles e os cometesse da sua parte com algum partido favorável; e quando o não aceitassem, ele mandaria três ou quatro navios armados que estevessem em seu resguardo, pera que, dando-lhe aviso, os viessem cometer; que se partisse ele, porque os navios iriam logo nas suas costas. Partido o judeu com este fundamento, veo ter em um pequeno barco junto de uma ponta da terra firme que estava sobre os nossos navios, e posto sobre aquele teso começou em altas vozes bradar que queria falar ao capitão, e que o assegurassem per aquele sinal, mostrando uma cruz de pau.

Vasco da Gama, quando viu a cruz, fez-lhe em seu coração reverência, dizendo que debaixo daquele sinal de sua Redenção ele não esperava engano ou mal que lhe fosse feito; e convertendo-se aos gentios que ali andavam, familiares com ele, perguntou-lhe se conheciam aquele homem que bradava. Os quais, como andavam contentes do bem que lhe ele mandava fazer, disseram:

‘Senhor, não te fies deste, porque é soldado do senhor de uma cidade chamada Goa, que está perto daqui, e como é mouro — gente com que vós outros estais em ódio — per ventura virá com algum engano.’

Vasco da Gama, como teve esta notícia dele, mandou-lhe responder que, se queria alguma cousa e ele era homem seguro, que o segurava; ao que o judeu respondeu que ele vinha com

---

218-19 gave a similar portrait of his predecessor in the 1340s, that ‘best of sultans Jamāl al-Dīn’, praising the city’s curious combination of religious piety with professional piracy (see *Gazeteer*, s.v. *Onor*), but he too was later attacked by twelve warships off ‘the little island between Hinawr and Fakanur [Barkur], who fought fiercely and overcame us and took everything I had [...] leaving me no covering except my trousers, and set us down on the shore’ (251).

<sup>100</sup> **um judeu natural de Polónia:** on Gaspar da Gama cf. *Relação* ca 30 Sep? 1498 n117. Barros follows the eye-witness account, but tells it in novelesque fashion and adds details of Gaspar’s career which came to light later, after his arrival in Lisboa. An Ashkenazi Jew born in Alexandria, he travelled to India in the 1470s as a jewel merchant where, passing as a Muslim under the name Muḥammad, he entered the service of the *Sabaio* Yūsuf `Ādil Shah of Bijapur as shabunder or port-governor at Goa in the 1490s. He converted to Christianity before reaching the Açores, with Gama as stepfather, and was lionized on his arrival at court, where he was consulted about India by Girolamo Sernigi. Gaspar accompanied Cabral, Gama, and Francisco de Almeida on later expeditions to Malabar, retiring to Lisboa ca 1512 (Subrahmanyam, 146-47 & n65, 151-54 & n70).



muita verdade, e que na confiança dela se entregava em seu poder. Com as quais palavras deceu do lugar onde estava e se veio a ele, mostrando uma seguridade como quem não trazia no peito outra cousa; mas Vasco da Gama de boa entrada lho descobriu, logo querendo-o meter a tormento. Quando o judeu se viu naquele estado, começou de pedir que por amor de Deus o não mandasse atormentar, que ele diria toda a verdade a que era vindo, e que, primeiro de vir a este caso, lhe queria contar o princípio de seu nascimento e vida, per a qual e pelo que ao presente sentia dela e da vinda deles naquelas partes, lhe parecia que não era somente por salvação dele, mas ainda pola de tantas mil almas como havia no gentio daquelas partes; porque não estava em razão homens tam ocidentais como era a gente português, os quais viviam nos fins da terra, virem às partes do Oriente per tanta distância de mares e caminhos não sabidos, senão pera algum grande mistério que Deus queria obrar per eles.

Então começou a contar o princípio de sua vida, dizendo que no ano de Cristo de 1450 el-Rei de Polónia mandara lançar um pregão per todo seu reino que quantos judeus nele houvesse dentro de 30 dias se fizessem cristãos ou se saíssem do seu reino; e passado este termo de tempo, os que achassem fossem queimados. Donde se causou que a maior parte dos judeus se saíram fora do reino pera diversas partes, e nesta saída fora seu pai e sua mãe, que eram moradores em uma cidade chamada Bosna, os quais vieram ter a Jerusalém e di se passaram à cidade Alexandria, onde ele nasceu. E depois que chegou a perfeita idade, percorrendo per muitas partes, fora ter àquelas da Índia ao serviço do Sabaio, senhor de Goa, per cujo mandado era ali vindo provocar a ele e aos seus que o quisessem ir servir a soldo, da maneira que com ele lá andavam alguns levantiscos; e que este desejo tomara ao Sabaio de os querer em sua ajuda por lhe ele gabar a gente português, e que verdadeiramente esta era a causa de sua vinda; que lhe pedia não recebesse mal dele e houvesse por bem de o receber como a gente cristã costuma àqueles que se chegam ao bautismo, por quanto ele o queria aceitar e morrer na fé de Cristo.

Vasco da Gama, como viu nesta prática e em outras que com ele teve ser homem esperto e que mui particularmente dava razão das cousas daquelas partes, começou de o consolar, e que quanto ao filho e fazenda que dizia ficar-lhe em Goa, que se não agastasse, porque el-Rei seu senhor, tanto que ele chegasse com ajuda de Deus ao reino de Portugal, logo havia de mandar uma grossa armada àquelas partes, em que ele tornaria, na qual viagem poderia cobrar seu filho e muito mais fazenda nas mercês que lhe el-Rei faria que quanta leixava em Goa. Finalmente ele foi bautizado e houve nome Gaspar, tomando por apelido Gama, por causa de Vasco da Gama, que o trouxe àquele estado; e per aviso dele, logo ao seguinte dia, ante que viessem os navios que o Sabaio havia de mandar, Vasco da Gama, por estar já prestes, se fez à vela via deste reino, atravessando aquele grande golfo que há da costa da Índia a estoura de Melinde na terra de África, em que lhe adoeceu e morreu muita gente das enfermidades passadas, por razão de grandes calmarias que teve.<sup>101</sup>

E a primeira terra que tomou foi abaixo da cidade Magadaxó, situada na costa brava, per a qual passou sem fazer mais detença que salvá-la com artelharia, por ver no aparato de seus edifícios ser tam grande cousa que não quis fazer mais experiência da verdade dos mouros daquela costa.<sup>102</sup> Però não se pôde despedir sem algum encontro deles, ca, sendo tanto avante como outra chamada Pate, lhe saíram ao caminho sete ou oito zambucos da terra mui bem armados com fundamento de o cometer, aos quais ele salvou de maneira com artelharia que não o quiseram mais seguir. Chegado a Melinde, onde ele levava posta a proa, foi recebido pelo rei nosso amigo com muito prazer, e a gente enferma que trazia recebeu refeição com os refrescos da terra, posto que alguns ficaram ali enterrados em cinco dias que se deteve, em tal estado vinham. E tornado a seu caminho, no lugar dos baixos onde o navio São Rafael tocou (como atrás dissemos) deu outro toque, com que ficou ali pera sempre, que não deu muita paixão a Vasco da Gama, por vir já tam falecido de gente pera marear três navios que peradous ainda toda a deste era pouca. A qual repartida per eles, chegaram aos Ilhéus de São Jorge, defronte de Moçambique, onde, ao pé do padrão chamado São Jorge, que deu nome ao ilhéu, dia da Purificação de Nossa Senhora, em seu louvor ouviram uma missa, e outra na aguada de São Brás, e a **20 de Março** dobraram o grã Cabo da Boa Esperança, na qual para-

<sup>101</sup> Return voyage across the Indian Ocean in *Relação* 5 Oct 1498- 2 Jan 1499.

<sup>102</sup> Bombardment of Muqdisho: *Relação* 2 Jan 1499.

gem a gente começou a convalescer, pera poderem todos servir em a navegação.<sup>103</sup>

Chegados com assaz trabalho junto das Ilhas de Cabo Verde, com um temporal forte que ali tiveram Nicolau Coelho se apartou de Vasco da Gama; e cuidando ele que o trazia ante si, veo ter à barra de Lisboa a **10 de Julho** daquele ano de '499, havendo dous anos que saíra per ela. E quando soube que Vasco da Gama não era ainda chegado, quisera fazer volta ao mar em sua busca; però sabendo el-Rei, que então estava na cidade, da sua chegada, e como queria tornar em busca de seu capitão, mandou que entrasse pera dentro.

Vasco da Gama com aquele temporal foi ter à Ilha de Santiago, e por trazer seu irmão Paulo da Gama mui doente, leixou por capitão em o seu navio a João de Sá, que se viesse a Lisboa, e ele, por remedear a saúde de seu irmão, em uma caravela que fretou passou-se à Ilha Terceira, onde o veo enterrar no mosteiro de São Francisco, por vir já mui debilitado. A morte do qual deu muita dor a Vasco da Gama, porque além de perder irmão, tinha Paulo da Gama calidades pera sentir sua morte quem dele tivesse conhecimento, e mais por falecer às portas do galardão de seus trabalhos.

Partido Vasco da Gama daquela Ilha Terceira, a **29 de Agosto** chegou ao porto de Lisboa, e sem entrar na cidade teve umas novenas em a casa de Nossa Senhora de Belém, donde ele partiu a este descobrimento. E aqui foi visitado de todos os senhores da corte té o dia de sua entrada, que se fez com grande solenidade; e por se mais celebrar sua vinda, houve touros, canas, momos, e outras festas em que el-Rei quis mostrar o grande contentamento que tinha de tão ilustre serviço como lhe Vasco da Gama fez, que foi um dos maiores que se viu feito per vassalo em tam breve tempo e com tam pouco custo; por causa do qual, como adiante se dirá, el-Rei acrescentou à sua coroa os títulos que ora tem de Senhor da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia. E na satisfação deste grande serviço, mostrou el-Rei quanto o estimava, fazendo logo e depois mercê a Vasco da Gama destas cousas: que ele e seus irmãos se chamassem de Dom, e que no escudo das armas de sua linhagem acrescentasse uma peça das armas reais deste reino, e o ofício de Almirante dos Mares da Índia, e mais 300,000 reais de renda; e que em cada um ano pudessem empregar na Índia 200 cruzados em mercadorias, os quais regularmente, na especearia que lhe vem do emprego deles, respondem cá no reino dous contos e oitocentos mil reais, e tudo isto de juro, e assi Conde da Vidigueira, correndo depois o tempo em que as cousas da Índia mostraram ter a grandeza delas maior do que parecia nos primeiros anos. E se Vasco da Gama fora de nação tam gloriosa como eram os romanos, per ventura acrescentara ao apelido da sua linhagem (posto que fosse tam nobre como é esta alcunha) *da Índia*, pois sabemos ser mais gloriosa cousa pera insígnias de honra o adquirido que o herdado, e que Scipião mais se gloriava do feito que lhe deu por alcunha Africano que do apelido de Cornélio, que era da sua linhagem.<sup>104</sup>

*Capítulo XII. Como el-Rei Dom Manuel, em louvor de Nossa Senhora, fundou na sua ermida de Belém, que estava em Restelo, sumptuoso templo que depois tomou por jazigo de sua sepultura.*

O Infante Dom Henrique (como atrás escrevemos), por razão desta impresa que tomou de mandar descobrir novas terras, em as partes de onde as suas armadas partiam a estes descobrimento por louvor de Nossa Senhora mandara-lhe fazer uma casa, uma das quais foi a de Restelo em Lisboa da vocação de Belém, na qual tinha certos freires da Ordem da Milícia de Cristo, de que ele era governador e administrador, à qual Ordem ele tinha dado esta casa com todas as terras, pomares, e águas que para ela comprar; isto com encargo que o capelão obrigado a ela cada sábado dissesse por ele, Infante, uma missa a Nossa Senhora, e quando fosse ao lavar das mãos se volvesse ao povo e em alta voz lhe pedisse quisesse dizer um *Pater noster* e uma *Ave Maria* pola alma dele, Infante, por mandar fazer aquela igreja, e assi polos cavaleiros da Ordem de Cristo e por aqueles a que ele era obrigado. O fundamento das quais casas, e principalmente desta de Belém, era pera que os sacerdotes que ali residessem, ministrassem os sacramentos da confissão e comunhão aos mareantes que partiam pera fora, e, enquanto esperavam tempo (por ser quási uma légua da cidade), tevessem onde ouvir missa.

<sup>103</sup> *Relação* 5-9 Jan 1499 (Lamu/Pate, Malindi); 12 Jan-20 Mar 1499 (Mtang'ata reefs, Moçambique, Mosselbaai, Cape of Good Hope).

<sup>104</sup> I.e. Gama should have been given the triumphal title 'Indian', like Roman generals such as Scipio Africanus, who were given a surname recording their victories. For the thought cf. n96, above. There is no evidence that Gama's family were of ancient nobility (*alcunha*).

El-Rei Dom Manuel, como imitador deste santo e católico avoengo, vendo que sucedera a este Infante em ser governador e perpétuo administrador da Ordem da Milícia de Cristo e assi em prosseguir este descobrimento, tanto que veio Vasco da Gama, em que se terminou a esperança de tantos anos que era o descobrimento da Índia, quis como premícias desta mercê que recebia de Deus em louvor de sua Madre, a quem o Infante tinha tomado por sua protector pera esta obra, fundar um sumptuoso templo na sua ermida da vocação de Belém.<sup>105</sup> E aceitou ante este que outro lugar por ser o primeiro posto donde haviam de partir totalas armadas a este descobrimento e conquista, e também porque, como a causa que ele teve de fazer tamanha despesa como se neste templo tem feito, procedeu da mais notável e maravilhosa obra que os homens viram, pois per ela o Mundo foi estimado em mais do que se dele cuidava ante que descobrissemos esta sua tam grande parte, convinha que uma tal memória de gratificação fosse feita em lugar onde as nações de tam várias gentes como o mesmo Mundo tem, quando entrassem neste reino, a primeira cousa que vissem fosse aquele sumptuoso edifício, fundado das vitórias de toda a redondeza dele. E como o lugar de Rastelo é o mais célebre e ilustre que este reino de Portugal tem, por ser nos arrabaldes de Lisboa, monarca desta oriental conquista e porta per onde haviam de entrar neste reino os triunfos dela, nesta entrada convinha ser feito, não um pórtico de pompa humana — nenhum templo a Júpiter Protector, como os romanos tinham em Roma no tempo de seu império, a que ofereciam as insígnias de suas vitórias —, mas um templo dedicado àquele vivo e divino templo que é a Madre de Deus da vocação de Belém; porque, como neste auto de ser madre e virgem triunfou do Príncipe das Trevas, dando espiritual vitória a todo género humano, assi era cousa mui justa que os triunfos das temporais vitórias que per suas intercessões os portugueses haviam de haver dos príncipes e reis das trevas da infidelidade de todo o pagaismo e mouros daquelas partes do Oriente, quando entrassem pela barra de Rastelo com as naus carregadas deles, achassem casa sua tam grande pera os recolher, como ela fora liberal em conceder as petições deles nos autos de suas necessidades. A qual casa el-Rei deu aos religiosos da Ordem de São Jerónimo, pola singular devação que tinha neste santo; e por a mesma causa a elegeu por jazigo de sua sepultura. E porque a ermida com totalas propriedades da casa (como dissemos) era da Ordem de Cristo, por a ter dotada o Infante ao convento dele que está em a vila de Tomar, per autoridade apostólica deu el-Rei por ela ao mesmo convento a igreja de Nossa Senhora da Conceição de Lisboa, a qual ele fez de esnoga que era dos judeus, onde ora residem freires da mesma Ordem de Cristo, e lhe applicou renda não somente pera os freires, mas ainda pera uma comenda que fez daquela casa.

E foi ainda el-Rei Dom Manuel tam magnânimo na glória da edificação deste templo de Belém que tomou pera o lugar de sua imagem e da Rainha Dona Maria sua mulher a porta mais pequena fronteira ao altar-mor, e mandou pôr a imagem daquele excelente príncipe Infante Dom Henrique na porta travessa, por ser mais principal em vista, armado como hoje aparece sobre a coluna do meio. E mais por se não perder a memória do que ele, Infante, mandava que à sua missa o sacerdote pedisse ao povo que o encomendassem a Deus, per este mesmo modo são obrigados os religiosos a outra missa que el-Rei ordenou que se dissesse por ele, que o sacerdote peça também ao povo que roguem a Deus pola alma do Infante Dom Henrique, primeiro fundador daquela casa, e assi por el-Rei e por seus sucessores. Com a qual obra fica o Infante Dom Henrique louvado no que fez por louvor de Nossa Senhora, e el-Rei Dom Manuel com muito maior, porque então se consegue ele dobrado ante Deus per glória, e acerca dos homens per fama, quando das nossas obras, por razão dalguma pequena parte que nelas outrem pôs, lhe queremos dar o todo; e o contraíro, quando queremos esconder o todo pola parte que nela posemos.

<sup>105</sup> Cf. l.iv.1 & n10, above. The praise of Manuel's rebuilding of Belem as the peroration of the book not only closes the careful *Ringkomposition* of the book — a kind of image of Gama's own circular voyage, as well as symbolic closure of the project of the church's founder Henrique the Navigator —, but also permits Barros to place the whole enterprise of Portuguese overseas expansion under the advocacy of the Virgin (comparing the Portuguese conquest of the darkness of oriental barbarism to her triumph over the Prince of Darkness), and incidentally to work in a marvellously sonorous and orotund praise of his own city, Lisboa, *monarca desta oriental conquista*, and a final reference to the 'outdoing of the Romans' commonplace (cf. nn96, 104, above).

## CRITERIA OF THIS EDITION

The text is from the electronic edn *Ásia: Década 1*, ed. Stephen Parkinson & T.F. Earle with Cláudia Pazos Alonso, Christina Langhorn, Elmar Andrade dos Santos, Lisa Jefferson, & Kirstin Kennedy (Oxford: Centre for the Study of the Portuguese Discoveries & Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1995), which transcribes the 1552 edition, regularizing spelling and adding accentuation.

Punctuation and paragraphing have been revised, and a small number of minor changes in word-division, accentuation, etc. are made to match the other texts for this course.

## GAZETEER OF PROPER NAMES (\* = cross-reference to another entry)

- abexi** Abyssinian, Ethiopian (< Arab. *ḥabash* 'Christian Ethiopia', i.e. the N and central states of Tigré, Amhara, Gojam, and Shoa; 'abexis da terra do Preste João')
- Açoutado, Ilhas do** one of the Ilhas Kerimbas off Cabo Delgado, Mozambique (*Relação* n47)
- Adem** Aden (*Adan*), port and sultanate of the south Yemen coast, Arabia
- Angedivida** Anjadip, largest of the Panchdiva islands 5 km off Karwar in Kanara ('os canaris [call it] *Anchedivā*; *anche* quere dizer cinco, *diva* ilhas', Malayalam *añju divu*)
- Argonáutica** Greek epic by Apollonius Rhodius on the search for the Golden Fleece by Jason and the other heroes of the Argo, taking them to the River Phasis in Colchis on the Black Sea (now Rioni at Poti in Gruzija/Georgia)
- Ásia** the Portuguese Orient, i.e. the fringes of the Indian Ocean (the major part of the continent – the Ottoman empire, Persia, Russia, Central Asia, Mongolia, China, Japan – is barely touched in Barros's *Ásia*). In the first paragraph of I.iv.1 Barros refers to a companion work *Europa* (not written), implying that his overarching theme was Portugal's engagement with Islam through its history.
- Azenegues** *n.m.pl.* al-Šinhāja (a Berber tribe); for Barros, nomads of the Western Sahara in general
- Bacanor** Barkur (Malayalam *Vakkanur*, Ibn Baṭṭūṭa's *Fakanur*, 'a large town on an inlet' 221), now a village N of Udupi on the Kanara coast, once capital of a Konkani client state of the Vijayanagar empire
- Baixos de São Rafael** coral reefs of Karange Island off Mtangata Bay (*Relação* nn49, 125)
- baneanes** Banyans (*vāṇiyas*), Gujaratis of the trader caste
- Baticalá** Bhatkal, trading port and Jain state on the Kanara coast
- Bengala** Bengal, the Ganges delta in NE India (now state of West Bengal and Bangladesh)
- Bisnagá** Vijayanagar, city in Karnataka (ruins at Hampi, nr. Bellary), capital of Hindu empire of S India below the Krishna and Tungabhadra rivers (seat of Telugu-speaking Sangama, Sulama, and Tulama dynasties 1336-1565; called *Narsinga* in *Lus.* VII.21, etc., after Raja Narsingh 1487-1508. Under Krishnadevaraya (re. 1509-29) Vijayanagar allied with the Portuguese, but the city was destroyed in 1565 by the Muslim states of Bijapur, Bidar, Ahmadnagar, and Golconda)
- Boa Paz, Aguada da** Inharrime (Mozambique); cf. *Relação* 12 Jan 1498 'Terra da Boa-Gente'
- Cabo Comori** Cape Comorin/Kanniyakumari, S tip of the Indian subcontinent
- Cabo das Correntes** Cabo Correntes, on coast S of Inhambane (Mozambique)
- Calecute** *n.m.* Calicut/Kozhikode, town and trading port of kingdom of Eralanadu
- Cambaia** *n.f.* Khambhat (*Khambhayat*), formerly the chief port and trading city of Gujarat, now silted up
- canari** native of Kanara, N Malabar Coast
- Capocate** Kappatt, port on Malabar Coast between \*Calicut and Pantalayini-Kollam
- Carnate** *n.m.* 'rio [...] vezinho ao cabo e monte de \*Li', unknown (the Taliparamba is closest to Eli; neither this nor the Valarpattanam further N match the name)
- Chãos, Ilhéus** Bird Islands, Algoa Bay, nr Port Elizabeth, South Africa
- Chitor** *n.m.* Chittaurgarh, city and state in Rajputana (mod. Rajasthan)
- Cospetir** *n.m.* (kingdom) of Gajpati, SW of Bengal (thus shown on Renaissance maps, e.g. Blaeu's *Atlas* ca 1650, in fact a title of rajas of Orissa, genitive of *Gajpati* 'lord of elephants', southernmost of the four kings who in Buddhist legend divided the earth; cf. *Ásia* IV.ix.1 'On the western side towards the realm of Orissa the Bengalis hold the realm of *Cospetir*, whose plains are flooded by risings of the Ganges like those of the Nile.')
- Cruz, (Ilhéu) da** St Croix Island, nr Port Elizabeth (confused with Kwaihoek or False Island, nr Kenton-on-Sea, site of Bartolomeu Dias's last *padrão*)
- Dacão** the Deccan (Sanskrit *dakshina*, 'south'), triangular plateau of peninsular India south of Hindustan bordered by the Eastern and Western Ghats and Coromandel and \*Malabar coasts, largely under the political control of Hindu kings of Vijayanagar (see *Bisnagá*)
- Dalanguer** Himalaya (see *Imao*; perh. for Mount *Nanda Devi* in Uttar Pradesh, near the snowfields of which the Ganges issues from an ice cave 10,300 ft above sea level)
- Deli, reino de Eli** Delhi, city and principal Muslim sultanate of India 1206-1556 (conquered in 1556 by the Mughal Akbar, d.1605, who subsequently annexed all Hindustan and made his capital at Agra)
- Eli**: see *Deli, Li*

- Estreito, o** the Strait, i.e. (in the parlance of the *kot-wāl*) of Hormuz, gateway of the commercial world of the Persian Gulf and Islam to the Arabian Sea and Indian continent
- Etiópia** Ethiopia, kingdom of 'Middle India' (i.e. E of Nile) identified as the home of Prester John
- Faso, Rio:** see *Argonáutica*
- Fez Fès**, city and emirate of the Maghrib (Morocco)
- Franquia, terra da** land of the Franks, Latin Europe (coined in imitation of *Moureria*, 'land of the Moors'; cf. Persian-Hindi *Farangistan*, Arab. *al-ifranj*)
- Gange** River Ganges/Ganga
- Gate** Western Ghats ('quere dizer *serra*'), bold escarpment of the Deccan plateau of ca 3000 ft which runs parallel to the coast of the Arabian Sea from Poona/Pune in the north to Cape Comorin at the southern tip of the subcontinent, separated from the ocean by the \*Malabar Coast
- Goa** Panaji/Velha Goa, city and island in the Mandovi estuary N of Malabar Coast, under control of the Muslim sultan of Bijapur (see *Sabaio*); later conquered by Afonso de Albuquerque (1510), and capital (*metrópoli*) of Portuguese India until 1961
- Guiné** *n.f.* black Africa; in particular, the Guinea coast of W Africa around the Portuguese *feitoria* of \*São Jorge da Mina (originally a generic name for sub-Saharan Africa)
- Guzarate** *n.m.* Gujarat ('a que comumente chamamos \*Cambaia')
- Hércules, colunas de** columns of Hercules (pillars set up as one of the labours of the Greek demigod, traditionally identified as Gibraltar and the Atlas mountains on either side of the Strait of Gibraltar)
- Ilha, Ilhéu(s):** see Açoutado, Chãos, Cruz, Moçambique, São Jorge, Santa Maria
- Imao** Himalaya ('os montes a que Ptolomeu chama Imao e os habitantes deles \**Dalanguer* e \**Nangracot*'; Greek *Ἰμαος*, Pliny, *Nat. Hist.* VI.xxi.64 'montibus Hemodis, quorum promontorium Imaus vocatur, incolarum lingua "nivosum" [Sanskrit *hima ālaya*, snow-abode] significante'; Camões preferred Pliny's name, 'o Emódio cavernoso' *Lus.* VII.17)
- Índia** the Indies (medieval geographers conceived of three Indies: Lesser or Nearer, i.e. Hindustan; Further or Greater, the Malabar and Coromandel coasts; and Middle, Ethiopia, with the Nile as the dividing line between India and Africa. On *India intra Gangem* and *extra Gangem* see n58)
- Indo** River Indus (Sanskrit *sindhu* 'the river'), W boundary of Hindustan, running from the Himalayas and Hindu Kush to Punjab, Sindh, and the Arabian Sea (Pakistan)
- Indostão** Hindustan (Persian *Hindo-stān*, 'land of India', Hindi-speaking N India under Islamic rule from Assam to Punjab north of a line from Bombay/Mumbai to Calcutta/Kolkata)
- Jalofe** Jolof, the region of the Wolof peoples of Senegal
- Joane de Monte Régio** Johann Müller of Königsberg or *Regiomontanus* (1436-76, foremost astronomer of 15th c., auth. works on trigonometry and the calculation of terrestrial latitude from the movement of the moon; at his death working in Nürnberg on a new edition of \*Ptolemy's *Geographia*)
- Josepe judeu** José Vizinho, Jewish doctor of João II, supposedly appointed with *mestre Rodrigo* to study *regimento* or fixing of latitude by solar altitude (a note by Columbus's brother Bartolomé Colón says he was sent in 1485 to Guinea to study *altura do sol*); trans. into Latin *Almanach perpetuum celestium motuum*, Leiria 1496, a Hebrew celestial almanac calculated from the year 1473 by the Salamancan master of astronomy Rabbi Abraham Zacuto, who is described in the colophon as 'astronomus serenissimi regis Emanuel'
- Juda** Jeddah (*Jiddah*), port of Mecca on Red Sea
- Li, monte de** Mount Eli/Ezhimala or Elimala (< *ezhil malai* 'high hillock', Ibn Baṭṭūta 222 *Hili*), 55 km N of Kannur/Cannanore on the \*Malabar Coast, port and seat of the Kollatiri of Kollathanadu, with a hill of ca 300 m used as a landmark by pilots)
- Magadaxó** Muqdisho/Mogadishu, port and sultanate of Somalia
- Malabar** Malabar Coast of Karnataka and Kerala, fertile plain 48-113 km in width and ca 845 km long from Goa in N to Cochin in S (15th c. kingdoms of Eralanadu (Calicut), Kolathunadu (Cannanore), and Venadu (Kollam), semi-independent clients of Vijayanagar (see *Bisnagá*; Subrahmanyam 103-04, 108); Ibn Baṭṭūta 219-20 '*Mulaibar*, which is the pepper country, extends for two months' journey along the coast from Sandabur [Goa] to Kawlam [Kollam]; the road over the whole distance runs beneath the shade of trees [...] there is not a span of ground that is not cultivated')
- Malemo Caná** see n51, *Relação* n59
- Mando** unidentified kingdom in Hindustan
- Martim de Boémia** Martin Behaim (1459-1507, Nürnberg merchant, cartographer and author of the oldest known world globe 1491-93; he visited João II in Lisbon in 1493 to gather geographical information on Portuguese voyages; see [www.provincia.ps.it/privati/bberti/behaim/](http://www.provincia.ps.it/privati/bberti/behaim/))
- Meca** Mecca/Makkah, city of Arabia
- Melinde** Malindi, port and sultanate of the Swahili coast, Kenya
- Mina, a** see São Jorge da Mina
- Moçambique** Ilha de Moçambique, Muslim trading state (conquered by the Portuguese 1507, and subsequently fortified as the chief European stronghold on the E African coast)
- Moltão** Multan, city and sultanate in Punjab (Pakistan)

**Mombaça** Mombasa, port and sultanate of the Swahili coast, Kenya

**Monçaide** see n66, *Relação* n101

**Nangracot** Himalaya (see *Imao*; perh. Lake *La'nga Co* in Tibet, source of the Sutlej (Xiangquan He), the main tributary of the Indus, into which it flows in Punjab. The Indus itself rises some 100 km N)

**Natal** Kwazulu-Natal

**Onor** Honavar, Muslim seaport in Karnataka subject to Vijayanagar, a haven for corsairs ruled by \*Timoji (Ibn Battūta's *Hinawar* 'on an inlet into which large ships enter [...] the people are Shafi'ites, upright, religious, engaged in warfare on the sea [...] they live by maritime commerce and have no cultivated land [...] under the suzerainty of an infidel sultan', 218-19); later a Portuguese *feitoria* and fort, destroyed by Luís de Ataíde in 1568 and again by Tipu Tib in 1784

**Orixa** Orissa, kingdom in E India (see also *Cospetir*)

**Ormuz** Hormuz, i.e. port and trading state of the shahs of Jarun on the islands of Hormoz, Qishm, Kharg and the Arabian and Iranian coasts of the Strait of Hormuz, which dominated trade in the Persian Gulf ca 1350-1550

**Ourão** Oran/Wahrān, city and port of the Barbary Coast, Algeria

**Pale** unidentified kingdom between the Deccan and Hindustan

**Pate** Pate, island of the sultanate of Lamu on the Swahili coast of Kenya

**Párseo** Parsee (*Parsi*, 'Persian', i.e. member of the Zoroastrian faith brought to India by Persian exiles and now chiefly centred in Bombay/Mumbai)

**Pitágoras** Pythagoras (fl. ca 530-ca 500 B.C., Greek mathematician, student of numbers and arithmetic, prob. discoverer of the Pythagorean theorem; founder of a philosophical school which preached a strict ascetic life of scientific study, a mystic belief in the world as governed by harmonic numerical ratios, the sphericity of the earth, and the reincarnation and transmigration of souls)

**Preste João das Índias** Prester John, legendary Christian king (first mentioned ca 1150 by Otto of Friesing as a Nestorian priest descended from the Magi who captured Ecbatana 'ultra Persidem et Armeniam in extremo Oriente' – prob. a rumour of a Mongol defeat of the Seljuk Turks at Samarkand in 1141. The legend, soon confused with that of St Thomas (see *São Tomé*), was popularized in the apocryphal *Epistola Presbyteri Johannis* 1165, which painted a vast and fabulous empire 'in tribus Indiis' (see *Índia*) eager to ally with Latin Christendom against Islam; from the 14th c. identified as the Coptic emperor of Ethiopia, with whom Portugal sought to establish diplomatic relations with a number of expeditions: Pêro da Covilhã 1491, Bartolomeu Dias 1494, Lopo Soares de Alvarenga's unlucky one of 1515 commemorated in *Carta das Novas do Descobrimento do Preste João* (Lisboa 1521) on which Barros's predecessor as *cronista* Duarte Galvão (1445-1517) died, and Rodrigo de Lima's successful embassy in 1520-26, described in Francisco Álvares's *Verdadeira Informação das Terras do Preste Joam* (Lisboa 1540)

**Ptolomeu** Ptolemy (90-168), Greek mathematician and geographer of Alexandria, auth. *Geographia*, a world map and commentary based on his method of conical projection and using coordinates of latitude and longitude obtained from celestial observation. Ptolemy's text remained the most systematic scientific attempt at global cartography until the seventeenth century; preserved during the medieval period by Byzantine Greek and Arab scholars and recovered for the West by Italian humanists (first printed, in Latin, 1477), revisions incorporating the Portuguese discoveries in Africa gradually appeared from 1492 (globe of Behaim, see *Martim de Boémia*), and versions adjusted to show America from 1507 (atlas of Waldseemüller); for reproductions illustrating the history of the Ptolomaic tradition see the website at <http://www.henry-davis.com/MAPS/>)

**Quíloa** Kilwa, port and Muslim sultanate of the Swahili coast, Tanzania

**Rio dos Bons Sinais** River Quelimane, Mozambique

**Rio do Cobre** or **dos Reis** River Inharrime, Mozambique

**Sabaio** ruler of Muslim state of Bijapur (\*Goa), Yūsuf `Ādil Shah (d.1510)

**Sacoeja** *n.m.* Sheikh Khwāja? (*o xeque*), sultan of Ilha de \*Moçambique

**Samori** *n.m.* Samudrī, raja of Eralanadu/Calicut (Hindi *samudrī rājā* 'king of the ocean')

**Santa Helena, Baía de** St Helena Bay, Western Cape Province, South Africa

**Santa Maria, Ilhéus de** Netrani or Pigeon Islands, 15 km off the coast at Murdeshwar between Bhatkal and Honavar, now an uninhabited nature reserve, site of Hindu and Muslim temples

**São Brás, Aguada de** Mosselbaai (Mussel Bay), Western Cape Province, South Africa

**São Jorge, Ilha de** island in the bay of Mossuril nr Ilha de Moçambique (see *Relação* n46)

**São Jorge da Mina** castle of Elmina, Ghana (the chief Portuguese *feitoria* and colony in W Africa, centre of the Portuguese African slave trade; Barros was governor there in 1522)

**São Tomé** St Thomas, one of the twelve apostles ('doubting Thomas', Matt 2:1), thought to be the evangelist of Lower India, a legend was based on apocryphal 3rd-c. *Acts of St Thomas* (Christ sent Thomas to the Indian king Gundaphorus, whom he converted with miracles, and after adventures with dragons, maidens, and wild asses came to the city of King Mazdai where he was martyred for persuading the queen to deny marital relations); Gundaphorus appears to be *Guduphara*, ruler of N India ca A.D. 20-46, but the story is pure fiction. Popularized in the *Golden Legend*, it was widely

believed; Alfred the Great sent an expedition to establish relations with the Christians of India, and later it was suggested that Thomas preached in the American Indies. The story received unexpected corroboration in the existence of a Christian sect on the Malabar Coast who still used Syriac in their liturgy; modern scholars suggest they were converted by Persian Christians who fled to S India in 345, or by Syrian missionaries who accompanied a certain Thomas Cana to Malabar ca 745. The identification of the place of Thomas's martyrdom as Mylapore (Chennai/Madras, on the Coromandel Coast of Tamil Nadu) was due to an invention (discovery of relics) by the Portuguese in 1522)

**Sofala, Mina Sofala** Sofala, trading port and entrepôt for the gold trade, Mozambique (conquered by the Portuguese 1506)

**Timoja** Timoiji or Timayya of Honavar (\**Onor*), corsair (see n99)

**Tunes** Tunis, city and sultanate, Tunisia

## GLOSSARY

**acinte** *adv.* maliciously, on purpose (to tease or spite)

**acolhita** *n.f.* shelter, refuge (*acolheita*)

**alpendre** *n.m.* porch, verandah

**amarinhar** *v.trans.* man, crew (a ship)

**anagaça** *n.f.* bird-lure

**andor** *n.m.* Indian palanquin or litter (*amdor*; Ibn Baṭṭūṭa 220 'No one travels on an animal in that country, and only the sultan possesses horses; the principal vehicle of the inhabitants is a *dulah* carried on the shoulders of slaves or hired porters [...] If a man has baggage or merchandise, it is transported by hired carriers on their backs, and you may see a single merchant with a hundred or more')

**arfar** *v.* pitch, roll (of ship)

**arpoeira** *n.f.* rope attached to whaling harpoon

**astrolábio de pau** wooden astrolabe (see n16)

**atochar** *v.tr.* lash, fasten

**baleato** *n.m.* whale-calf

**balestilha** cross-staff, Jacob's staff (pole surmounted with a frame carrying two arms at right angles with pairs of sights, used for taking fixes in navigation)

**berço** *n.m.* (*arch.*) short cannon

**besta** *n.f.* crossbow

**bétel** *n.m.* leaf of the betel plant *Piper betle* (Malayalam *veṭṭila*; cf. *atambor*, Indo-Persian *tambūl*, *Relação* 28 May 1498 n76), chewed as a narcotic with 'betel-nut', the astringent seed of the areca palm *Areca catechu* (Malayalam *āḍekka*)

**bojar** *v.intr.* jut out, have a certain circumference

**brāmane** *n.m.* Brahman, member of the top priestly caste (*linhagem*, *casta*) in Hinduism

**cábrea** *n.f.* portable winch or capstan on a frame with claws (Engl. *crab*)

**canas** an ancient Iberian courtly sport consisting of tilting on horseback at a target using a light cane lance

**carapuça** *n.f.* head-dress

**cardume** *n.m.* shoal of fish

**catual** *n.m.* kot-wāl, governor (Perso-Indian 'fort-governor', Arab. *wālī* 'governor', a high official in the Samudri Raja's administration)

**charneca** *n.f.* moor, heath

**chouto** *n.m.* jog, trot

**conto** *n.m.* million

**cotovelo** *n.m.* elbow, (*geogr.*) promontory

**di** *adv.* from there, from then (*daí*). ~ **a** *prep.* after (of time elapsed)

**eirado** *n.m.* roof terrace

**embaraçarse** *v.refl.* become confused

**esnoga** *n.f.* synagogue

**espingarda** *n.f.* spring-loaded catapult (Engl. *springal*), later musket, small cannon

**fisga** *n.f.* harpoon (cf. Engl. *fizgig*) attached to lines, *arpoeiras* (q.v.)

**fulo** *adj.* sallow-complexioned, dark brown

**gentio 1** *adj. & n.* gentile, pagan, heathen (of people neither Christian nor Muslim, espec. Hindus or Buddhists, *idólatras*). *do género* ~ of the Hindu race

**gentio 2** *n.m.* population. ~ *da terra* natives

**grã** *n.f.* kermes, crimson, dye for red cloth

**grumete** *n.m.* cabin-boy

**i** *adv.* there. **des** ~ from there. See also *di*

**ilarga** *n.f.* flank, side (*ilharga*)

**lambel** *n.m.* striped cotton cloth

**légua** *n.f.* league, measure equivalent to 1/20th of a degree at the equator (5.556 km, but formerly calculated at 4.5-6.8 km, the Portuguese *légua* said to be ca 5.92 km)

**lijonja** *n.f.* lozenge, diamond-shape

**língua** *n.m.* interpreter

**luma** *n.f.* moon (*lua*)

**mahometa** *adj.* 'Mahomedan', an insulting term for Muslim

**malagueta** *n.f.* Malaguetta pepper, Grains of Paradise or Guinea Grains (hot spicy seeds of the W African *Amomum Meliguetta* from Ivory Coast and Ghana, used in the early Renaissance as a substitute for pepper)

**menagem** *n.f.* homage, fealty

**metical** *n.m.* miskal, gold coin of Moçambique of 24 carats, ca 4.4g, < Arab. *mithqāl* (*Relação* n34; Costa 115n74)

**mocho** *adj.* hornless (of cattle)

**momos** court revels, festival pieces involving allegorical dramatic performances and music

**mouta** *n.f.* thicket, copse (*moita*)

**pago** *adj. & p.part.* paid

**pendor** *n.m.* slope, tilt. **dar** ~ **ao navio** careen a ship, turn it on one side for cleaning, etc.

**perfia** *n.f.* quarrel, treacherous conduct (< PER-FIDIAM)

**peró** *conj.* but. ~ **que** although

**pimenta** *n.f.* pepper, the world's oldest and most important spice, from the black pepper plant *Piper nigrum*, a climbing vine native to India; before the discovery of the route to the Malabar

- Coast, imported into Europe from Maluku/Moluccas or Spice Islands of Indonesia)
- poer** *v.* place, put (*pôr*)
- posto que** *conj.* although
- praticar** *v.intr.* chat, talk
- puridade** *n.f.* secrecy. *escrivão da ~* private secretary
- quadrante** *n.m.* a modification of the astrolabe consisting of a quarter circle of 90°
- quintã** *n.f.* country estate (*quinta*)
- rombos** *n.m.* (*sing.*) rhombus, equilateral parallelogram with oblique angles (*rombo*)
- rumo** *n.m.* rhumb-line, compass point, bearing
- singradura** *n.f.* ship's course, day's run
- surgir** *v.* drop anchor
- tavoada** *n.f.* (*Naut.*) almanac, table of coordinates
- of celestial bodies for navigation
- teso 1** *n.m.* hill, dune; tongue or spit of land
- teso 2** *adj.* hard, stubborn (< TENSUM)
- tição** *n.m.* fire-brand, burning stick
- toné** *n.m.* small Indian ship ('são barcos pequenos'; *Relação* 30 Aug 1498, *barcas*)
- toste** *n.f.* rowing-bench (see n22)
- touros** *n.m.pl.* bull-fighting (in Portugal, traditionally fought on horseback)
- trovoada** *n.f.* cannonade, broadside
- varar** *v.* beach (a ship)
- xabandar** shabunder, governor of port (Persian *shāh-bandar*)
- xequé** *n.m.* sheikh, leader (Ar. *shaykh* 'elder, teacher')
- zambuco** *n.m.* *sambuq*, a small Arab dhow

## ABBREVIATIONS &amp; REFERENCES OF WORKS CITED

- L* *Asia de Joam de Barros* 1552 (1st edn)
- Lus.* Luís de Camões, *Os Lusíadas*
- Relação* *Relação da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, edn in 'Course materials'
- Barros: *Asia de Joam de Barros: Dos Fectos que os Portugueses Fizeram no Descobrimento e Conquista dos Mares e Terras do Oriente* [Decades I-II]. Lisboa: G. Galharde, 1552-53. (facs. repr. *Primeira Década*, ed. António Baião. Coimbra: Universidade, 1932; *Segunda Década*, ed. Luís F. Lindley Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974; 4th edn. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988 [950.B9])
- , *Terceira Decada da Asia*. Lisboa: J. de Barreira, 1563. (facs. repr. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992)
- Castanheda: Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. 4 vols. Coimbra: Universidade, 1924-33. [954/C13] (1st edn, Coimbra, 1551)
- Cirurgião: António Cirurgião, 1989. 'A divinização do Gama de *Os Lusíadas*', *Arquivos do Centro Cultural Português*, 26: 513-37.
- Ibn Battūta (Abū `Abdallāh Muḥammad b. `Abdallāh, 1304-68): *The Travels of Ibn Battutah*, trans. H.A.R. Gibb & C.F. Beckingham, abridg. & ed. Tim Mackintosh-Smith. London: Macmillan, 2002
- Góis: Damião de Góis, *Crónica do felicíssimo Rei Dom Manuel*. 4 vols. Coimbra: Universidade, 1949-55. [946.9/G26] (1st edn of Parte I, Lisboa, 1566)
- Ravenstein: *A Journal of the First Voyage of Vasco da Gama, 1497-1499*, trans. E.G. Ravenstein. Hakluyt Series, 99. London: Hakluyt Society, 1898. [Store A120664]
- Subrahmanyam: Sanjay Subrahmanyam, *The Career and Legend of Vasco da Gama*. Cambridge: Cambridge UP, 1997. [910.4/G49, 2 copies]

## FURTHER READING

- Albuquerque, Luís de, 1981. 'Sur quelques textes que Camões consulta pour écrire *Os Lusíadas*', *Arquivos do Centro Cultural Português*, 16: 35-50.
- Andrade, António Alberto Banha de, 1980. *João de Barros: Historiador do Pensamento Humanista Português de Quinhentos*. Subsídios para a História Portuguesa, 17. Lisboa: Academia Portuguesa da História. [Store 908.2/B19.Q]
- Barros, João de, 1945-48. *Ásia: Dos Feitos que os Portugueses Fizeram no Descobrimento e Conquista dos Mares e Terras do Oriente*, ed. Hernani Cidade & Manuel Múrias. 6th edn. 4 vols. Lisboa: Agência Geral das Colónias. [950.B11].
- Bismut, Roger, 1984. 'Fiction et réalité dans *Os Lusíadas*', in H. Plard & others, *Camões a la Renaissance*. Brussels: Université, 87-107. [869.1,C149/310]
- Boxer, Charles R., 1981. *João de Barros: Portuguese Humanist and Historian of Asia*. New Delhi: New Concept. [908.2/B21]
- Coelho, António Borges, 1997. *João de Barros: Vida e Obra*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. [908.2/C50]